

Reformados Pela Palavra

Estudos sobre a Fé Reformada



**PENDÃO
REAL**

EDITORA

✠ IHS ✠

REFORMADOS PELA PALAVRA

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Educação Cristã coloca à disposição das igrejas uma revista que se fazia urgente e necessária. Reformados pela Palavra deseja ser uma “revista de cabeceira” para todos nós presbiterianos independentes. É um olhar sobre o que de melhor há em nossa tradição reformada. Leva-nos a questionar quem somos e para onde vamos. Chama-nos a assumir uma identidade que tem raízes profundamente históricas. Coloca-nos lado a lado com homens de Deus que “gastaram” suas vidas com o propósito de agradar a Deus.

Esta revista traz uma contribuição importante para o estudo do tema a que se propõe: “Reformados pela Palavra”.

Ressaltando a soberania de Deus e enriquecendo com detalhes da história da Reforma, mostra como Ele, agindo por intermédio de pessoas, revela-se ao mundo como o “Todo Poderoso”.

Brinda-nos com informações sobre a vida dos antigos reformadores Zúínglio, Farel, Calvino, entre outros, possibilitando uma forte identificação com o cristão de hoje.

Favorece a orientação para o diálogo sobre temas até certo ponto polêmicos, resgatando uma parte da história do desenvolvimento da igreja no Brasil, trazendo à tona temas como: “O testemunho na política”, “Pentecostalismo” e “A doutrina da eleição” (predestinação).

Se há uma coisa que os cristãos presbiterianos independentes não podem dispensar em sua prática de vida, é a necessidade de renovação constante. Esse tem sido o lema sustentado desde os reformadores: Igreja Reformada sempre se Reformando. Uma bandeira a ser levada e sustentada como indicação de uma identidade e de uma missão.

Rev. José Carlos Volpato
Secretário de Educação Cristã

Rev. Luiz Alexandre Solano Rossi
Coordenador das Revistas “A Semente”
e “O Luzeiro” da Secretaria de Educação
Cristã

Índice

Apresentação		1
Introdução		3
Lição 1	. ULRICO ZUÍNGLIO, REFORMADOR PIONEIRO	4
Lição 2	. GUILHERME FAREL, EVANGELISTA INTRÉPIDO	8
Lição 3	. JOÃO CALVINO LUTA COM DEUS	13
Lição 4	. JOÃO CALVINO, TESTEMUNHA DE JESUS CRISTO	17
Lição 5	. A ORDEM NA IGREJA	22
Lição 6	. GOVERNO E PRINCÍPIOS PRESBITERIANOS	26
Lição 7	. A DISCIPLINA NA IGREJA	30
Lição 8	. A BÍBLIA E O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO SANTO	35
Lição 9	. A SOBERANIA DE DEUS	39
Lição 10	. ELEITOS EM NOSSO SENHOR JESUS CRISTO	43
Lição 11	. A LITURGIA REFORMADA	47
Lição 12	. UM NOVO ESTILO DE VIDA	52
Lição 13	. A UNIÃO COM CRISTO	56
Lição 14	. O ESPÍRITO SANTO	60
Lição 15	. TESTEMUNHANDO NA POLÍTICA	65
Lição 16	. EM BUSCA DA UNIDADE	71
Lição 17	. SEMPRE SE REFORMANDO	76
Bibliografia		80

Publicada com a devida autorização e
com todos os direitos reservados pela
Associação Evangélica Literária Pendão Real
Rua Rego Freitas, 530 Loja O - Consolação
01221-010 - São Paulo - SP

1ª edição
julho/2002

Introdução

Há muito que sentimos a necessidade de estender às igrejas, de modo mais amplo e para reflexão, o ensino dos reformadores e da nossa tradição reformada.

Com as lições aqui apresentadas para estudo a cada domingo, poderemos alcançar, pelo menos em parte, esse objetivo.

Os diversos textos desta revista que preparamos com muito carinho têm a ver com a história da tradição reformada, mas buscam, principalmente, os desafios que ela nos apresenta. Nesse ponto, procuramos, algumas vezes, ir aos detalhes.

Também julgamos importante retomar temas e doutrinas que são parte fundamental da nossa compreensão da fé e da vida cristã. Compreendê-los em um novo tempo, pensando nas novas gerações, pode ser algo muito válido.

Pensamos também nos professores. Isso nos fez incluir, no final, uma bibliografia que poderá ser útil e valiosa para aprofundamento por parte daqueles que se interessarem.

Que o trabalho aqui apresentado possa servir para a glória do Senhor Jesus no tempo e no mundo em que vivemos!

Rev. Eduardo Galasso Faria, professor do Seminário Teológico de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil



Lição 1

ULRICO ZUÍNGLIO, REFORMADOR PIONEIRO

Ulrico Zuínglio (1484-1531) foi, antes de João Calvino e ao lado de Martinho Lutero, o iniciador da reforma religiosa que ocorreu na Suíça de fala alemã. Sua obra está na base da tradição reformada/presbiteriana, distinta da luterana e também da anabatista e com a qual se identificaram também outros reformadores como Martinho Bucer, em Estrasburgo, Guilherme Farel e João Calvino em Genebra, João Knox, na Escócia. Reformador intrépido, descobriu nas Escrituras a Palavra do Deus vivo e pessoal que o cativou e impulsionou para buscar a transformação da igreja e da sociedade, segundo os moldes do evangelho. Ao lado de Lutero, iniciou o movimento protestante na Europa.

A Suíça nessa época era formada por 13 cantões que gozavam de grande liberdade e eram governados como repúblicas independentes. Seu espírito livre não permitia a submissão às imposições da Igreja de Roma há muito tempo e isso favoreceu o movimento da Reforma. Zuínglio nasceu na vila de Wildhaus, na região alemã da Confederação Suíça, nos Alpes. Era o terceiro filho de uma família que estava acostumada a desempenhar funções políticas na cidade e seu pai era magistrado. Talvez por isso, em sua atuação como reformador, relacionava com facilidade a fé aos problemas da comunidade local.

Para ele, as áreas do estado e da igreja

podiam e deviam estar unidas, ao contrário de Lutero que as tratava separadamente como dois reinos quase separados, um de Deus e outro dos seres humanos. Encaminhado para o sacerdócio, estudou em Berna, Viena e na Universidade de Basiléia. Aos quatorze anos, em Berna, começou a receber a influência do movimento humanista que, mostrando-se insatisfeito com o que ocorria na Igreja, ajudou a abrir o caminho para a Reforma.

O Humanismo

Os humanistas tinham um ideal de sociedade que se espelhava na história antiga dos gregos e romanos - a antiguidade clássica. Dentro do cristianismo, eram intelectuais insatisfeitos com a igreja, críticos dos teólogos escolásticos e desejosos de ir ao encontro do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo nas "fontes", ou seja, nos textos originais da Bíblia. Falavam sobre a autoridade única das Escrituras, da justificação pela graça e do perdão de Deus, que vem por meio de Jesus Cristo e não pela compra de indulgências. Erasmo de Roterdã foi o grande inspirador dos humanistas e editou o Novo Testamento grego, influenciando o movimento da Reforma. Zuínglio conviveu com ele e a sua maneira de compreender a fé cristã traz as marcas desse convívio. Como Erasmo, ele queria a reforma do

cristianismo e, para isso, começou a estudar os pais da igreja e a Bíblia, tornando-se um crítico das superstições e da teologia escolástica então predominante.

Zuínglio foi influenciado também pelos escritos de Lutero e o admirava, mas gostava de se mostrar independente com relação a ele e, de modo especial, com relação ao seu pensamento sobre a ceia do Senhor: “Não aprendi minha doutrina com Lutero, mas na própria Palavra de Deus”, dizia. A influência de Agostinho sobre ele foi muito grande, como aconteceria também com Calvino, e isso fez com que, ao compreender a profundidade do pecado que corrompe o ser humano, ele acabasse por abandonar parte da influência das idéias de Erasmo. Chegou a dizer: “Dirigido pela Palavra e pelo Espírito de Deus, vi a necessidade de deixar de lado todos esses (ensinamentos humanos) e aprender a doutrina de Deus diretamente de sua própria Palavra.”

Em Glarus

Quando foi ordenado sacerdote, em 1506, aos vinte e dois anos, foi designado para a paróquia de Glarus. Como capelão, pregando e aconselhando, acompanhou seus paroquianos na condição de soldados mercenários, em lutas na Itália. Logo notou quão prejudicial e desumana era a situação de seus compatriotas, lutando e arriscando a vida por dinheiro, a serviço de outros países. Agindo como profeta, denunciou esse comércio como um pecado que devia ser extirpado do meio do povo: “O que aconteceu à Confederação (suíça) para que seus filhos e filhas devessem ser vendidos assim? Desgraça... pecado...! Ó Deus, concede-nos a paz!”

○ desconforto provocado por suas

idéias entre os paroquianos que viviam desse comércio levou-o a deixar Glarus, depois de dez anos de trabalho ali.

Em 1516, encontrava-se em Einsiedeln, um mosteiro que servia como santuário de peregrinação. Foi uma providencial interrupção para a sua formação teológica. Com Calvino, aconteceria praticamente a mesma coisa em Estrasburgo, em 1539.

Com o tempo que lhe sobrava, Zuínglio se tornou um estudioso dedicado dos clássicos, aproveitando também para estudar a edição grega do Novo Testamento de Erasmo, o que lhe possibilitou aumentar o seu amor pelas Escrituras. Foi quando copiou do grego, fazendo anotações, as epístolas de Paulo, que memorizou, e foi também quando começou a perceber melhor como a igreja se desviara dos ensinamentos do evangelho.

Em Zurique

Em 1518, por sua fama de bom pregador, foi chamado para a famosa catedral de Zurique, onde passou a ser chamado de “sacerdote do povo”. Em 1º de janeiro de 1519, abandonando a forma tradicional da missa, iniciou suas originais pregações expositivas, começando pelo evangelho de Mateus. A presença dos paroquianos aumentava a cada dia, para ouvir a Palavra de Deus.

Nesse tempo, a cidade foi atingida por uma epidemia que matou milhares, inclusive um seu irmão. Sua dor foi enorme e ele passou, então, por uma intensa experiência religiosa. Sentiu a morte de perto e a dependência de Deus, escrevendo: “Ajuda-me, Senhor, força e rocha minha... Ergue teu braço... que venceu a morte, e livrou-me.”

Contra a imposição eclesiástica das práticas de jejum na quaresma, ele defendeu, de maneira ousada em 1522, a idéia de que, para os cristãos, a única coisa obrigatória era o conhecimento da Bíblia, o que provocou grande atrito com o bispo. Seguiram-se, então, as famosas disputas de Zurique em que o povo comparecia e Zuínglio enfrentava os clérigos que, pela influência de Roma, se opunham às suas idéias.

Mesmo assim, o Conselho dirigente da cidade praticamente endossou e defendeu suas posições contra o bispo. Com esse apoio, ele iniciou um programa de educação popular da cidade, algo revolucionário para o seu tempo. Para os pastores e estudantes de teologia, instituiu o que seria o germe de um seminário - a Profecia - uma hora diária reservada ao estudo de exegese e interpretação da Bíblia.

A descoberta da Bíblia

A descoberta da Bíblia pode ser considerada o eixo central da reforma zuíngliana. Com ela, Zuínglio deixou de ser um simples humanista para falar do seu encontro com Deus. Passou a se dedicar inteiramente às Escrituras, chegando ao ponto em que, “guiado pela Palavra e pelo Espírito de Deus, vi a necessidade de colocar de lado todas essas coisas e aprender da doutrina de Deus diretamente de sua própria Palavra. Então comecei a pedir luz a Deus e as Escrituras tornaram-se muito mais claras para mim.”

Outros importantes passos ocorreram em sua vida. Em 1520, aos 36 anos, dispensou a pensão papal que recebia e, em 1523, sua atuação em Zurique era um

ataque frontal à Igreja com o seus ensinamentos sobre a penitência, o celibato clerical - ele mesmo se casou -, o purgatório, o caráter sacrificial da missa. Defendeu suas idéias e as expôs em 67 Artigos (a primeira Confissão de Fé Reformada) que destacavam a autoridade exclusiva das Escrituras como princípio fundamental.

Negou a missa como ato sacrificial, a salvação pelas obras, a intercessão dos santos, o purgatório e afirmou a salvação pela fé e Cristo como único cabeça da igreja. Em 1525, o conselho da cidade aboliu a missa e, em seu lugar, passou a existir um culto simples, com destaque para o sermão. Zurique tornou-se uma cidade reformada.

Com relação ao culto, Zuínglio pensava que só devia ser autorizado aquilo que estivesse explícito nas Escrituras e, nesse sentido, foi mais radical que Lutero. Eliminou as imagens e, embora fosse exímio músico, desautorizou o uso do órgão na igreja. Por quê? Para que somente a Palavra fosse pronunciada e plenamente ouvida. Para a organização e governo da nova igreja, criou o Sínodo, cabendo a Calvino, mais tarde, o organizar o Consistório (Conselho).

Preocupou-se com alterações de alcance social para a cidade, como a destinação de rendas da igreja para o atendimento aos pobres. Voltou-se para os marginalizados e condenou o seu abandono dizendo, ao combater as falsas imagens, que havia muitas imagens verdadeiras de Deus no mundo que definham: “Pelo amor da glória de Deus, alguém deveria vestir as imagens viventes de Deus, os cristãos pobres, e não ídolos de madeira e pedra.” Com isso, Zuínglio se mostrou um crítico das desigualdades e injustiças, clamando pela justiça divina.

Igreja e Estado

Zuínglio concordava em muitos pontos com os ensinamentos de Lutero, mas teve uma discordância básica com ele. No Colóquio de Marburgo em 1528, uma tentativa feita pelo imperador para que fosse selada a união entre protestantes alemães e suíços, enquanto Lutero defendia a presença física de Cristo no pão, para Zuínglio, as palavras de Jesus, “isto é o meu corpo” queriam dizer apenas “isto significa o meu corpo”. Essa idéia quase memorialista da Ceia e não a posição conciliatória e muito mais feliz de Calvino, enfatizando a presença real mas mística de Cristo na ceia, acabou, infelizmente, predominando entre os reformados em quase todo o mundo, até os dias de hoje.

A experiência religiosa de Zuínglio também foi bem diferente e muito mais tranquila que a de Lutero. Além disso, discordavam quanto ao modo de compreender o evangelho em sua aplicação à sociedade. Zuínglio via com naturalidade a possibilidade e a necessidade da aplicação da vontade de Deus aos empreendimentos humanos, enquanto os luteranos eram pessimistas com relação a isso.

Para ele, a atividade redentora de Cristo não podia se limitar à igreja, embora estivesse ciente das limitações do estado: “Se as autoridades ajudarem, então o vício pode ser expulso com maior paz, mas, se não ajudarem, o pastor tem de arriscar a pele e esperar apenas a ajuda e a libertação de Deus.” Para ele, como para Calvino mais tarde, lei e evangelho se completavam na prática da vida cristã já que “Cristo não deixará que seu povo seja indolente.”

Em sua atuação, Zuínglio, que juntava as qualidades de cristão com as de patriota,

sempre buscou uma estreita cooperação com o governo civil em uma espécie de ação conjunta entre estado e igreja, para a construção de uma verdadeira comunidade, à semelhança do que fez mais tarde, Calvino, em Genebra. Para ele “a ética política de Lutero, a doutrina dos Dois Reinos, lhe eram estranhas.” O importante era que a a salvação tivesse um alcance maior que a nossa vida interior.

Como Calvino, Zuínglio desejava que as autoridades, com seu governo civil, pudessem atuar ao lado da igreja. Em 1525 foi formado em Zurique um grupo de teólogos e membros do Conselho para estabelecer um código de moral que pudesse ser obedecido pelos habitantes, buscando uma aliança entre estado e igreja. Falava do magistrado como servo de Deus e da necessidade de ambas essas esferas trabalharem no sentido de promover o reino de Deus.

Conclusão

Com exceção em um ou outro ponto, a teologia de Zuínglio não prosperou muito. Uma explicação está sem dúvida, na grandeza de Lutero, seu contemporâneo, e a outra, na maneira genial como Calvino, que veio logo depois, elaborou a sua teologia. Além disso, a morte prematura desse importante servo de Deus, lutando na batalha de Kappel, contra cantões suíços católicos, em 1531, com apenas 47 anos, foi fator determinante para impedir um alcance maior para as suas idéias.

Finalizando, é bom lembrar algumas palavras suas que, segundo um de seus biógrafos (Timothy George), sintetizam sua energia e sua espiritualidade inspiradoras: “Faça algo corajoso por amor a Deus”.



Lição 2

GUILHERME FAREL, EVANGELISTA INTREPIDO

Difícilmente alguém que tenha se interessado pela figura de João Calvino deixou de saber do papel que desempenhou em sua vida o reformador francês de barba ruiva, chamado Guilherme Farel. Está lá na memória aquele homem inflamado que, conversando com Calvino em uma hospedagem, à luz de uma vela, se exalta e, apontando o dedo para o alto, fala: “Digo-te, em nome de Deus todo-poderoso, que estás apresentando teus estudos como pretexto. Deus te amaldiçoará, se não nos ajudares a levar adiante o seu trabalho!...”

Foi, então, que o jovem tímido, vinte anos mais novo, se decidiu: “Senti... como se Deus estivesse estendido a sua mão do céu em minha direção... Fiquei tão atemorizado que interrompi a viagem que havia encetado. ... Guilherme Farel me reteve em Genebra.”

Quem era mesmo esse homem? Como foi que veio pregar o evangelho em Genebra?

Por certo suas relações com Calvino não pararam no que vimos aí. Qual a sua história? É o que vamos procurar conhecer, mas é preciso saber desde já que estamos diante de um dos mais decididos e atuantes reformadores do século XVI. São suas marcas a humildade, o espírito serviçal, a erudição, uma fé fervorosa, um firme caráter e um espírito inconformado com

as coisas erradas ao seu redor. É também chamado de “o reformador de Neuchatel,” cidade à qual dedicou grande parte de sua vida, como pastor.

De cidade em cidade

Guilherme Farel nasceu em Gap, na França, em 1489. Pertencia a uma família aristocrática e os pais queriam que ele seguisse a carreira militar. Ele, entretanto, escolheu um outro destino. Jovem ainda, a leitura do Novo Testamento o fez decidir-se pela causa da Reforma. Aos vinte anos estava estudando em Paris, onde recebeu grande influência do reformador e humanista LeFèvre d’Étaples, um estudioso das Escrituras e professor da Universidade de Paris, que mais tarde influenciaria Calvino também.

Como pensador, LeFèvre antecipou algumas idéias de Lutero, como a salvação somente pela graça. Traduziu o Novo Testamento para o francês, mas foi expulso da Universidade e seus escritos, condenados em 1525. Para alguns ele foi a Estrela d’Alva da Reforma. Foi com ele que Farel ouviu, pela primeira vez, sobre a verdadeira fé. Os humanistas conheciam os escritos de Lutero e queriam a reforma da igreja, mas poucos abandonaram a Igreja Católica. Assim, fora da Alemanha e especialmente na França, diz-se que a Reforma chegou de

mãos dadas com o humanismo.

Perseguido e sem poder continuar na França, Farel foi para Basileia (1524), na Suíça, onde se reuniu a um pequeno grupo de refugiados franceses. Pensava em uma reforma da igreja a partir de dentro da igreja ("eclesiola"). Elaborou 13 artigos de fé e os enviou à Universidade que, no entanto, recusou-se a discuti-los.

Embora humanista, desentendeu-se com o famoso Erasmo de Roterdã, tendo de abandonar a cidade. Isso não o impediu de continuar peregrinações evangelísticas, por diversos lugares, como Estrasburgo (1525), Neuchatel e Berna (1526). Muitas vezes, pelo seu temperamento e ousadia ao pregar o evangelho, provocava tumultos por onde passava.

Em Estrasburgo tornou-se amigo de Martinho Bucer, o reformador que tanta influência exerceu sobre Calvino. Em Berna, apesar dos distúrbios que provocou, conseguiu o apoio das autoridades. Muitas vezes Farel foi maltratado, sofrendo ataques pessoais, saindo machucado, correndo risco de vida e sendo expulso das cidades onde anunciava o evangelho. Em um debate que ocorreu em Berna, em 1527, sua participação foi muito importante e ele foi considerado um dos mais importantes teólogos presentes, tendo contribuído muito para o seu êxito.

Era comum naquele tempo os reformadores participarem dessas grandes disputas religiosas com o clero, como aconteceu com Zuínglio. Em geral, os ataques à idolatria e à missa como repetição do sacrifício de Cristo ocupavam o centro da discussão. Muitas pessoas eram atraídas e, em alguns casos, os cidadãos e as autoridades, no final, decidiam adotar a Reforma. A cidade de Berna, por exemplo, decidiu-se pela Reforma em 1528.

Berna, aliada de Genebra

A região da Suíça, possuía traços próprios, bem característicos, não só pela sua geografia. Formava uma confederação com 13 cantões praticamente independentes, possuindo seu povo um forte espírito de independência. Muitos desses cantões haviam se libertado do domínio de senhores e reis, e seus cidadãos exerciam o governo, de forma democrática. Era grande a sua resistência contra quaisquer intromissões e principalmente contra os impostos papais.

Berna era a cidade mais forte no sul, enquanto no norte era Zurique, onde Ulrico Zuínglio desenvolveu sua obra reformadora a partir de 1522. Tendo se juntado à causa da Reforma, Zurique se tornou na Suíça do norte o valente cantão protestante - representado por um urso em sua chancela - defensor das cidades e vilas que se decidissem, como ela, pelos reformadores. Também Berna tinha essa preocupação. Como acontecia comumente naquele tempo, as questões religiosas estavam quase sempre misturadas com as questões políticas.

Berna disputava contra os duques de Sabóia, da região da Itália, o domínio dos territórios de fala francesa que estavam junto ao lago de Genebra, próximo dali. Para o Conselho que governava a cidade, Farel era o homem ideal para a tarefa de evangelizar as cidades que falavam francês e estavam sob domínio papal.

A ele não faltava coragem e ousadia, como aconteceu certa feita, ao tomar, das mãos de um padre, na procissão, algumas relíquias e jogá-las no rio. Em outra ocasião, em uma igreja de Roma, passou a gritar mais alto que o padre, provocando mais um tumulto.

Farel atuou como pastor e evangelista em diversas cidades suíças como Aigle, Morat, Neuchatel, Lausanne, mas, por causa de seu espírito inquieto, impetuoso e até ingênuo, foi algumas vezes aconselhado a moderar discretamente a sua coragem. Para realizar sua obra evangelística organizou também escolas, mas preferia as viagens missionárias e, sendo um pregador de sucesso, com um púlpito portátil que levava consigo, logo envolvia as pessoas, onde quer que estivessem aglomeradas.

Tornou-se, então, líder de um grupo de missionários e, em 1532, compareceu a um sínodo dos valdenses (movimento religioso do século XII, que buscava a simplicidade e pureza de vida aliadas a uma espiritualidade profunda), conseguindo que muitos aceitassem as idéias da Reforma. Nesse mesmo ano esteve, pela primeira vez, em Genebra. Aí falou a uma multidão, mas foi barrado por dezenas de padres, tendo que fugir.

Genebra era uma cidade comercial cobiçada pelo poderoso duque de Sabóia. Seu governo era partilhado, de um lado, pelos cidadãos, que lutavam pelos direitos da cidade, e, do outro, pelo duque e pelo bispo, que era seu aliado. Um ataque armado do duque, em 1530, quase fez dos genebrinos seus súditos. A ajuda de Berna, já protestante, foi decisiva para que Genebra mantivesse sua liberdade. Assim, aos poucos, as idéias da Reforma conseguiam maior simpatia na cidade e muitos se decidiam pela causa evangélica.

Farel volta a Genebra

Mesmo com uma primeira experiência negativa em Genebra, Farel retornou em 1533, com o apoio de Berna. Falou ao povo sobre as falsas relíquias e milagres feitos pelos padres para enganar a popu-

lação. Desta vez, foi enviado juntamente com outro pregador, chamado Viret. Berna insistia em que se fizesse um debate público com os padres e os pregadores reformados conseguiram grande vitória diante do povo. O duque de Sabóia, sentindo que a cidade escapava ao seu domínio, preparou um ataque armado cercanda-a com grande número de soldados.

Os preparativos para a luta começaram e, enquanto Farel e Viret animavam o povo, os debates prosseguiram. Farel era aclamado a ponto de ser carregado pelo povo na rua. Pregou então, pela primeira vez, na igreja de São Pedro. Convocado para comparecer perante o Conselho dirigente da cidade, pleiteou o reconhecimento oficial da fé protestante. "Nós nos submeteremos alegremente à morte em vossas mãos, disse Farel, se for provado que pregamos qualquer coisa contrária às Sagradas Escrituras" (Thea Halsema).

E assim, por um edital de agosto de 1535, a religião de Genebra deixou de ser a de Roma e a missa não foi mais celebrada. Fortalecido em sua atuação pelas autoridades e pelo povo, Farel passou a tomar conta das igrejas de São Pedro e Madalena, que foram esvaziadas de suas imagens. Um convento foi transformado em escola, outro em hospital e muitos padres e freiras preferiram abandonar a cidade.

As pressões aumentavam por parte do duque e a fome começou a rondar a cidade até que as tropas de Berna, em fevereiro de 1536, livraram a cidade da destruição. Convocado pelos Conselhos, o povo compareceu à igreja de São Pedro e, finalmente, diante dos três pregadores - Farel, Froment e Viret - jurou, em 21.5.1536, com as mãos erguidas, viver conforme o evangelho e a Palavra de Deus, deixando a igreja do papa.

A chegada de Calvino e as dificuldades

A vitória parecia alcançada, mas Farel podia perceber o quanto havia para ser realizado. Uma reforma religiosa não se faz apenas com o gesto de levantar as mãos simplesmente. Farel enfrentava, gesticulava, bradava, infundia ânimo, podia apanhar como já acontecera, mas sabia de suas limitações. Para tanto trabalho, era preciso inteligência e dedicação para que uma obra duradoura pudesse ser realizada.

Aí deparamo-nos com uma de suas grandes qualidades. Reconhecido, então, como o mais importante teólogo de fala francesa, não teve dúvidas em prestigiar um moço que, por certo, o suplantaria. Para ele, João Calvino conhecia as Escrituras como ninguém e podia ensiná-las ao povo.

As lutas de Farel prosseguiram, com a participação do companheiro que se tornou seu amigo para toda a vida. Agora, a cidade de Lausanne ia ter o seu grande debate público. Para lá seguiu Farel, acompanhado de Calvino. Pregou o sermão inicial e apresentou 10 teses em um debate que prosseguiu por vários dias. Calvino, chamado a participar, mostrava o seu grande conhecimento não só das Escrituras, mas dos grandes teólogos cristãos da antiguidade, entre os quais Agostinho.

Mesmo assim, em Genebra, os descontentamentos por parte da população logo surgiram. Primeiro dos nacionalistas, contra os pregadores que eram franceses. Depois, por causa de seu excesso de zelo na aplicação da Palavra de Deus à vida diária e também da proibição na participação da ceia pelos indignos. Uma outra dificuldade foi a posição de Calvino contra as imposições litúrgicas de Berna para a igreja em

Genebra. Farel, amigo verdadeiro, fez de tudo para defender Calvino, mas pouco conseguiu.

Os pregadores foram obrigados a se retirar. Era o ano de 1538. Pela segunda vez, o pregador destemido de barba ruiva, tinha de deixar a cidade, ameaçado pela população. Desta vez, em companhia de Calvino e dos outros pregadores. Um novo destino e novas tarefas o aguardavam. Calvino foi acolhido em Estrasburgo por Bucer e Farel seguiu para a cidade que anos atrás evangelizara: Neuchatel. Seria o seu pastor.

Mas as lutas e os problemas continuaram. E também as peregrinações. Em 1542, ele ficou por alguns meses na cidade de Metz. Em 1549, após a morte de Idelete, a esposa de Calvino, Farel insistiu com ele para que fosse ao encontro do reformador Bullinger, em Zurique. O resultado foi a presença dos dois naquela cidade participando de colóquios que resultaram na assinatura do Consensus Tigurinus ou Consenso de Zurique, uma afirmação de fé assinada por seguidores de Calvino e de Zuínglio, unindo-os na questão polêmica acerca da Ceia do Senhor.

Em 1553, acompanhou Teodoro Beza, sucessor de Calvino, em sua missão à Alemanha, ano em que, já velho, casou-se nascendo-lhe um filho único. Em 1564, voltou a Genebra para acompanhar os últimos dias de Calvino. Faleceu em 1565, um ano depois de Calvino, aos 76 anos.

O grande amigo e irmão

Farel teve com Calvino uma profunda amizade que é atestada pelas inúmeras cartas que os dois reformadores trocaram entre si. Apesar de terem uma diferença

de vinte anos, um sentimento de profunda afeição e respeito cresceu entre eles. Quando Calvino enfrentou calúnias, como no caso das acusações de heresia por parte de Pedro Carolli, Farel estava do seu lado lutando, sendo acusado também. Em um momento muito difícil para Calvino, por ocasião do julgamento de Miguel Serveto e sua condenação à morte, lá estava Farel para apoiá-lo.

Além das questões de igreja, que enfrentavam, compartilharam inúmeras confidências e algumas vezes o relacionamento entre os dois chegou a ser áspero. Calvino escreveu de forma dura para Farel desaprovando o seu casamento com uma jovem. Isso, entretanto, não prejudicou a amizade que sempre cultivaram. Quando, muito antes, Calvino pensou em se casar, em Estrasburgo em 1539, quis que o amigo fizesse a cerimônia: "Peço-lhe que me assegure que você virá. Prefiro você a qualquer outra pessoa."

Consultavam-se continuamente nas decisões importantes a tomar. Quando Calvino hesitou em atender aos apelos da cidade de Genebra para voltar, Farel escreveu-lhe com palavras incisivas - "Você está porventura esperando que as pedras clamem?" - contra o que retruca o amigo, quase ofendido: "Os raios que você tão estranhamente lança sobre mim, por razões que desconheço, encheram-me do maior terror e consternação. Você sabe que tenho receado esta convocação, mas que não tenho permanecido surdo diante dela. Por que, então, atacar-me com tanta violência

a ponto de quase romper nossa amizade?"

De fato, temeroso de voltar a Genebra, Calvino chegou a dizer que "não há lugar sob o céu do qual tenho maior receio" para afinal responder: "quando pondero que não sou meu, ofereço meu coração como um sacrifício ao Senhor... Entrego minha alma em obediência a Deus, acorrentada e presa."

Na verdade, Farel foi o grande interlocutor entre o Conselho da cidade e Calvino, fazendo o possível e o impossível para que o seu colega voltasse à cidade de onde haviam sido expulsos e para a qual estava certo que Deus o havia convocado e que não podia ficar abandonada. Por isso e muito mais, Calvino podia escrever para Farel, dizendo: "meu melhor e mais digno irmão".

Conclusão

Guilherme Farel exerceu sobre a Reforma na Suíça uma profunda influência. Dotado de grande intrepidez, deixou a marca de uma notável eloquência popular e revolucionária. Infatigável em seu trabalho, mais prático que teórico, possuía um grande coração a que aliava um espírito de tolerância. Lutou pela unidade entre os protestantes na Europa e exerceu grande influência sobre seus contemporâneos. Deixou profunda impressão a sua atuação como evangelista que sofreu duras perseguições pela causa do evangelho de Jesus Cristo. Hoje ainda chamam a atenção suas qualidades e dedicação a uma causa que nunca abandonou.



JOÃO CALVINO LUTA COM DEUS

O fato de fazermos parte de uma dentre as muitas igrejas presbiterianas em todo o mundo e de levarmos o nome de reformados ou presbiterianos indica que, dentre os seguidores de Jesus Cristo em todo o mundo, constituímos uma família. Essa família, formada por igrejas que se originaram no movimento da Reforma protestante, é como uma grande árvore frondosa, com galhos que se estendem por inúmeros países, cujas raízes estão no século XVI, época em que a América e o Brasil acabavam de ser descobertos.

A Reforma teve como preocupação máxima, diante dos desvios apresentados pelo cristianismo medieval, retornar aos fundamentos da fé cristã vividos pela Igreja Primitiva, conforme o testemunho do Novo Testamento.

Como toda família, a presbiteriana ou reformada também é marcada pelo que herdou dos primeiros pais, seus ensinamentos e exemplo de vida. Os luteranos, por exemplo, têm até hoje grande apreço por Martinho Lutero, pela sua vida, seus escritos e o que ele representou, da mesma forma que os metodistas têm por João Wesley. O mesmo ocorre conosco. É natural que queiramos saber mais da vida do reformador João Calvino, da sua importante obra e dos seus escritos inspiradores.

Quem visita Genebra, na Suíça, pode ver junto aos muros de sua universidade o belo Monumento à Reforma. Lá estão esculpidos

em pedra, em um magnífico trabalho artístico, as estatuas de Guilherme Farel, João Calvino, Teodoro Beza e João Knox. Eles são reconhecidos como os pais do movimento reformado/presbiteriano, que alcançou o restante do mundo, inclusive a América e o Brasil. Por isso, é necessário conhecê-los melhor. Com o texto de hoje, vamos apreciar a vida de Calvino até o momento em que, sentindo-se chamado por Deus, passou pela experiência da conversão, que mudou a sua vida.

I

João Calvino nasceu na cidadezinha de Noyon, a menos de cem quilômetros de Paris, na região da Picardia, na França, em 10.6.1509. Ele fez parte da segunda geração de reformadores, que sucederam Lutero, vinte e seis anos mais velho que ele. Quando o reformador alemão apresentou suas 95 teses contra as indulgências e o papado, em 1517, em Wittenberg, na Alemanha, Calvino tinha apenas oito anos. Seu pai, pertencia à classe burguesa em ascensão naquela época, mas estava ligado, como sua mãe Jeanne, ao clero e à nobreza. Por causa disso, podemos dizer que ele recebeu, em sua formação, muita influência da cultura dessas duas classes sociais francesas.

Com a morte de sua mãe, quando ele era ainda criança, passou a viver na casa de uma família aristocrática, os Hangest,

com quem partilhou uma educação nobre e refinada. Por causa dessa educação e também de sua personalidade, ele era uma pessoa polida e reservada.

A intenção de seu pai era que ele se tornasse um sacerdote. Sendo secretário do bispo de Noyon, conseguiu para o filho uma espécie de bolsa para que ele fosse continuar os estudos em Paris. Foi assim que ele, embora jovem, passou a receber os benefícios de um cargo eclesiástico (capelão), como era o costume naquele tempo.

Com esses recursos, começou a estudar no famoso Colégio de la Marche, onde aprendeu latim, filosofia, artes. Depois, estudou por três anos no colégio Montaigu, por onde passaram outros estudantes que se tornaram homens famosos, como Inácio de Loyola e Erasmo de Roterdã. Aí estudou lógica e teologia.

Depois, com o mestre M. Cordier aprendeu a escrever em latim clássico, bem como usar a língua francesa com “direitura, clareza, precisão, vivacidade e elegância” como escreveu o rev. Vicente Themudo Lessa. Segundo outros, Calvino escrevia com grande estilo, de forma austera, correta e castiça.

Nos quatro anos que estudou em Paris, Calvino se revelou um estudante inteligente, perspicaz, dedicado e obsessivo, lendo até altas horas da noite e levantando de madrugada, apesar de suas frequentes dores de cabeça e do estômago.

Ao estudar a teologia escolástica passou a criticá-la como faziam os humanistas. Considerava-a “sofisticada, tortuosa e enigmática”. Também foi aí que entrou em contato com as idéias de Lutero, que seus mestres ortodoxos procuravam refutar. Na cidade, por intermédio dos colegas de Noyon, conheceu e fez amizade com o médico do rei, o humanista Guilherme Cop.

II

No tempo que esteve na capital francesa, ele conheceu as idéias do padre humanista Lefèvre d'Étaples, da Universidade da Sorbonne, de quem também Farel foi aluno e que entre os seus ensinamentos dizia que a salvação só podia ser alcançada pela graça de Deus. Ele havia traduzido o Novo Testamento para o francês e ensinava a Bíblia para o povo. Por causa disso, acabou sendo expulso da Universidade pelo rei Francisco I.

Calvino o visitou já velho e conversou com ele. Seu pensamento era reformar a Igreja de Roma estando dentro dela. Pelo seu testemunho e pela influência que exerceu sobre os reformadores na França, ele se tornou o inspirador do protestantismo francês.

Outra influência importante na vida de Calvino foi a amizade que desenvolveu com seu primo Roberto Olivétan, que já estava percorrendo os caminhos da nova fé. Com ele tinha conversas frequentes. Quando Olivétan fez uma tradução da Bíblia para o francês, Calvino escreveu, em 1535, um prefácio dirigido “A Todos os que Amam o Senhor Jesus Cristo e seu Evangelho”.

Ao término desse curso de filosofia e teologia, seu pai Gerard, que havia se desentendido com o bispo de Noyon, mudou de propósito quanto à carreira que o filho devia seguir “ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas,” como diz o próprio Calvino ao narrar parte de sua experiência, em sua dedicatória ao comentário sobre livro dos Salmos.

Aos vinte anos deixou Paris e iniciou, na cidade de Orléans, os novos estudos. Aprofundou-se no conhecimento dos clássicos antigos. Aí aperfeiçoou o seu domínio

da língua grega com o mestre Wolmar, um homem simpático às idéias de Lutero.

Esse período deu a Calvino um preparo para compreender as leis, sua estrutura e suas aplicações na prática, o que foi muito importante quando mais tarde, em Genebra, teve de cuidar das leis para o governo da cidade, bem como preparar uma constituição para a igreja (livro de ordem).

Continuava como estudante dedicado, evitando muitos divertimentos e festas e se dedicando aos estudos. Depois de um ano, mudou-se para a cidade de Bourges onde foi aluno de um famoso professor de direito, chamado Alciati.

Em 1531, Calvino volta à sua cidade natal para atender ao pai, muito doente e que veio a falecer. Com isso, um novo ciclo começou em sua vida. Decidiu então seguir o seu destino e os sonhos de uma vida dedicada não à igreja, nem à busca de dinheiro com a advocacia, mas à literatura e à vida acadêmica.

Alugou um quarto em Paris, onde assistia a conferências literárias nas faculdades, estudava mais grego e latim e iniciava o estudo do hebraico. Aos vinte e três anos, em 1532, publicou o seu primeiro livro - Sobre a Clemência - um comentário sobre um livro do filósofo romano Sêneca. Embora repleto de qualidades literárias, o livro foi um fracasso de vendas.

III

Por esta época, houve um acontecimento muito importante na vida de Calvino e sobre o qual não existe muita informação. Trata-se de sua conversão, que ele diz ter ocorrido de maneira súbita. Uma das dificuldades para se conhecer esse fato está justamente no caráter tímido e retraído de Calvino, que pouco falava de si mesmo.

Por outro lado, pela sua formação católica, ao se deparar com as novas idéias religiosas, sentia problemas interiores e dúvidas com as quais vinha lutando há algum tempo. “Confesso que, no princípio, resisti com energia e irritação; porque ... foi com a maior dificuldade que fui induzido a confessar que, por toda minha vida, eu estivera em ignorância e erro”, escreveu.

Sabemos também que ele conheceu o pensamento do reformador suíço Ulrico Zuínglio e leu diversos escritos do grande reformador alemão Lutero, por quem nutria profundo respeito e admiração e a quem chamaria mais tarde de “ilustre mestre” e “meu pai sempre honrado”. Além disso, o contato com as idéias do velho professor e humanista Lefèvre e a amizade com o primo Olivétan contribuíram para o seu esclarecimento, de forma a prepará-lo para ter a sua própria experiência religiosa.

Outras coisas também estavam acontecendo. Vimos como ele fizera amizade com Cop, o médico do rei. Pois bem, esse médico, que foi nomeado reitor da Universidade de Sorbonne em Paris pelo próprio rei, em 1533, pronunciou um discurso em que estavam presentes as novas idéias evangélicas, proclamando Cristo como único mediador entre Deus e os seres humanos. Tal fala, pelo seu caráter revolucionário, causou escândalo entre os professores. A notícia que correu foi de que, na redação do discurso, Cop havia sido orientado por Calvino.

Perseguidos, tanto o reitor como Calvino tiveram de escapar da cidade às pressas, disfarçados. Calvino desceu os muros da cidade por uma corda e, vestido como camponês, fugiu. Nesse momento ele era um homem caçado pelas autoridades. Teve de usar disfarces e nomes fictícios para poder

sobreviver. Tinha novas idéias, uma nova maneira de viver e por isso pagava um preço. Muito mais do que isso. Agora era um homem com um coração convertido.

Em 1534, aos vinte e cinco anos, ele se apresentou diante do clero de Noyon, sua cidade natal, para dizer que não seria mais padre e que, doravante, não queria mais os benefícios que até então vinha recebendo da Igreja. Nesse ano, mesmo perseguido, entrou em Paris novamente para logo viajar para outras cidades.

Nos arredores da cidade de Poitiers algo extremamente importante e surpreendente aconteceu. Leiamos o que diz Thea Halsema: "Ali Calvino palestrava e ensinava num bosque e, mais tarde, numa caverna iluminada pela luz de archotes. Dizem que nesta caverna Calvino celebrou a Ceia do Senhor pela primeira vez, usando uma pedra chata como mesa. Fê-lo com simplicidade, citando as palavras de Cristo, sem a pompa da missa católica-romana." (Thea Halsema, p. 39).

IV

Bem mais tarde, na dedicatória ao comentário sobre o livro dos Salmos (1557) um dos poucos escritos em que abriu o seu coração, ele também relatou um pouco do que aconteceu quando, depois de muita resistência, se entregou a Deus: "Por uma súbita conversão, Deus

subjugou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível..." "Não tardou que eu percebesse, como se uma luz houvesse raiado sobre mim, o monturo de erros em que eu havia me emaranhado. Com grande temor e medo da miséria em que eu havia caído, e ainda mais receoso do que me ameaçava, a possibilidade da morte eterna, não podia fazer outra coisa senão seguir o Teu caminho, condenando o meu passado com não poucas agonias e lágrimas..."

"Tendo recebido alguma experiência e conhecimento da verdadeira piedade, imediatamente me senti inflamado de um desejo tão intenso de progredir nesse novo caminho que, embora não tivesse abandonado totalmente os outros estudos, me ocupei deles com menos ardor.... Possuidor de uma disposição um tanto rude e tímida, o que me levava sempre a amar a solidão e o isolamento, passei, então, a buscar algum canto isolado onde pudesse furtar-me da opinião pública... Em suma, enquanto meu único e grande objetivo era viver em reclusão, sem ser conhecido, Deus me guiava através de crises e mudanças, de modo a jamais me permitir descansar em lugar algum."

Foi assim que um homem que buscava o seu próprio caminho e fugia de Deus, por Ele foi chamado e (depois de muita luta) se entregou: "Não podia fazer outra coisa senão seguir o Teu caminho..."



JOÃO CALVINO, TESTEMUNHA DE JESUS CRISTO

Como já vimos, falar da condição de crentes reformados/presbiterianos é procurar, antes de tudo, descobrir as raízes que nos inserem na grande árvore que é a igreja de Jesus Cristo no tempo e no espaço. Uma das formas de se fazer isso é procurar conhecer, em primeiro lugar, os personagens que estiveram no centro do movimento que resultou na Igreja Reformada, que tem sua origem na Suíça do século XVI e que se espalhou por diversas partes do mundo.

Na verdade, as pessoas são e serão sempre agentes históricos que, ao dar os primeiros passos em uma caminhada que hoje também pode ser a nossa, nos inspiram e ensinam sobre o que somos e como podemos dar continuidade a uma causa da qual fazemos parte, como herdeiros.

Sobre Calvino já sabemos de sua vocação e decisão em favor da causa de Jesus Cristo. Também já ouvimos como Deus usou o francês Guilherme Farel para que Calvino desse um passo decisivo na direção de um caminho que não era bem o que ele planejava para sua vida (ser um escritor famoso, mais ou menos descompromissado).

Podemos nos lembrar de sua luta para não ceder diante do chamado de Deus e de como, ao ser vencido por Ele, logo se envolveu em uma aventura que se iniciou em Genebra e se espalhou por toda a Europa, depois para a América e pelo resto

do mundo. Foi notável a sua contribuição para o estabelecimento de uma consciência evangélica que, com o passar do tempo, moldou uma forma cristã de viver (ethos) e acabou marcando, de muitas maneiras, a cultura ocidental.

Para compreender melhor quem foi Calvino, é importante e muito interessante nos determos na experiência original que ele teve como um novo converso ao evangelho de Jesus Cristo. Para dar o passo que mudou sua vida, por certo enfrentou dúvidas pessoais com as quais teve de lutar. Como foram solucionadas essas dúvidas? Depois vieram as cobranças e acusações das pessoas ao seu redor. Como podia abandonar a religião a que ele e os seus tradicionalmente pertenciam? Como justificar essa mudança em sua vida?

Ao contrário de Lutero, que possuía um temperamento muito mais expansivo e comunicativo, Calvino falou pouco de sua própria experiência e algumas vezes, quando o fez, foi de maneira indireta. Mesmo assim, é por demais importante conhecer essa experiência na forma em que ele a expressou, para poder utilizá-la talvez como um espelho que nos permita comparar com a experiência que temos como seguidores de Jesus Cristo nos dias de hoje. É valioso também conhecer um pouco da situação histórica em que ele viveu e na qual esses acontecimentos se deram.

A situação histórica de Genebra

A cidade de Genebra possuía, como vimos, uma história de lutas pela liberdade, fazendo tudo o que estivesse ao seu alcance para não se submeter ao domínio do bispo católico, aliado do duque de Sabóia. Em 1535, a missa não era mais celebrada lá. A cidade de Berna se decidira antes, em 1528, por influência de Zuínglio e estava disposta a fortalecer Genebra para que seguisse o mesmo caminho, propondo-lhe uma aliança política. Escolheram então uma pessoa especial para realizar essa tarefa: o missionário francês, Guilherme Farel.

No desempenho de sua missão, Farel fazia o que podia, com o auxílio de alguns companheiros da nova fé: pregava em praça pública, participava de debates com os padres para defender a fé verdadeira, visitava as pessoas. Por causa de tudo isso, muitas vezes era perseguido e maltratado. Foi assim que, após um grande debate com os padres na igreja de São Pedro, em que Farel foi aclamado pelo povo, o Conselho da cidade, em 1535, resolveu abandonar Roma e adotar a nova fé.

As imagens foram retiradas das igrejas, um mosteiro foi transformado em escola e outro, em hospital. Uma nova liturgia, preparada por Farel, passou a ser praticada e em 21.5.1536 os genebrinos, em público, ergueram as mãos sob o juramento de não mais se submeter aos desígnios de Roma, para viver conforme a Palavra de Deus.

Por influência de Farel, Calvino, de passagem pela cidade, mudou o rumo de sua vida para ali permanecer. Desde o início de seu trabalho, primeiro como professor de Bíblia e depois como pregador,

ele procurou, ao lado de Farel, fazer da cidade uma comunidade exemplar, que testemunhasse na prática a verdade do evangelho de Jesus.

Em um documento elaborado em conjunto, eles apresentaram ao Conselho dirigente da cidade suas recomendações acerca do culto e da ceia, bem como sobre uma prática de vida disciplinada pela Palavra de Deus. Prepararam um catecismo e também um credo, que deveriam ser assinados e acatados por todos, o que gerou descontentamento e oposição entre a população.

Passado algum tempo, outros problemas surgiram e dessa vez foi com as imposições das autoridades de Berna no que se refere a ritos e normas litúrgicas a serem obedecidas no culto. A opinião de Calvino, no entanto, era de que, em tais coisas, a igreja devia atuar independentemente das autoridades e do Estado.

Foi assim que, no ano de 1538, Calvino, Farel e o companheiro cego, Courault, foram expulsos da cidade de Genebra. Sem saber o que fazer a princípio, Calvino foi logo acolhido em Estrasburgo pelo grande companheiro e reformador naquela cidade, Martinho Bucer. Ali ele haveria de passar cerca de três anos, pastoreando uma comunidade de refugiados franceses e ali haveria de encontrar sua esposa, a viúva Idelete van Buren. Genebra ficara para trás.

A Carta de Calvino ao cardeal Sadoleto

Com a saída dos pregadores, muitos católicos na França perceberam que seria o momento oportuno para trazer de volta a cidade de Genebra à antiga fé romana. Os papistas sentiam a perda de prestígio

da igreja e de milhares de fiéis, que aceitaram as idéias de Lutero e dos outros reformadores. Pensaram em alguém que pudesse recuperar o rebanho perdido. Ninguém melhor do que o cardeal Jacó Sadoleto, possuidor de um saber notável e bem intencionado, de “profunda piedade e fervor religioso.”

Empenhado em sua tarefa e preocupado com a sua igreja e os prejuízos que vinha sofrendo, Sadoleto escreveu aos cidadãos de Genebra uma elaborada carta, procurando convencê-los. Pedia-lhes que reconsiderassem o erro cometido ao abandonar a Igreja Católica e falava-lhes da necessidade de se manterem fiéis àquela que era a única igreja verdadeira, capaz de lhes garantir a bem-aventurança da vida eterna.

Apelando à tradição, reafirmava as doutrinas contra as quais os reformadores lutavam: o culto aos santos, a missa, a confissão auricular, o purgatório, a oração pelos mortos e a salvação pelas obras, ameaçando com o juízo de Deus os que as negassem.

Foi a própria igreja de Berna, aliada de Genebra e da nova fé, que, não vendo outra pessoa à altura para responder, solicitou a Calvino que o fizesse. Este, apesar de tudo que lhe sucedera em Genebra, ainda tinha essa igreja no coração e não poderia deixar de responder.

Na Epístola ao Cardeal Sadoleto, escrita em 1539, quando tinha apenas 30 anos, Calvino usa de toda a sua capacidade de síntese e clareza para defender a fé evangélica. Ao contrário de Sadoleto, que escreveu de modo genérico, repetindo as velhas idéias sem muita convicção, o jovem reformador se expressou de modo direto e reflexivo, baseado em um profundo conhecimento da Bíblia e de seus ensinamentos.

A certa altura de sua carta, Calvino responde a uma pergunta do cardeal, que havia sido endereçada a um jovem romanista que se convertera à nova fé: o que diria ele no juízo final ao ser indagado sobre a razão por que se separara da igreja “verdadeira” para seguir a reforma? E o pecado contra a unidade da igreja? Como se justificaria?

Na resposta está o que diria um jovem reformado, que aceitara as novas idéias, para justificar a sua mudança de fé. Através desse recurso literário, Calvino expressou indiretamente, todo o calor da nova fé que acalentava em seu próprio coração.

Essa carta foi escrita com tal maestria que o próprio Lutero notou o seu valor e, para muitos, ela se tornou a mais clara e evidente manifestação da fé evangélica, que se espalhava rapidamente por toda a Europa. Por meio dela Calvino expressou, de maneira simples e breve, o sentido da fé reformada.

Nesta Epístola o nosso reformador colocou a sua própria experiência. É uma humilde confissão feita por um jovem ao apresentar-se ante o tribunal de Deus. Vejamos alguns dos seus trechos.

Uma humilde confissão e um forte testemunho

- Fui acusado de heresia porque me atrevi a reclamar contra os dogmas aceitos entre eles (os romanos). Mas que outra coisa podia eu fazer? Dos teus lábios, ó Deus, ouvia que não há outra luz de verdade para dirigir nossas almas no caminho da vida além da que foi acesa pela tua Palavra.

- A ti consideravam o único Deus, mas aquela majestade que só para ti reservaste transferiram-na para outro.

- Para que eu, Senhor, pudesse perceber essas coisas, iluminaste-me com a claridade do teu Espírito; para que eu compreendesse como era o ímpio e o pernicioso, tu trouxeste para mim a luz da tua Palavra e para abominá-los, preparaste a minha alma.

- Tudo o que aprendi da tua boca eu quis transmitir fielmente à tua Igreja.

- Quanto aos que costumam me acusar de haver abandonado a Igreja, de modo particular a consciência de nada me acusa, a não ser que se considere desertor aquele que, vendo os soldados dispersos e confusos, abandonando as fileiras, toma o estandarte e os chama à devida ordem.

- Ó Senhor, cabe a ti decidir de quem é a culpa. Eu sempre testemunhei tanto por palavras como por atos o quanto desejei a unidade. Mas, para mim, a unidade da Igreja é aquela que se inicia e termina em ti. Se eu desejasse estar em paz com aqueles que se orgulham de ser os dirigentes da Igreja e colunas da fé, eu teria de negar a tua verdade. Não considereei que me afastava de tua Igreja por estar em luta com aqueles líderes.

- Diante de meus olhos estavam os exemplos dos profetas que mostravam as dissidências dos sacerdotes e profetas de seu tempo. Todavia, teus profetas não são considerados cismáticos ao ver a decadência da religião e não cederem aos que lhes resistiam com a violência. Eles permaneceram na unidade da Igreja, embora condenados à perdição por iníquos sacerdotes. Fortalecido pelo seu exemplo, eu me mantive firme.

- Eu tinha plena consciência do intenso zelo que me consumia pela unidade da Igreja, uma vez que o vínculo da concórdia fosse a tua verdade.

- Tu sabes, Senhor, e isso foi testemunhado pelos homens, que a única coisa que eu desejei foi dirimir todas as controvérsias com a tua Palavra, para que, assim, ambas as partes pudessem, com um só pensamento, lutar para o desenvolvimento do teu reino; mesmo com perigo para a minha vida, fiz todo o possível para devolver a paz à igreja.

- Eu, Senhor, sempre professei a fé cristã desde a minha infância, mas a tua Palavra que, como lâmpada deveria resplandecer para todo o povo, nos foi tirada e ocultada e uma luz maior só poderia ser buscada por uns poucos. Para os demais não convinha um conhecimento maior, além do necessário para se manterem submissos à igreja.

- Meus primeiros conhecimentos eram tão rudimentares que sequer permitiam saber do culto legítimo que a ti é devido, nem quais eram os deveres da vida cristã. Por ignorar a verdadeiro motivo de minha adoração, logo me desviava.

- Ao povo cristão era pregada a tua clemência, mas apenas para os que fossem dignos e essa dignidade estava na justiça das obras e não da graça. Para obter a tua salvação era preciso confessar os pecados ao sacerdote, praticar boas obras, fazer sacrifícios. Diante de um juiz tão severo, ordenavam que devíamos buscar primeiro os santos que intercediam por nós para obtermos o teu favor.

- Mesmo realizando tudo isso, jamais encontrava descanso, tão longe me sentia de uma consciência seguramente tranquila.

- Quantas vezes, ao contemplar o meu ser, sentia um profundo horror, impossível de ser apaziguado com obras piedosas. A consciência me acusava com fortes agulhadas de modo eu não tinha outro alívio a não ser esquecer a mim mesmo. Por não

ter outro caminho melhor, continuava no mesmo.

Um ensino diferente

- Surgiu, entretanto, um ensino muito diferente, que não nos separava da profissão cristã, mas que a fazia retornar à fonte original e limpa de sujeiras, em sua pureza. Todavia eu, ofendido pela novidade, apenas lhe dei atenção e, a princípio, confesso, a ela resistia vigorosamente. E assim, por causa daquela contumácia que os homens têm por reter aquilo que um dia receberam, não estava nem um pouco disposto a admitir que toda minha vida até então tinha sido consumida no erro e na ignorância.

- Quanto à igreja e à necessidade de manter sua unidade, não era possível tolerar por mais tempo aquela tirania com que se governava o povo de Deus, se é que quiséramos conservar a salvo e incólume entre nós o reino de Cristo.

- A conclusão evidente era que se distorcera a verdadeira ordem da igreja; as chaves com que se mantinha a disciplina foram adulteradas; a liberdade cristã destruída e o reino de Cristo fora derrubado com o principado do papa. Quando meu espírito resolveu prestar atenção, percebi instantaneamente, como que se tivesse

sido iluminado, em que lodaçal me havia envolvido e com quantas imundícies e males estava manchado.

- No que se refere a mim, estava consternado com a miséria em que havia caído e, muito mais, pela morte eterna que me ameaçava. De tal forma que nada me pareceu mais necessário que, uma vez repudiada minha vida anterior, com lágrimas e gemidos, entregar-me e render-me a ti.

Conclusão

Foi assim que o jovem Calvino, incumbido de defender a fé protestante que se iniciava em Genebra, viu-se desafiado a uma tarefa difícil, mas que desempenhou com grande habilidade. O intelectual com sonhos de ser um grande literato falou de dentro do seu coração e expressou aquilo que hoje consideramos uma jóia preciosa e testemunho vivo da fé em Jesus Cristo.

Acima de tudo, se pronunciou habilmente em um momento religioso difícil para os que eram obrigados a viver a sua fé em silêncio. Sem grandes argumentações teológicas elaboradas, mas na simplicidade de uma fé pessoal intensa e primitiva, Calvino falou, e até hoje nos fala, do motivo central da mudança que o evangelho provocou em sua vida. E, assim fazendo, nos mostrou a sua alma.



Lição 5

A ORDEM NA IGREJA

Se há uma preocupação sempre presente na vida da igreja é aquela relacionada com a sua organização, a fim de cumprir o propósito para o qual ela foi criada: anunciar ao Senhor Jesus. Antes de procurarmos saber qual sistema de governo eclesiástico seria o mais certo - congregacional, episcopal ou presbiterial - cabe-nos indagar como, na vida pessoal ou coletiva, podemos nos organizar para colocar em prática os ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo e cultuá-lo verdadeiramente. Como nos organizar e disciplinadamente agir para que a vontade de Deus seja colocada em primeiro lugar? Qual forma de igreja Deus desejaria para o seu povo? E como fazer com que essa forma seja coerente com o ensino das Escrituras?

No livro de Atos é fácil acompanhar como os primeiros cristãos, espalhados por diversos lugares pelas perseguições, começaram a organizar a igreja em diversas localidades e, diante das primeiras dificuldades, resolveram se reunir no concílio de Jerusalém (cap. 15) para discutí-las e resolvê-las. Aí se manifestaram os primeiros sinais de uma organização para a igreja nascente. Ali eles “foram recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros” (15.4) e então resolveram escolher entre eles alguns homens e mandá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé (15.22).

Com o passar do tempo, a igreja cristã foi procurando desenvolver as formas de

se organizar e organizar o seu ministério. Quando Calvino chegou a Genebra em 1536, encontrou uma igreja que abandonara, sob a liderança de Guilherme Farel, a Igreja de Roma, mas que engatinhava hesitante na busca de um novo caminho de seguimento a Jesus Cristo.

Quando, bem antes, os genebrinos resolveram aceitar a religião reformada como religião oficial da cidade, muita coisa havia por se fazer. Farel logo percebeu que o francês que estava de passagem pela cidade era a pessoa que poderia, com competência, conduzir como ninguém esse empreendimento.

Uma vez convencido a permanecer, aquele que seria o grande reformador de Genebra colocou as mãos no trabalho. Com a sua formação de advogado e o chamado inequívoco de Deus no coração, Calvino, mais do que qualquer outro reformador, se preocupou em buscar no Novo Testamento o modelo para a nova organização da igreja, do culto e até do modo de viver da cidade.

Com esse propósito, procurou estabelecer aquilo que ele chamou de uma ordem para a igreja. Os presbiterianos brasileiros costumam chamar de constituição. Na verdade, seria mais adequado chamar de Livro de Ordem, como fazem os presbiterianos norte-americanos.

Como igreja e cidade estavam intimamente ligados, ele buscou uma organização

em que a Palavra de Deus fosse praticada em atividades tanto religiosas como civis. Aproveitando seus conhecimentos como legislador e teólogo e com o auxílio de Farel, ele apresentou um primeiro trabalho que foi apreciado e aprovado pelo Conselho administrativo da cidade em 1537. Eram os Artigos sobre o Governo da Igreja, que tratavam não apenas da forma do culto, mas também dos costumes a serem praticados pelo povo.

Esses Artigos traziam instruções também acerca da celebração da ceia do Senhor, do cântico dos hinos, do casamento e do ensino para crianças. Pela disciplina que impunham, esses artigos sofreram grande resistência por parte do povo e acabaram se tornando um dos motivos pelos quais os reformadores foram expulsos da cidade pelas autoridades, em 1538.

Calvino viveu então um providencial exílio na cidade de Estrasburgo em companhia do reformador Martinho Bucer, que o acolheu. Ali pastoreou uma comunidade de refugiados franceses e se casou. Foi um tempo muito útil para complementar a sua formação como teólogo e prepará-lo para a grande tarefa que haveria de ser a sua.

O retorno a Genebra

Quando as autoridades genebrinas o chamaram de volta e ele retornou às atividades em 1541, uma de suas primeiras tarefas foi a elaboração de um anteprojeto de lei para regulamentar as atividades religiosas e civis da comunidade e que foi aprovado com o nome de Ordenanças Eclesiásticas da Igreja de Genebra.

Esse documento não foi importante apenas para a Igreja de Genebra, mas constituiu-se no fundamento sobre o qual

se organizaram as igrejas que vieram da Reforma em todo o mundo. Foi uma espécie de código civil e eclesiástico pelo qual a igreja desenvolveu a idéia de corpo e de comunidade responsável por diversos aspectos da vida das pessoas. Eram um aperfeiçoamento dos Artigos de 1537.

Nas Ordenanças, Calvino afirmou que Cristo instituiu em sua igreja quatro ofícios: pastor, professor, presbítero e diácono, explicando a função de cada um desses ministérios. O consistório ou Conselho, como chamamos hoje, formado por pastores e presbíteros em condição de igualdade, era o centro desse sistema que mais tarde veio a ser chamado de presbiteriano.

Com o presbiterato e o diaconato Calvino fez uma nova e extremamente importante contribuição, inexistente na Igreja de Roma, ao colocar os leigos como autoridade na Igreja. Pela importância desse primeiro livro de ordem que sustentou a estrutura das igrejas presbiterianas em todo o mundo, vamos reproduzir alguns dos seus pontos mais importantes, conforme aparecem no livro do rev. Joãozinho Thomaz de Almeida, "Calvino e sua Herança":

Ordenanças Eclesiásticas

"Em nome do Deus todo-poderoso, nós, síndicos do Pequeno e Grande Conselho, juntos com o nosso povo reunido em assembleia... resolvemos que este assunto é digno de recomendação antes de todos os outros e que a doutrina do santo Evangelho de nosso Senhor deve ser preservada em toda a pureza; que a Igreja deve mantê-la, que os jovens devem ser fielmente preparados para o futuro, que o hospital deve ser bem administrado para ajudar os pobres, o que não acontecerá se não houverem

regras e regulamentos bem definidos para que cada um possa compreender os deveres do seu cargo.

Por estas razões nos pareceu bem que seja observado entre nós o governo espiritual que nosso Senhor ensinou e instituiu em sua Palavra. E, por isso, temos ordenado e decretado que... os regulamentos que se seguem sejam observados e guardados, considerando como nos parece que foram eles tirados do Evangelho de Jesus Cristo.

A respeito dos pastores... é dever deles o proclamar a Palavra de Deus bem como instruir, admoestar, exortar e reprimir; administrar os sacramentos e exercer a disciplina fraternal na companhia dos presbíteros e comissionados...

O exame do candidato ao ministério consistirá de duas partes, sendo a primeira relacionada com a doutrina para ver se ele possui um bom e correto conhecimento das Escrituras. E, então, se ele pode de modo conveniente e próprio comunicar a mesma para a edificação do povo. Deve-se certificar se o candidato não sustenta alguma opinião perigosa... A segunda parte refere-se à sua vida, para ver se ... sempre se conduz de modo tal a permanecer fora de qualquer reprovação. A regra a seguir é a que está tão bem delineada por São Paulo.

A fim de que se mantenha a pureza e harmonia de doutrina entre nós, haverá uma determinação para que todo os ministros se reúnam em um dia conveniente da semana para estudarem juntos as Escrituras.... Para evitar conduta escandalosa, será bom ter regulamentos para orientar o ministro a fim de que ele seja reverenciado e a Palavra de Deus não seja desonrada pela má reputação ou má conduta...

Cada domingo, ao amanhecer haverá sermão... Às três da tarde... haverá

apresentação do segundo sermão. Para os propósitos da instrução catequética e administração dos sacramentos... devem ser observados os limites das paróquias... Nos dias de trabalho... haverá pregação três vezes por semana, sendo os sermões apresentados em uma hora mais cedo, de modo que se encerrem antes que o dia de trabalho comece.

O dever próprio dos mestres é instruir aos fiéis na doutrina correta, a fim de que a pureza do Evangelho não seja corrompida, seja pela ignorância ou pelas más opiniões... com auxílios e instruções necessárias para preservar a doutrina divina e conservar a Igreja de tornar-se desolada por falta de pastores e ministros.

As exigências mais estreitas para o ministro e mais diretamente ligada ao governo da igreja é a do entendimento da teologia, em cujo ofício será bem incluído o ensino do Velho e do Novo Testamentos. Mas desde que é impossível ter proveito em tais instruções sem primeiro ser instruído em línguas e em humanidades, e também desde que é necessário criar sementes contra o futuro a fim de que a Igreja não fique deserta de seus filhos, é necessário estabelecer uma escola para instruí-los e prepará-los, não somente para o ministério mas para o governo civil....

Presbíteros e diáconos

A terceira ordem, é a dos presbíteros, isto é, aquela que é comissionada ou apontada para o Consistório, pelas autoridades. Este ofício é para estar vigilante sobre a vida de todos, admoestar em amor aqueles que eles vêem errar por conduzirem suas vidas de modo desordenado e, se necessário, comunicar ao Consistório para que seja

determinado se fazerem correções fraternais colaborando com os outros nessas correções.

Se a Igreja julga isto sábio, eleições podem ser feitas na seguinte base:... homens honestos de vida exemplar, sem reprovação e livres de qualquer suspeita, além de tudo tementes a Deus e possuidores de um julgamento bom e espiritual.

Havia sempre duas ordens de diáconos na Igreja Primitiva, uma estando encarregados de receber, distribuir e guardar os bens dos pobres, suas possessões, rendas e pensões tanto quanto das ofertas diárias; a outra, para cuidar e proteger os doentes, e administrar os recursos para os pobres....

Porque alguns negligenciam encontrar consolo na Palavra de Deus em tempos de doenças e, como uma consequência, têm morrido sem admoestação ou instrução na doutrina (a qual é para o homem mais salutar em tais tempos do que nos outros), isto será bom e por esta causa nós avisamos e ordenamos que ninguém pode permanecer doente de cama mais do que três dias sem notificar os ministros. Qualquer um será livre para chamar os ministros se ele assim o desejar... E, sobretudo, pais, irmãos e responsáveis não precisam esperar até que a pessoa esteja à beira da morte, pois em tal situação pouco consolo se obterá!

A disciplina

Os comissários designados se reunirão junto com os ministros uma vez por mês, a saber, na manhã de quinta-feira, para tomar conhecimento se há alguma irregularidade na Igreja e decidir em Assembléia quais os remédios que são necessários...

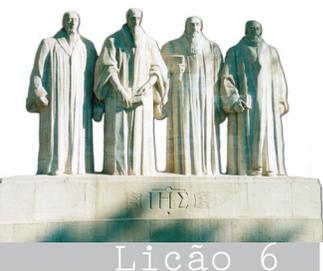
Se alguém formular opiniões contrárias na aceitação das doutrinas, ele será convidado a comparecer... Se alguém é negligente em comparecer à adoração de tal modo que uma visível desobediência é evidente, ou se alguém se mostra insolente diante da disciplina eclesiástica, ele será admoestado e, se ele se tornar obediente, será perdoado em amor. Se persistir, passando de mal a pior, após ter sido admoestado três vezes, será excomungado e a matéria será reportada às autoridades.

Para a correção de faltas dentro da vida de cada um, é necessário proceder de acordo com as ordenanças de nosso Senhor... aquele que menosprezar as admoestações particulares será admoestado por sua vez pela Igreja e, se ele não voltar à razão e nem reconhecer seus erros, quando ele está convencido, será ordenado se abster da comunhão até que altere suas atitudes... até que seja evidente que tenha mudado seu modo de vida.

No entanto, todas essas medidas deverão ser aplicadas com moderação. Não deverá haver um tal rigor que alguém seja expulso para longe, porque todas as correções são medicinais, para trazerem de volta pecadores ao nosso Senhor.

DEUS SEJA LOUVADO!"

Vale a pena examinarmos o texto acima e pensar um pouco nas mudanças que, desde o século XVI, têm ocorrido na forma de governo em nossas igrejas presbiterianas. Ou no seu abandono. O que significam essas mudanças? Será que sua intenção inicial permaneceu apesar de tudo? Elas são um desafio para nós ainda hoje?



GOVERNO E PRINCÍPIOS PRESBITERIANOS

Como vimos, as Ordenanças Eclesiásticas de 1541, elaboradas por Calvino para a cidade de Genebra e que depois serviram como modelo em todo o mundo reformado, constituíram um importante documento com vistas à organização da igreja como corpo de Cristo dentro das limitações do mundo e das circunstâncias em que vivemos como cristãos.

Relembrando, podemos resumir seus princípios básicos como segue. A igreja de Jesus Cristo possui quatro ofícios fundamentais. Os pastores, que cuidavam da pregação da Palavra, dos sacramentos, da instrução e, com os presbíteros, da disciplina na igreja. Deles eram exigidas “integridade e competência” e suas funções eram muito importantes na condução de uma igreja fiel a Jesus Cristo. Os mestres ou doutores eram os responsáveis pela preleções de teologia e também cuidavam do ensino nas escolas.

A importância da instrução catequética era fundamental para Calvino, uma vez que a igreja devia possuir conhecimento real dos fundamentos da fé cristã e de suas implicações para a vida. Eram “instruções necessárias para preservar a doutrina divina e conservar a igreja para não se tornar desolada.” Os diáconos tinham sob sua responsabilidade o cuidado dos pobres e dos doentes. A inovação de Calvino ao introduzir na igreja o diaconato foi

muito significativa. Aos diáconos cabia o “ministério da compaixão”, pelo qual os desempregados e abandonados, como os mendigos da cidade, recebiam o cuidado da comunidade de forma realmente eficaz.

O Conselho e a disciplina

Nesse sistema, era muito importante o lugar do Consistório (Conselho). Dele faziam parte os pastores e presbíteros, com a responsabilidade de zelar para que houvesse uma congregação disciplinada pelo conhecimento da fé cristã, pela participação nos cultos e por uma conduta exemplar. Como escreve John Leith (p. 254-255) “a intenção de Calvino era a de que a igreja fosse o que ela afirmava ser, isto é, o povo de Deus. A disciplina nunca foi um fim em si mesmo.

A igreja se empenhava em manter a disciplina com uma tríplice finalidade:

1. para que a glória e a honra de Deus pudessem ser reafirmadas;
2. para que o que é mau não corrompesse o que é bom;
3. para que aqueles que houvessem caído em pecado fossem reconduzidos à integridade. Calvino evitou a severa disciplina dos anabatistas, que buscavam uma igreja pura e separada, e nunca tornou a existência da igreja dependente da disciplina.”

Ao tratar da questão da ordem e da forma de governo na igreja, não podemos deixar de lado uma questão de fundo, muito importante e que pode ser destacada na seguinte pergunta: será que a forma que a igreja possui corresponde à sua essência, ou se aproxima dela?

Sim, a questão ainda hoje é se a forma assumida pela igreja é aquela desejada por Deus para o seu povo se conduzir. Ou seja, como é que a ordem (governo) por nós estabelecida pode levar a uma disciplina de vida e de culto que nos assegure que a vontade de Deus esteja em primeiro lugar?

Para o mais importante teólogo reformado do século XX, Karl Barth, a igreja é a “forma terrestre da existência de Jesus Cristo” (Leith, 248). A responsabilidade nossa é grande e o desafio maior sempre será como fazer com que a forma adotada tenha sustentação na doutrina que professamos.

Os reformados/presbiterianos sempre enfatizaram que a essência da igreja não está em si mesma ou na sua estrutura, como muitas vezes sustenta a Igreja Romana (hierarquia de bispos), mas na existência de um povo para o qual Jesus Cristo é o Senhor.

A estrutura da igreja existe não como fim em si mesmo, mas para ser “serva da comunidade de Cristo, que a capacita para realizar suas funções de maneira eficaz, cumprindo assim a missão que lhe foi confiada por Deus, permanecendo sob a soberania de Jesus Cristo.” Ou seja, a forma assumida pela igreja é decorrência do princípio do sacerdócio universal dos crentes, sustentado pela Reforma, pelo qual “todos são iguais diante de Deus, gozam dos mesmos privilégios e participam das mesmas responsabilidades.” (Leith, 168)

O presbiterianismo, que se firmou como sistema de governo ainda no século XVI com John Knox na Escócia, através de sua história tem evoluído e se diferenciado em alguns pontos das Ordenanças Eclesiásticas de Calvino. Isso porque é da sua própria natureza evoluir e se modificar uma vez que nenhuma forma, por melhor que seja, pode ser perfeita ou definitiva. O próprio Calvino diz que “a organização da Igreja admite e até requer, de acordo com as condições variadas dos tempos, diversas mudanças” (Leith, 252). E nós devemos ter a liberdade que nos é concedida no Espírito para, na comunhão com os irmãos e conforme a necessidade de cada época, modificarmos, recuarmos ou avançarmos no que for preciso, tendo em vista principalmente o desempenho da missão que a igreja recebe e que tem a desempenhar.

Em nossa própria constituição eclesial isto tem acontecido várias vezes, o que nos aproxima de um magno princípio reformado que sempre deve nos servir de guia: “Igreja Reformada, sempre se Reformando”. E isso também tem possibilitado que o presbiterianismo conviva com a diversidade dentro de sua unidade.

Definições de Presbiterianismo

Mesmo reconhecendo a fragilidade das formas que a igreja pode assumir, temos na herança reformada/presbiteriana princípios fundamentais que, pela sua validade através da história, são fundamentos básicos que sustentam uma experiência eclesial que devemos reafirmar. Sigamos o prof. Leith (p. 256 ss) nos resultados de sua pesquisa.

Para ele, por exemplo, o famoso teólogo do século XIX, Charles Hodge, professor do Seminário de Princeton nos Estados Unidos, ao definir o presbiterianismo, firmou diversos pontos importantes:

- os atributos e prerrogativas da igreja são as mesmas do Espírito de Deus e este está, em primeiro lugar, com o povo e não apenas com os clérigos;
- o que determina os métodos de organização da igreja são, em primeiro lugar “os princípios delineados na Palavra de Deus” seguidos pela sua liberdade de escolha;
- os princípios fundamentais do sistema presbiteriano são: a igualdade do clero; o direito do povo a uma ampla participação no governo da igreja; a unidade da igreja, sendo que uma pequena parte está sujeita a uma maior e a maior ao todo.

Já o importante historiador do presbiterianismo no século XX, James Moffat, disse que o “presbiterianismo é o nome dado à crença na Igreja católica e apostólica, governada por presbíteros.” Seus princípios são: a) a igualdade dos presbíteros; b) o direito do povo, através de seus representantes ou presbíteros leigos, de participar do governo da igreja; c) a unidade da igreja, não simplesmente na fé e ordem, mas em uma sucessão graduada de tribunais eclesiásticos que expressam e exercitam a autoridade geral da igreja como uma sociedade divina.

Para o escocês G.D.Henderson, o presbiterianismo é definido como uma forma de governo eclesiástico... na qual a principal característica é o controle por uma sucessão graduada de conselhos dirigentes, cujos membros são ministros ordenados e leigos presbíteros, todos ministros tendo igual “status” e todos os presbíteros tendo os mesmos direitos e responsabilidades

dos ministros nos assuntos em discussão e votação.

Princípios fundamentais

A partir dessas definições, temos quatro princípios básicos do presbiterianismo:

1. A autoridade das Escrituras. Para justificar sua forma de governo o presbiterianismo tem recorrido à Bíblia. Era claro para Calvino que essa era a forma pela qual o Senhor desejava que sua igreja fosse governada. Mesmo assim, ele achava que isso não significava uma obediência servil à prática da Igreja Primitiva.

Se, por um lado, convinha que na congregação dos fiéis as coisas fossem feitas com decência e ordem, conforme o conselho de Paulo (1 Co 14.40), por outro, é preciso discernir que as tradições não são necessárias para a salvação.

Não se deve mudar as coisas a cada passo e sem motivo sério, apressadamente. O amor será a melhor forma de julgar o que prejudica e o que edifica e, se permitirmos que ele nos guie, tudo irá bem. O importante nesse ponto, é a afirmação da soberania de Deus também no que se refere ao governo da igreja.

Para os presbiterianos, a questão fundamental é reconhecer que o seu sistema de governo é bíblico, mas não que a sua ou outra forma de governo seja considerada necessária para a existência da igreja.

2. O segundo princípio refere-se à unidade da igreja manifesta através dos conselhos formados por presbíteros eleitos pelo povo. Ao contrário dos congregacionais, a congregação local não é independente, mas está sob a autoridade dos concílios superiores e, ao contrário dos episcopais,

sua unidade não depende dos bispos.

Quanto a isso a idéia de Calvino é que o conselho representativo permite um governo comum e não de indivíduos. O governo também não deve ser exercido só por pastores. Calvino temia um governo tirano e individual, da mesma forma que o governo pela massa do povo, que, no seu entender, não estava preparada para tomar as decisões na vida da igreja.

3. O terceiro tem a ver com a paridade do ministério. Calvino não apreciava o princípio hierárquico e era contra a idéia de principado, domínio monárquico, etc. No governo presbiteriano, portanto, ninguém está acima do outro, nem tem maior autoridade. O que dirige deve ser como o que serve. Os pastores têm todos a mesma autoridade. As decisões são tomadas em Assembléia. O Senhor absoluto e soberano sobre todos é Jesus Cristo.

4. O quarto princípio é o direito do povo convidar e eleger oficiais e o pastor. O ministro não deve ser escolhido só pelos seus colegas ou pela indicação de uma pessoa sozinha. Para Calvino, a escolha de um ministro é legítima quando os que parecem idôneos são investidos com o consentimento e a aprovação do povo.

Perguntas

Diante do que vimos expondo se faz necessário confrontarmos não só a forma de governo que aplicamos na igreja como toda a nossa política eclesíastica, de forma mais ampla. Por certo, descobriremos diferenças entre o que faz parte dos princípios presbiterianos e o que ensinamos e praticamos em nossas congregações, conselhos, presbitérios e demais concílios.

Serão práticas pertinentes que resultaram de adaptações necessárias conforme sugere o próprio Calvino, ou são outra coisa? Poderiam ser resultantes de nosso desconhecimento daquilo que, em essência, enfatiza a nossa herança?

Será que nossa prática não estaria mais voltada para o estilo congregacional, com a imposição ao presbitério da vontade de uma ou outra igreja e, portanto, distanciando-nos do sistema presbiterial ou federativo, que fortalece a democracia e nossa união como igreja?

Ou resultaria muito mais do desprezo estratégico de idéias e atitudes que, às vezes, seriam custosas, levando-nos àquilo que consideramos mais fácil ou “mais prático”, como se diz? Será que as atitudes que negam a aplicação na vida da igreja da forma de governo e da fé presbiterianas revelam que não fizemos o dever de casa?



Lição 7

A DISCIPLINA NA IGREJA

Falar de nossa prática como cristãos reformados é falar também, mais detidamente, sobre a disciplina com que vivemos a nossa fé em Cristo. Não é muito fácil falar desse assunto que, no mínimo, nos parece antipático. Tratar de disciplina na sociedade, escola, lar ou igreja tem sido sempre uma tarefa desagradável.

Para as crianças e os jovens, ela quer dizer principalmente imposição e repressão e muitos adolescentes encontram até uma forma simpática de repeli-la: “Não regula, professor!” ou “Vai regular, pai?”. É provável que essa repulsa instintiva à disciplina tenha muita razão de ser, o que é um motivo a mais para repensarmos essa questão. Repensar, e não abandonar...

Inicialmente, é preciso lembrar a importância da disciplina. Dificilmente um projeto sério de vida, por mais simples que seja, mesmo para as pessoas muito bem dotadas, foi concretizado sem disciplina. O mesmo tem acontecido com as empresas, as instituições ou as nações fortes. Mesmo entre grupos políticos, muitas vezes malvistos entre nós, essa medida tem sido fundamental para a sua consolidação como força respeitável atuando no cenário de qualquer país. Ou seja, não é possível transigir com tudo, mesmo em política.

Também no campo artístico, é fácil descobrir como os melhores “talentos” se fizeram e alcançaram a posição que detêm

ou detiveram. Também não é difícil descobrir os efeitos desastrosos para aqueles que têm repellido sistematicamente qualquer disciplina.

Em nosso caso, como igreja, a disciplina resulta da fé que professamos e somente nela repousa nossa motivação. Não resulta de uma análise comparativa com aqueles que a utilizam para alcançar sucesso e, então, fazemos uma aplicação estratégica para conseguirmos resultados satisfatórios semelhantes.

Disciplina na igreja tem a ver com a fidelidade com que atendemos o chamado de nosso Senhor Jesus Cristo. Mais com fidelidade do que com “êxito”. Como diz Calvino, “assim como não há sociedade nem casa, por pequena que seja a família, que possa subsistir em bom estado sem disciplina, muito mais necessária será na Igreja que deve se manter perfeitamente ordenada.” (Institutas, IV, XII, 1)

Igreja e corpo de Cristo

Disciplina é uma palavra que está ligada a “discipulado”. A cada dia podemos viver o desafio de conformar a nossa vida pessoal ou em sociedade com aquilo que Jesus Cristo deseja para cada um e para cada situação. Não descuidar desse dever de fidelidade é resultado da visão em profundidade dos efeitos perniciosos do

pecado sobre a vida do ser humano e da sociedade em que ele vive e que constrói.

Apesar do que Cristo opera em nós e da ação do Espírito, resvalamos sempre para os nossos próprios caminhos, na maioria das vezes marcados pelo egoísmo, que nos distancia dos caminhos de Deus. Esses efeitos se fazem sentir na igreja que, pela disciplina, procura se apresentar como corpo sadio, para a glória de Jesus Cristo.

A idéia da igreja como corpo de Jesus Cristo é uma das que corroboram o ensino sobre a disciplina. Calvino diz que “assim como a doutrina salvadora de Cristo é a alma da Igreja, a disciplina é como os seus nervos e por meio dela os membros do corpo se mantêm cada um em seu devido lugar.” No corpo, temos os membros que atuam obedecendo ao centro de comando, para o bom funcionamento de todos.

Em um corpo sadio, entretanto, pode ocorrer que algum órgão venha a se infeccionar prejudicando os demais e, naturalmente, trazendo sofrimento a todos. É um momento doloroso e difícil, exigindo cuidados especiais e atendimento carinhoso. Após tratamentos seguidos, pode ser que surja a necessidade de um tratamento mais incisivo, talvez cirúrgico. Embora seja medida penosa para o corpo, é uma insensatez querer evitá-la. Os danos acumulados podem ser fatais. Esse é o único remédio que Cristo nos ensinou, diz Calvino. Por isso, não ter cuidado para que o povo viva em disciplina “é o princípio certo de uma grande desgraça para a Igreja.”

Falar de disciplina, pois, é referir-se à preocupação de João Calvino em construir uma igreja fiel ao Senhor Jesus, vivendo o máximo possível a realidade do reino de Deus, nas mais variadas circunstâncias. Nesse seu zelo para com a pureza da igreja, ele acabou desenvolvendo uma tradição

que se firma nas Escrituras e que é a de nunca desvincularmos a fé que professamos do viver que praticamos.

Para o reformador genebrino, a disciplina, aliada ao cuidado pastoral, é um meio de graça, dever da verdadeira igreja de Jesus Cristo, bem próximo de suas marcas características: a pregação da Palavra e a celebração dos sacramentos. Quando temos uma igreja em que a pregação, o cuidado pastoral, o ensino em todos os níveis, a assistência e a disciplina existem concretamente, aí temos a igreja desejada e ordenada por Deus.

A idéia de Calvino era que a obra realizada pelo Espírito Santo em nós fosse acompanhada de esforço e vigilância para vivermos a carreira cristã. O fato de o ser humano ser, ao mesmo tempo, justo e pecador, levou-o a enfatizar o aspecto de luta contínua da vida cristã.

Enquanto outras tradições se contentavam em aguardar uma manifestação espontânea de vida cristã, os reformados entendiam que a novidade de vida é construída pela ação de Deus em nós, levando-nos a atuar conforme o seu querer. Calvino entendia que a graça de Deus se torna eficaz em nós pela prática da sua lei.

De nossa parte, existe uma lentidão para com as coisas de Deus e, assim, precisamos estar atentos para, com disciplina, confirmar a sua vontade em nós. Ao mesmo tempo que somos eleitos para uma vida nova, nos aplicamos para construir esse viver. E, nesse contexto, a renúncia é um elemento muito importante.

As Instruções de Calvino

São diversos os pontos destacados por Calvino ao tratar do assunto. Eles podem esclarecer muitas questões importantes,

como a forma de aplicar a disciplina. “Todo procedimento,” diz ele, “além de contar com a invocação do nome Deus, deve mostrar a seriedade que dê a conhecer a presença de Deus, de tal maneira que não haja dúvida de que ele preside o julgamento.” (Institutas, IV,XII,7) “Porque sempre se deve levar em conta, como ordena o apóstolo, que aquele que é corrigido não seja consumido por excessiva tristeza” (2 Co 2.7) “porque de outro modo, o remédio se converte em ruína” (Institutas, IV,XII,8).

“A aplicação da disciplina deve ser feita pelos presbíteros, que não devem agir sozinhos, mas com o conhecimento da igreja e com a sua aprovação. Deve-se evitar que alguém venha participar de sua aplicação por um capricho pessoal.” Deve-se ater mais à sentença do juízo de Deus, para que ao se arrancar o joio não se arranque com ele o trigo também (Mt 13.29).

Ninguém pode se arrogar a autoridade de julgar, a não ser que se queira limitar o poder de Deus e ditar leis para a sua misericórdia, pois, sempre que quer, Ele muda e transforma os mais perversos em santos e recebe na igreja os que são estranhos a ela. “E assim o Senhor faz para frustrar a opinião dos homens e reprimir a sua temeridade, a qual, se não for reprimida, atreve-se a atribuir maior autoridade do que aquela que lhes compete” (Institutas, IV, XII, 9).

São inúmeros os textos bíblicos que servem de fundamento a este ensino. Sua base está em Mateus 18.15-18; 16.19; João 20.23. O poder das chaves, como é chamado, e que estava sujeito aos abusos da Igreja de Roma, vem da pregação da Palavra, da qual os homens são feitos ministros por Cristo (Institutas, IV, XI,2).

A quem cabe a disciplina? É do Senhor

para os filhos especialmente - o Senhor corrige a quem ama - e não para os bastardos (Hb 12.4-13), mas é também para todos, pois ninguém está isento da disciplina. Os príncipes estarão submetidos a ela porque procede de Cristo, “a quem, por justiça, todos os cetos e coroas devem se submeter.” Os reis não devem tomar como afronta o prostrar-se humildemente diante de Cristo, o rei dos reis. É melhor que os sacerdotes não lhes perdoem para que Deus os perdoe (Institutas, IV, XII,7).

Ensino do Novo Testamento

Como disciplinar? Com mansidão e clemência, e não com extremo rigor (Institutas, IV, XII,9) para que o amor ao pecador seja confirmado (2 Co 2.8). Com sentimento, sem ser áspero (2 Co 2.4-5). Como pai (1 Co 4.14-15). Sem provocar a ira (Ef 6.4). Com humildade, sem vanglória, buscando a união (Fl 2.1-4). Com dedicação (Rm 12.8). Em particular (Mt 18.15). Em nome do Senhor Jesus (1 Co 5.4). Com tolerância (Jo 8.1-11; Mt 18.21-22).

Como receber a disciplina? Com apreço para com os que admoestam (1 Ts 5.12). Quem admoesta? Não só o pastor e os presbíteros, mas todos (Rm 15.14; Hb 3.13). Para Calvino, esta autoridade não está na mão de uma só pessoa, mas no conselho dos anciãos (presbíteros). Mas quem nos disciplina verdadeiramente é o Senhor Jesus (1 Co 11.32). Deus disciplina (Hb 12.10).

Por que disciplinar? Para não sermos endurecidos pelo engano do pecado (Hb 3.13). Para que ninguém pereça (2 Pe 3.9). Para produzir mais fruto (Jo 15.2). Para participar da santidade de Deus (Hb 12.10). Para edificação (2 Co 13.10).

Calvino mostra que são vários os objetivos da disciplina: em primeiro lugar, evitar os escândalos. Depois, para que não sejam profanadas a Igreja e a Ceia, para que os bons não sejam corrompidos e para que os pecadores, envergonhados do seu pecado, comecem a se arrepender (Institutas, IV, XII,5). Também “porque toda regra de disciplina eclesiástica sempre deve levar em conta a união do espírito e o vínculo da paz, os quais o Apóstolo manda-nos observar “suportando-nos uns aos outros” (Institutas, IV, XII, 11).

Dificuldades

É preciso que reconheçamos as muitas dificuldades que temos quando pensamos na aplicação da disciplina na igreja hoje. Já mencionamos a antipatia com que essa questão é vista e, muitas vezes, não sem razão. E há outras tantas razões para temermos o uso indevido da disciplina. Em muitos lugares, em épocas diferentes, a aplicação da disciplina criou situações penosas e muito constrangedoras.

A Bíblia não ensina que devamos nos constituir em uma espécie de detetives, farejando especialmente os pecados dos outros, com espírito acusador, bisbilhoteiro ou hipócrita. Também não dá margem para que se negligencie essa matéria.

Nos textos acima, o que temos são referências a uma aplicação amorosa da disciplina e as palavras têm a ver com mansidão, tolerância, ação de um pai amoroso, espírito de brandura, visando a unidade do Espírito e o vínculo da paz. Elas estão muito distantes de palavras com sentido forense como convocação, testemunha, processo, promotor, sanção, depoimento, etc. que, na verdade, distoam muito do tratamento

que encontramos nas Escrituras.

Outros problemas podem estar ligados à prática da disciplina. Um deles talvez seja a tendência de se estabelecer determinados padrões de comportamento ou lista reducionista de pecados, que pouco tem a ver com o ensino bíblico.

Outros se aproximam de uma moral que reflete mais a prática de algum grupo social e seus interesses. Um outro desca-minho seria confundir os ensinamentos de Jesus com atitudes e ensinamentos moralistas apenas. Lembremo-nos que a ética pessoal de Jesus Cristo está muito distante dos moralismos, que têm como característica a hipocrisia.

Por isso, muitos na igreja não querem tocar nesse assunto. Temendo o surgimento de uma igreja autoritária e sem amor, muitos preferem negligenciar esse ensino. Ou, então, só utilizam a disciplina para casos extremos.

Se com as dificuldades expostas nos sentimos em um dilema, não devemos permitir que ele nos paralise e nos faça negligentes. Temendo os extremos indesejáveis, a igreja perde, não favorecendo a existência de um ambiente de verdadeiro crescimento cristão.

Da mesma forma como o amor dos pais não permite que os filhos se encaminhem desavisadamente para o sofrimento inútil, assim devemos agir ao vivenciarmos a fé com os irmãos. É preciso favorecer a existência de uma comunidade em que a responsabilidade e o amor mútuo se completem.

Disciplina, Hoje

É preciso que a igreja recupere a prática e o sentido bíblico da disciplina. São muitos os irmãos que têm consciência de sua

importância e vivenciam a auto-disciplina cristã, ora se ausentando mesa do Senhor, ora, em espírito de contrição, procurando se corrigir e libertar daquilo que eles mesmos sentem como prejudicial para a a sua fé e para o testemunho de Jesus Cristo na comunidade.

Assim, podemos afirmar que um importante traço da disciplina na igreja hoje é justamente sua auto-aplicação, como fruto de arrependimento sincero, com o apoio da comunidade. Para que isso ocorra mais e mais, já que o pecado é uma realidade tão presente em nós, a igreja teria de criar as condições para o cultivo dessa prática do viver cristão em obediência a Jesus Cristo.

Procurando fugir dos sentimentos de orgulho pessoal e hipocrisia no relacionamento sincero com o irmão, poderíamos dar lugar ao espírito de humildade orante,

transparência e perdão, que aprendemos na escola de Jesus. Nesse aprendizado, acabaremos por descobrir que a verdadeira disciplina pode brotar livremente da consciência que a igreja, atenta à prática da imitação de Cristo, possa ter de sua necessidade. Só assim, a disciplina deixará de ser um elemento estranho na vida da igreja.

Mesmo com esse cuidado, ainda podemos ter situações mais difíceis, como a do irmão faltoso que não tenha consciência do pecado ou não queira reconhecê-lo. Pode ser um caso de constrangimento geral, em que todo o corpo se ressentisse disso. Então, um trabalho cuidadoso e pastoral, recheado de amor e humildade, poderá apontar o melhor caminho para que a disciplina seja aplicada, e o efeito desejado, alcançado. O próprio Senhor Jesus nos mostra como fazer isso em Mateus 18.15-17.



ABÍBLIA E O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO SANTO

Lição 8

“Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz, para o meu caminho.” (Sl 119.105). Assim é que o salmista se refere aos frutos de sua experiência com o livro de Deus, livro precioso, indescritível em seu valor. Nele está a palavra preciosa que conforta, alegra, mostra o caminho a seguir, conduz à salvação. Nesse salmo, o poeta e servo de Deus não se cansa de tentar, incontáveis vezes, com novas palavras e imagens, descrever a sua experiência com a Palavra viva. “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia” (Sl 119.97). O seu valor? É maior do que o ouro, “mais do que o ouro refinado” (verso 127).

Através dos séculos, essa experiência maravilhosa tem se repetido na vida das pessoas. O reconhecimento das Escrituras como o livro por excelência, que fala dos planos de Deus para a salvação do ser humano e do seu cuidado para com ele, tem se confirmado sempre. Bem antes da Reforma, João Wyclif (1328-1384), na Inglaterra, ficou tão encantado com a Bíblia, que passou a traduzi-la na linguagem do povo, para que todos a conhecessem e soubessem que o único cabeça da igreja era Jesus Cristo e não o Papa.

Os reformadores também sentiram o grande poder das Escrituras em suas vidas e falaram sobre as suas maravilhas. Tiveram o seu pensamento dirigido por elas e fizeram uma revolução no mundo religioso.

Lutero, na Alemanha, no século XVI, experimentou uma grande confiança no poder soberano da Palavra de Deus.

Para ele, as reformas que a igreja necessitava seriam feitas quando a Palavra pudesse agir livremente. Avaliando mais tarde o que havia acontecido em sua luta com as autoridades eclesiásticas e como Deus o usara, ele disse: “Mesmo quando eu dormia, essa Palavra fez mais para abalar o papado do que todo o mal que lhe tenham causado os príncipes e imperadores. Não fui eu quem o fez; tudo foi feito pela Palavra” (Strohl, 73).

Zuínglio o primeiro grande pregador de linha reformada/presbiteriana, depois de se dedicar como humanista ao estudo da literatura clássica e da filosofia grega, ficou maravilhado com a superioridade da Bíblia. E foi com ela que iniciou a Reforma em 1522, em Zurique, na Suíça. Queria chegar à fonte da verdadeira fé cristã. Por isso, a Bíblia teve lugar central em sua obra.

Em sua própria conversão ele sentiu isso: “Cheguei ao ponto em que, pela Palavra e pelo Espírito de Deus, vi a necessidade de colocar de lado todas aquelas coisas e aprender a doutrina de Deus diretamente de sua Palavra. Então comecei a pedir luz a Deus e as Escrituras tornaram-se muito mais claras para mim” (Timothy, 126). Foi assim que ele abandonou os outros ensinamentos para ouvir a verdadeira Palavra de Deus e

anunciá-la. O povo comparecia em massa à igreja para ouvir suas exposições sobre o Novo Testamento, começando com o evangelho de Mateus.

Calvino também deu às Escrituras um lugar fundamental em seu ensino. Para ele, o testemunho que a natureza dá de seu criador não é suficiente para nos instruir e levar ao verdadeiro conhecimento de Deus. Por essa razão, Deus acrescentou a luz que vem de sua Palavra para que, por meio dela, pudéssemos obter a salvação e o nosso conhecimento viesse a alcançar, com clareza, o verdadeiro Deus (Institutas I,VI,1). Não só do Deus criador, mas também do Deus redentor, na pessoa do único mediador, o Senhor Jesus Cristo.

As dificuldades

Isso, entretanto, não tem impedido que, na leitura da Bíblia e no seu estudo, nos deparemos com dificuldades. A maneira de interpretá-la, por exemplo, tem levado aos mais diversos caminhos e provocado divisões entre os diversos grupos religiosos. Uma outra questão, que está relacionada a esta e que aparece em algumas discussões teológicas, é a que se refere à sua autoridade. Por que a consideramos única em seu valor para nós?

No tempo da igreja medieval, antes dos reformadores, o sentido da Escritura era fixado pelos Concílios que, sob o controle do papa, estabeleciam uma regra de fé a ser aceita por todos. Os que divergiam dessa interpretação eram ameaçados. Os reformadores se rebelaram contra isso e, em lugar da autoridade papal para confirmar a interpretação que era dada à Bíblia, apelaram para a autoridade do próprio Senhor Jesus, que nela se encontra e que

é testemunhada pelos profetas e apóstolos.

Nesse ponto, Lutero foi radical e ainda hoje é um marco para nos orientar e tranquilizar. Para ele, Jesus Cristo é o Senhor das Escrituras. A canonicidade de um livro depende de seu caráter cristocêntrico, ou seja, do fato de anunciar a Cristo. E, assim, a autoridade dos escritos bíblicos depende da presença de Cristo para a qual eles apontam.

Por outro lado, a questão da autoridade da Bíblia se manifesta quando se indaga se tudo o que se encontra nela é digno de confiança. Ou, então, como se pode saber que ela é a palavra segura da parte de Deus para o homem e a sua salvação? Essas questões, que podem até parecer indignas de serem consideradas por um crente, na verdade ainda hoje são pertinentes.

O próprio Lutero, como vimos acima, já estava lidando com elas e procurando respondê-las. Ele mais do que ninguém sabia do valor das Escrituras e confiava na ação do Espírito Santo quando, em oração, busca-se compreendê-las, mas isso não o impedia de considerar essas dificuldades.

Uma desses problemas advém da distância que existe entre nós e aqueles que, no passado, inspirados, escreveram os textos bíblicos. Às vezes são dois mil anos que nos separam de um escritor, para não falar na diferença entre o ambiente cultural em que ele viveu e o nosso.

Quase sempre a visão de mundo que o escritor possui é bem diversa da que temos hoje, e nem é necessário dizer como o tempo e a cultura transformam os costumes, as idéias e as formas de se expressar. Daí o trabalho minucioso dos historiadores, linguistas, arqueólogos e principalmente dos exegetas, que têm se debruçado sobre a Bíblia para melhor entender o seu sentido.

Será que ao tratar dessas questões pode ocorrer que venhamos a nos sentir inseguros em nosso relacionamento com o livro da vida, pelo qual temos acesso a Jesus, nosso Senhor? Será que poderíamos continuar a aceitá-la como temos feito, sem perder a confiança? Ou não seria o caso de, ao levar em consideração essas questões, nos acharmos em condições de dar as razões da nossa fé e de melhor compreender o recado que a Bíblia tem para as pessoas nos dias de hoje?

Diante de tais questionamentos sempre se sentiu a necessidade de compreender melhor o que é a Bíblia e de explicá-la para os que a questionam. Nesse ponto, os reformadores tiveram e têm hoje uma palavra que merece ser mais e mais lembrada. A teologia dos tempos da Reforma girou em torno da Palavra de Deus e com ela podemos aprender muito do verdadeiro sentido das Escrituras, mesmo que tantos séculos tenham se passado.

A palavra dos reformadores

Voltemos, em primeiro lugar, novamente a Lutero. Ele possuía uma maneira muito interessante de considerar a Bíblia. Para ele, os diversos escritores bíblicos tinham modos diferentes de experimentar a fé e de expressá-la e isso é visível quando, ao escrever, eles deram o seu testemunho nas Escrituras. Dessa forma, ele podia perceber a diferença de estilos entre eles. Ao comparar o ensino sobre a justificação pela fé no Novo Testamento, ele notou diferença entre Paulo, escrevendo aos Romanos, e Tiago, que lhe parecia ensinar a justificação pelas obras. Preferiu valorizar mais Paulo.

Além disso, no seu entender, um escrito que não fosse bem claro em apontar

para Cristo não devia ser considerado apostólico. A partir daí, ele manifestou a sua preferência, em primeiro lugar, pelo Evangelho de João e, em seguida, pela Epístola aos Romanos.

Por sua vez, Calvino, o nosso reformador, também notou que o valor dos diversos livros na Bíblia era diferente. Ele percebeu também algo que é uma coisa maravilhosa, ou seja, que a Palavra de Deus vem a nós através das linguagem e das palavras humanas, mesmo com toda a sua fragilidade. Por causa de nossa ignorância ou incapacidade de compreender os seus mistérios - ensinou ele - Deus se adapta (se acomoda) à nossa maneira de falar, para que a sua Palavra seja compreendida.

Assim, sendo a Bíblia um livro divino, não deixa de ter, como se pode ver pela diferença de estilos literários de seus escritores, traços humanos. Por perceber esse caráter divino e humano das Escrituras, em seus comentários, referindo-se à transmissão de uma certa palavra ou texto, ele podia reconhecer, sem maiores problemas, por exemplo, que ali, por engano, "um erro havia sido cometido pelo copista".

O testemunho interno do Espírito

Mais importante, entretanto, foi a maneira como Calvino respondeu à questão sempre levantada, sobre a maneira pela qual podemos saber, com segurança, que a Bíblia é a Palavra de Deus. Para ele, ao contrário dos teólogos que vieram depois (e que, de certa forma, modificaram o seu ensino) e que queriam provar por argumentos racionais que a Bíblia é a Palavra de Deus, a questão devia ser compreendida de modo diferente e, portanto, ter uma res-

posta diferente.

Do mesmo modo que Lutero e Zuínglio a palavra viva de Deus é, em primeiro lugar e acima de tudo, a própria pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor. E também que a única forma de reconhecer a Palavra de Deus nas Escrituras era pela ação do Espírito Santo: “o testemunho dado pelo Espírito Santo é muito mais excelente que qualquer outro argumento”, dizia.

Calvino também destacou em seu ensino que a única maneira de confirmarmos a Palavra de Deus em nosso coração se dá pelo testemunho interno do Espírito Santo e não por “argumentos e disputas inúteis.” Para ele é “preciso que o mesmo Espírito, que falou pela boca dos profetas, penetre em nossos corações e os toque eficazmente para persuadí-los de que os profetas disseram com fidelidade o que

lhes foi determinado pelo Espírito Santo” (Institutas, I, VII, 5).

Deus na verdade cuidou para que esses escritos desempenhassem o seu papel no que se refere à nossa salvação inspirando os que os redigiram. Assim, “a Escritura nos alcança de fato quando confirmada em nossos corações pelo Espírito Santo... Iluminados pela ação do Espírito, cremos que a Escritura é de Deus, e isso porque, para além de todo juízo humano, é-nos dado conhecer, com absoluta certeza, que a Escritura nos vem dos próprios lábios de Deus, por intermédio do ministério dos homens... (Strohl, 85). “É mister que o Espírito inspirador da Palavra entre também em nossos corações fim de iluminá-los” e por essa falta é que muitos permanecem incrédulos e recusam o evangelho. Só assim Deus pode ser conhecido.



A SOBERANIA DE DEUS

A soberania de Deus está entre os temas destacados e facilmente perceptíveis na Escritura, especialmente na vida do povo de Israel e da igreja. Deus é o senhor de todas as coisas. Em sua majestade, Ele controla o mundo de forma absoluta e, em seu agir, não depende de nenhum outro poder. Em qualquer área da existência do ser humano e do mundo, Deus é tudo em todas as coisas.

Para os reformadores do século XVI e, de modo especial, para João Calvino e os seus seguidores, essa doutrina mereceu e tem merecido um lugar de destaque. É uma crença básica para os cristãos de linha reformada/presbiteriana. Para muitos teólogos reformados, se há um dado que pode ser considerado o eixo central no sistema presbiteriano/reformado e em torno do qual gira tudo o mais, é este.

I

Referindo-se a esse assunto, ao tratar de Deus e da Santíssima Trindade, a Confissão de Fé de Westminster diz assim: "Há um só Deus vivo e verdadeiro, que é infinito em seu ser e perfeição... Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si... Ele é a única origem de todo o ser: dele, por ele e para ele são todas as coisas, e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com

elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser" (Cap. II, 2).

O testemunho bíblico sobre o poder e a majestade de Deus pode ser encontrado em muitos livros da Bíblia. No Antigo Testamento, livro dos Salmos, temos: "Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade" (8.1) ou "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?" (27.1), ou ainda "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.... por toda a terra se faz ouvir a sua voz e as suas palavras, até aos confins do mundo" (19.1).

O que vemos com clareza atestado nas Escrituras é que Deus é o Senhor todo-poderoso e único no mundo: "Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?" (Ex 15.11). Em sua presença os ídolos são lançados fora (Is 31.7). Ele é o primeiro e o último e julga a terra e todas as nações (Is 82.8). Não existem outros deuses (Is 43.10). Ele é o Senhor de toda a terra, da natureza e também do ser humano (Am 4.13). Por isso, Ele é o Senhor de toda a história (Is 45.21; 46.9).

No Novo Testamento, é Paulo quem mostra essa verdade a Timóteo: "Exorto-

-te... que guardes o mandato imaculado... até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém" (1Tm 6.13-16).

Muitos hinos dos nossos hinários, de origem reformada, falam da grandiosidade de Deus e de seu poder soberano: "Ao Deus de Abrão louvai, do vasto céu Senhor, Eterno e poderoso Pai e Deus de amor" (SH 232); "Santo, santo, santo, Deus onipotente" (SH 247) ou "A Deus, supremo benfeitor, anjos e homens dão louvor" (Doxologia, SH 227).

Isso, entretanto, não quer dizer que, em seu poder e majestade, Ele seja um Deus distante, abstrato e impessoal como às vezes é descrito. Ao contrário, ele é acima de tudo, Deus presente entre nós (Deus conosco) e amoroso. Ele se relaciona com Israel e o elege, bem como com a igreja, para ser o seu povo (Mc 12.26-27). Como diz o apóstolo Paulo, "nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (2 Co 6.16).

A maneira jovem de louvar a Deus nas igrejas, através do cântico de "corinhos", também tem encontrado formas de manifestar essa grande verdade, tão cara a Calvino e aos reformadores. Eis alguns exemplos: "Ao único que é digno de receber a honra e a glória, a força e o poder" ou, "Tu és soberano sobre a terra, sobre o céu tu és Senhor, absoluto..."

II

É fácil de perceber que são muitas as

implicações dessa doutrina para a vida do cristão. Vivemos em um mundo e desde os primeiros passos, embora protegidos no lar, sentimos muita insegurança. E muitas vezes somos dominados por essa insegurança que nos cerca. Ficamos ansiosos com as incertezas ao nosso redor.

Às vezes somos colocados em uma situação de solidão ou abandono, também sem poder compreender o que está ocorrendo. Temos dificuldades com as novas situações a serem enfrentadas e muitas vezes nos desesperamos. Existem os problemas naturais como as catástrofes, doenças e até a morte. Temos problemas humanos de preconceito, incompreensão, desajustes, sentimentos humanos incontroláveis, etc.

Enfrentamos também os problemas oriundos do tipo de sociedade que construímos. Em um mundo globalizado, com marcas fortes do egoísmo nas estruturas familiares, sociais, econômicas e políticas, sentimos as desigualdades, o desemprego, a violência cotidiana, as injustiças, as exclusões, o desprezo pela vida humana. Isso não acontece só conosco. Calvino se referiu a essas coisas que ele e seus contemporâneos viveram também, mas mostrou, acima de tudo, o governo providencial de Deus sobre nós e tudo o que estava acontecendo e como ele nunca nos abandona.

Se há algo que sempre preocupou o ser humano, foi a questão do seu destino e de sua salvação. Muitos são os desvios pelos quais a humanidade tem buscado uma tábua de salvação a que se agarrar. No tempo dos reformadores, o ser humano preservava a mente ligada a uma série de superstições e ensinamentos religiosos muito distantes do caminho proposto nas Escrituras. A mensagem da salvação pelas obras, o esforço para conseguir méritos e as indul-

gências deixavam as pessoas insatisfeitas e aumentavam a sua insegurança.

A descoberta de um caminho diferente, através dos escritos de Paulo sobre a justificação pela fé, constituíram elemento fundamental para que Martinho Lutero, o grande iniciador da reforma na Alemanha, pudesse encher o seu coração de satisfação pessoal e alegria com a salvação. O seu hino ainda hoje ressoa em nossos ouvidos: "Castelo forte é nosso Deus".

Também para Calvino, a descoberta dessa verdade libertadora foi maravilhosa. Ao falar do senhorio de Jesus Cristo na obra da redenção, sua palavra foi muito clara: "Tudo quanto concerne à nossa salvação está compreendido em Jesus Cristo" (Inst. II, XVI, 19). Ele, diferentemente de Lutero, expressou essa verdade falando sobre a providência e a predestinação, meios pelos quais Deus, soberanamente, cuida de nossa vida e da nossa salvação.

O assunto da eleição em Cristo tem sido tratado muitas vezes como uma discussão complicada, cheia de becos sem saída e sem muito valor prático para a igreja. Mas, para Calvino, não era assim. Ele não estava preocupado em dizer quem haveria de se salvar ou não, nem estava curioso para poder desvendar todos os dilemas de um enigma filosófico sobre o destino humano, como os teólogos vieram a fazer depois.

O que foi importante para ele e pode ser para nós também foi saber que ali estava um anúncio claro sobre como Deus governa esse mundo e a nossa vida, e como tem um plano cheio de misericórdia para nos alcançar, mesmo na nossa rebelião contra Ele. Essas foram as boas novas descobertas e anunciadas por ele.

Em conseqüência, ele podia sentir tranquilidade na ação redentora realizada por

Jesus Cristo pela nossa salvação, além de experimentar, na vivência do Espírito Santo, a nova vida concedida por Deus. Também podia falar como Deus cuida da salvação das pessoas, tomando a iniciativa de se acercar a elas com sua graça e libertando-as da inútil preocupação com as boas obras meritórias. Não é difícil imaginar como essa verdade soou altissonante para as muitas pessoas que, vindo da igreja medieval, se sentiam sobrecarregadas com o fardo das boas obras, das penitências ou da compra das indulgências.

Talvez a maior implicação da vivência dessa verdade de libertação e confiança no Senhor soberano, que cuida de todas as coisas e também da nossa salvação, tenha sido justamente as pessoas poderem se sentir livres para cuidar de outras preocupações. Estavam agora libertas para, com gratidão, se dedicarem ao serviço a Deus e, principalmente, ao próximo.

III

Outras verdades são decorrentes do que vimos acima. A soberania de Deus está ligada também e de modo direto ao cuidado de Deus para com o mundo em que vivemos, com a criação e com a história humana. Em Atos 14.15, os apóstolos podiam testemunhar isso: Senhores, nós "vos anunciamos o evangelho para que dessas coisas vós vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles". E a confissão de fé dos primeiros cristãos, logo no começo da igreja primitiva, tinha muito a ver com isso: "Jesus é o Senhor".

Para João Calvino, no século XVI, em meio a uma série de novas descobertas marítimas e mudanças que estavam ocorrendo na vida das pessoas na Europa, tal

mensagem representou muita coisa. Essa compreensão totalmente nova de Deus e seu modo de dirigir o mundo foi fundamental para direcionar a vida de muitos, que se achavam desorientados diante do que estava acontecendo.

Em muitas ocasiões, na história do protestantismo na França e em outros países, os reformados enfrentaram duras perseguições políticas e a morte, e tiveram de pegar em armas contra os seus inimigos. Perseguidos e maltratados, feridos de morte, sentiam a mão poderosa de Deus ao seu lado e se animavam para cantar o salmo 68: "Levanta-te Deus; dispersam-se os seus inimigos; de sua presença fogem os que o aborrecem".

Também nos dias de hoje, somos muitas vezes cétricos e pessimistas, perdendo a visão orientadora que nos vem da fé cristã. Muitas vezes, ficamos desanimados com o que vemos e não conseguimos perceber o sentido do que acontece. Os problemas são enormes, nos intranquilizam e fazem desanimar. Como encarar, por exemplo, problemas tão corrosivos como o desemprego na proporção em que está existindo? Ou o abandono das crianças nas grandes cidades? Ou a fome, a miséria e a morte dos povos da África? Ou a pobreza na América Latina e Caribe? Como ficamos diante disso, ao saber que a soberania de Deus se caracteriza por santidade e justiça

para todos?

Existem outras formas de encarar a vida e a história. Os gregos, por exemplo, tinham uma compreensão da história que é chamada de cíclica, ou seja, no seu desenrolar está em um eterno retorno. Nada muda. Os acontecimentos são os mesmos e apenas se repetem.

Outros povos acreditam na fatalidade do destino e, em geral, não contam com uma perspectiva transformadora. Os cristãos, no entanto, refletem o ensino bíblico sobre uma história linear, que tem um começo e caminha para o alvo estabelecido por Deus de "fazer convergir nele todas as coisas" e na qual somos chamados a nos envolver.

Como manter firme a compreensão na ação soberana de Deus, que tem todas as coisas em suas mãos e as conduz para um propósito amoroso e salvador? Será que podemos testemunhar aos outros essa fé? O salmista dizia: "O Senhor está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem?... Empurraram-me violentamente para me fazer cair, porém o Senhor me amparou" (118.6,13).

Por sua vez, Calvino escrevia: "Nosso consolo, pois, está na compreensão de que o Pai celestial tem todas as coisas submetidas ao seu poder de uma tal forma, que nada do que existe ocorre que não seja pelo seu querer" (Institutas, I,XVII, 11).



ELEITOS EM NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Lição 10

Impossível seria falar da nossa fé reformada sem tratar, e com bastante carinho, do tema da eleição ou predestinação. Na Bíblia, ele aparece como uma verdade maravilhosa, a ser contemplada com gratidão. Paulo, ao tratar da eleição do povo de Israel e dos gentios na epístola aos Romanos, nos capítulos 9-11, conclui: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!... Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (11.33,36).

Sim, Deus está no centro das nossas vidas e do nosso destino e é o Senhor soberano de todas as coisas. Nada há que ocorra sem que primeiro contemplemos a Ele, pois por trás de tudo o que acontece estão a sua vontade e os seus propósitos para conosco.

Como temos em Efésios, Deus “nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo.. no qual temos a redenção... desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; nele, digo, no qual fomos também

feitos herança, predestinados... (1.4-11).

Outras palavras eloquentes podemos encontrar no Antigo Testamento, no livro dos Salmos: “Senhor, tu me sondas e me conheces... Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis...” (139.1,14). Sim, desde a eternidade Deus está pensando em nós. Como disse o notável teólogo reformado suíço, Emil Brunner, a nossa existência pessoal é levada a sério e por isso temos dignidade. Temos um destino eterno e Deus nos olha com amor.

Com isso, Deus providencia a nossa salvação e aguarda que, pela fé, respondamos amorosamente a Ele. Ele nos busca, nos agarra e nos persegue de forma irresistível e, pela sua graça, opera em nós a sua salvação. A eleição trata da vontade misericordiosa de Deus que é somente graça para conosco, como nos revelam a vida e os atos de Cristo em nosso favor. A sua graça é o seu cuidado amoroso pelo qual, sem possuírmos mérito, somos acolhidos como seus filhos hoje e para sempre.

Por isso tudo, João Calvino falava da eleição como um indizível conforto “na noite escura da alma”. Conforto para os que, vivendo a vida cristã, pela ação do Espírito, vivenciam o cuidado de Deus para com eles. Sem dúvida, um assunto para acolhermos com gratidão e humildade, e nunca com presunção.

As dificuldades

É impossível deixar de mencionar o que lamentavelmente tem acontecido no trato com esse ensino e sua interpretação na igreja: os mal-entendidos. Uma igreja evangélica neo-pentecostal chegou a publicar em seu jornal, na primeira página, as doze razões porque essa é uma doutrina diabólica! E mesmo entre nós, reformados/presbiterianos, pode-se perceber como o assunto é tratado com reticências e até evitado.

Poucos gostariam de ministrar uma aula de escola dominical sobre isso. Para alguns, parece difícil e complexo, e para outros, tal estudo traz confusão para a mente das pessoas e não edifica. É necessário, no entanto, que, com uma nova abordagem, redescubramos essa verdade bíblica e reformada em todo o seu significado para nós.

Na verdade, após os reformadores, um certa forma de abordar esse tópico da teologia acabou sendo responsável por isso. Marcada por um tratamento racional e pouco bíblico desse tópico, a ortodoxia protestante do século XVII, após os reformadores, tornou o assunto praticamente uma discussão filosófica em torno do destino do ser humano e de sua liberdade. A eleição tornou-se uma teoria geral sobre decretos estabelecidos por Deus antes da criação do mundo, da qual se deduzem uma série de princípios teóricos.

Idéias contraditórias surgiram e grupos religiosos se formaram, defendendo pontos de vista diferentes: os defensores de uma dupla predestinação passaram a ensinar que Cristo morreu apenas pelos eleitos. Como todos são pecadores, Deus pode conceder a sua graça para alguns, e, para os demais, aquilo que todos merecem, isto é, a condenação. Além disso, antes da fundação do mundo, Deus decidiu sobre

os que haveriam de ser salvos e os que seriam condenados.

Já para os universalistas, no pólo oposto, Deus ama e tem misericórdia para com todos. Quer que todos se salvem. Para outros ainda, o amor de Deus se manifesta para com todos, mas só vale para aqueles que o buscam e obedecem e têm condições de realizar a sua parte (pelagianismo).

Questões emaranhadas em meio à curiosidade humana foram levantadas: se tudo foi estabelecido desde a eternidade, não há lugar para a liberdade do ser humano; se uns foram predestinados para a salvação e outros preordenados para a perdição, como temos no ensino da dupla predestinação, então Deus não ama igualmente a todos e nem há necessidade de arrependimento; se alguns foram rejeitados desde o princípio, Deus estaria preso a uma lógica estabelecida desde a eternidade e dela não pode fugir, praticamente perdendo a sua soberania; se alguns são eleitos, outros são condenados e, portanto, estão excluídos.

Ademais, se tudo está predeterminado - salvação ou perdição - não há o que fazer. Qualquer decisão tomada seria uma ilusão. E, além disso, será que tudo foi decidido sem que as pessoas tivessem uma participação, por pequena que seja?

O ensino da Escritura

É evidente que uma tal problemática tem feito com que os vários teólogos e a teologia se dediquem ao assunto, de forma a alcançar uma resposta mais satisfatória e que esteja de acordo com o ensino bíblico.

Para Emil Brunner(1889-1966), importante teólogo reformado suíço da Escola Dialética, ao tratarmos dessa questão devemos levar em consideração os seguintes pontos:

1. Na Bíblia, a fé é sempre um dado importante, dependente do relacionamento pessoal do ser humano com Deus e nunca fé em alguma declaração geral ou dedução de algum princípio abstrato ou doutrina. Assim, a eleição se baseia na fé que ocorre no encontro com Jesus Cristo. Deus nos chama para uma relação pessoal, Eu-Tu. A fé será sempre o elemento fundamental na eleição eterna e nunca a dedução a partir de um plano pré-estabelecido de modo impessoal e neutro.

2. A eleição de Israel foi uma escolha feita por Deus que veio ao encontro do seu povo (Dt 14.2) e se baseia exclusivamente nele e no seu amor, sem qualquer mérito por parte de Israel. Israel sabe que depende totalmente da graça de Deus e que, desobedecendo, será rejeitado (Os 5.5). Na aliança que Deus fez com Israel, há uma exigência de correspondência por parte do povo.

Por outro lado, a eleição pode ser entendida a outras nações (Is 49.6). Deus tem total liberdade de eleger e o ser humano está condicionado à obediência para não ser rejeitado. E o único critério para a seleção é Jesus Cristo. "Crer em Cristo e ser eleito é uma e a mesma coisa."

3. A eleição ocorre como resultado do amor de Deus que se manifesta pessoalmente no chamado que aguarda uma decisão pessoal em resposta de obediência e fé a Jesus Cristo, por meio de quem viemos a receber graça (Rm 1.5). Mesmo sendo receptáculo da graça como dom de Deus, o ser humano não é passivo e permanece responsável. Se a fé é uma dádiva, também a liberdade o é. O ser humano permanece como pessoa diante de Deus e a relação pessoal nunca é desprezada ou substituída por qualquer determinismo.

Na verdade, só podemos falar em eleição tendo diante de nós a pessoa de Jesus

Cristo, pois Ele é a pedra eleita posta por Deus (1 Pe 2.6). Ele é, pois, o mediador da nossa eleição. Ele é que elege (Jo 15.16). Portanto, onde está o Filho há eleição, e onde Ele não está, ela não existe. Nós somos eleitos nele (Ef 1.11). Como no Novo Testamento o Filho só está onde há fé, os eleitos são os que crêem. A eleição está no âmbito do amor de Deus na cruz e é "para todos os que crêem" (Rm 3.22,26).

Do mesmo modo como na antiga aliança Israel recebeu a eleição de Deus, na nova aliança "vamos ao encontro daquele que nos chama em amor". Eleito é aquele que é chamado e aceita a filiação de Deus. Ou seja, somos "eleitos, segundo a presciência de Deus Pai em santificação do Espírito para a obediência... (1 Pe 1.2).

Por isso, a eleição "não é uma decisão fingida, onde tudo já tenha sido decidido de antemão". Por isso também, a eleição não pode ser tratada da forma como faz o universalismo (todos serão salvos - no fim tudo dá certo), nem na forma como ensinam os adeptos da dupla predestinação (tudo já está determinado, tanto para os que se salvam como para os que se perdem - para que se preocupar?).

Dupla predestinação?

Brunner considera a dupla predestinação um mal-entendido, uma interpretação errônea, na qual o próprio Calvino teria deslizado e que tem trazido consequências desastrosas para a compreensão da doutrina da eleição. Talvez por causa da idéia de um julgamento final, em que alguns ganham a vida eterna enquanto outros são destruídos, "não foi difícil atribuir esse resultado duplo à vontade toda-poderosa de Deus e, dessa forma, deduzir-se a dupla predestinação".

Essa também é a idéia do rev. Alfredo

Borges Teixeira, ao condenar esse ensino em sua *Dogmática Evangélica* (p. 227). Para ele, Calvino, só por uma injunção lógica, indo além dos limites da Bíblia, chegou a ensiná-la na Instituição da Religião Cristã (Institutas). Na forma como tem sido ensinada a doutrina da eleição muitas vezes, mais parece uma obrigação a que Deus está sujeito, tendo que fazer uma seleção prévia, sem poder manifestar o seu amor e a sua liberdade absoluta. Em verdade, se examinarmos bem, não existe na Bíblia um plano de rejeição e o propósito de Deus é fazer convergir nele todas as coisas (Ef. 1.10).

Ainda quanto à dupla predestinação, Brunner afirma que, embora tenhamos com clareza a eleição para a salvação, não há na Bíblia “qualquer menção a um decreto de rejeição.” Embora Deus possa endurecer o coração para seus propósitos, como fez com faraó em Gn 4.21, “esta atividade não é atribuída a um decreto eterno e nem como sendo algo irrevogável”. No caso de Judas, que traiu a Jesus, o texto diz apenas que assim aconteceu para que “a Escritura fosse cumprida”. O mais são deduções. Também no caso da ira de Deus, ela não se baseia em um decreto eterno, só permanecendo se alguém “se mantém rebelde contra o Filho” (Jo 3.36).

No caso dos vasos que o oleiro faz para honra ou desonra, não se pode esquecer que Paulo, em 2 Tm 2.21, diz que “se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra”. O famoso texto em que Paulo cita a rejeição de Esaú (Rm 9.13) também não justifica a idéia de um duplo decreto, mas trata simplesmente da “liberdade de Deus e sua ação na história da salvação”, ou seja, Deus escolhe os instrumentos de sua ação redentora como lhe apraz, agindo soberanamente.

Paulo, ainda no capítulo 11 de Romanos, diz que temporariamente os judeus foram rejeitados mas que, se se arrependerem e se converterem, serão restaurados, ressaltando essa relação pessoal com o Deus vivo que está sempre presente na predestinação. Deus pode até encerrar alguém na desobediência sim, mas para ter misericórdia desse alguém, como aconteceu com Israel e com os gentios (Rm 11.32).

Assim, no Filho de Deus que foi anunciado entre nós, sempre houve o sim, diz Paulo (2 Co 1.19). Finalmente, Brunner diz que a idéia de um duplo decreto leva a consequências que estão “em oposição absoluta e direta às declarações centrais da Bíblia.” Ou seja, em lugar das boas novas da salvação em Cristo possivelmente um “horrrível decreto”.

Conclusão

Se para falar de predestinação temos que ter diante de nós a pessoa histórica de Jesus Cristo como Deus encarnado, nosso senhor e salvador, e se o tratamento do tema deve ser cristocêntrico, sempre equacionando eleição com o estar “em Cristo”, então deixam de ter sentido os questionamentos que costumeiramente fazemos ao tratar do assunto.

Questões como liberdade e responsabilidade, predestinação ou determinação, escolha e liberdade, a participação do ser humano, a justiça de Deus e outros estão fora das preocupações dos autores do Novo Testamento. Também poderemos estar livres de uma discussão especulativa e ociosa para, com confiança e gratidão, sentirmos a maravilha de sermos alcançados pela graça de Deus e, assim, termos as condições necessárias para nos dedicar ao serviço do reino de nosso Senhor Jesus Cristo.



A LITURGIA REFORMADA

Lição 11

O tempo da Reforma no século XVI exigiu dos reformadores a gigantesca tarefa de reconstruir a igreja e conduzir o povo de Deus às fontes verdadeiras do evangelho, conforme a prática do Novo Testamento, que havia sido abandonada na Idade Média. Por isso, nem tudo na igreja podia ser reformulado de forma completa. De certa modo, à liturgia não foi dada toda a atenção que seria necessária. Mesmo assim, isso não foi obstáculo suficiente para impedir que João Calvino, em Estrasburgo e Genebra, se dedicasse com afinco ao tratamento da questão do culto e louvor a Deus.

Sabemos como o reformador francês, aos 27 anos, em viagem para Estrasburgo, se deteve em Genebra e ali foi convencido por Guilherme Farel a permanecer na cidade. No entanto, seu trabalho como mestre no ensino das Escrituras começou a sofrer resistências e menos de dois anos depois, em 1538, ele e Farel tiveram de deixar a cidade, expulsos pelas autoridades.

Um dos motivos foi justamente o fato de não quererem aceitar as intromissões da cidade de Berna, impondo seus ritos à liturgia da Igreja de Genebra, e a não aceitação, por parte das autoridades genebrinas, da celebração semanal da ceia do Senhor.

Exilado, o destino de Calvino foi a cidade de Estrasburgo, onde recebeu a acolhida do reformador Martinho Bucer. Ali

ele permaneceu três anos muito enriquecedores para a sua vida e sua formação teológica. Pastoreando uma congregação de refugiados franceses, Calvino colocou em prática a liturgia utilizada por Bucer nas congregações de fala alemã. Uma reforma litúrgica vinha acontecendo ali, e do rito romano utilizado no período medieval foi tirado tudo que lembrasse a doutrina romana do sacrifício de Cristo.

A confissão passou a ser feita pela congregação, o vernáculo passou a ser utilizado, o altar foi substituído pela mesa com a “ceia do Senhor”, o sacerdote passou a se chamar ministro, as vestes foram substituídas pela toga preta, o sermão ganhou destaque, a eucaristia para o povo passou a ser celebrada semanalmente na catedral e o cântico congregacional foi estimulado com o cântico dos salmos. Calvino viu na reforma litúrgica que Bucer vinha colocando em prática uma expressão legítima do culto praticado na Igreja Primitiva. Quando em 1541 voltou a Genebra, ele tinha em mente, com clareza, o trabalho a ser realizado nessa área.

Calvino e Lutero

Na liturgia calvinista a grande ênfase é encontrada na consciência da infinita majestade de Deus e de sua transcendência, que despertam no ser humano a adoração

humilde. Diante da manifestação da glória de Deus e de sua graça o ser humano, em sua pequenez, é convidado a prestar-lhe honra e obedecê-lo. Não existe diferença entre honrar a Deus (latría) e servi-lo (doulia), como afirmavam alguns, mas as duas coisas estão entrelaçadas no verdadeiro culto. Se queremos adorar ao único Deus - escreve Calvino nos primeiros capítulos das Institutas - devemos obedecê-lo e guardar os seus mandamentos. Dessa adoração obediente resulta o andar conforme a Palavra de Deus a cada momento, no viver diário. Culto e vida estão intimamente ligados.

Enquanto para Lutero, no culto, o ser humano culpado sente, acima de tudo, a segurança e alegria da justificação, para Calvino o que importa é a absoluta soberania de Deus e a obediência, acima dos sentimentos. A segurança do adorador não depende das emoções: "Vive-se e morre-se seguro". O que conta para os eleitos é a glória a Deus unicamente. Daí a importância da adoração em comunidade, como povo de Deus e não como indivíduos.

Considerado algumas vezes como sendo pobre, o culto calvinista se preocupa em evitar que a palavra humana substitua a Palavra de Deus. Para Calvino, o que importa é o culto simples, que vem do coração e que não se esgota no momento de adoração. Por isso, as formas são secundárias. Com relação à celebração da ceia, enquanto Zuínglio procurou separá-la da pregação para enfatizar esta, Calvino fez o contrário: o culto completo a cada domingo, devia incluir a ceia, e por esse ponto lutou até o final de sua vida.

O culto de Calvino

Embora Calvino não estivesse muito preocupado com a forma do culto em si,

a liturgia calvinista incorporou ênfases teológicas muito bem fundamentadas e que constituem parâmetro para a prática do culto verdadeiro.

Em sua estrutura básica, conforme nos ensina J.H. Nichols ("A Tradição Litúrgica das Igrejas Reformadas"), o culto tem a palavra lida e pregada, unida à celebração dos sacramentos, além do louvor, meditação e silêncio. Sua ênfase notória é a adoração e o temor ao Deus vivo, cuja presença se celebra, seguida da confissão de pecados, que lembra a fragilidade humana diante do Deus santo e todo-poderoso. Assim, a grandeza e majestade de Deus, manifestadas na criação e na salvação, são celebradas com gratidão.

Na liturgia de Knox, utilizada pela igreja da Escócia e depois espalhada pelas igrejas reformadas em todo o mundo, assim aparece: "Ó Deus, eterno e misericordiosíssimo Pai, nós confessamos e reconhecemos aqui, diante de tua majestade divina, que somos miseráveis pecadores, concebidos e nascidos em pecado e iniquidade, de tal modo que em nós não há bondade alguma." Em seguida, vêm as palavras de perdão.

Um traço fundamental do culto reformado é a busca do equilíbrio entre Palavra e sacramentos. Calvino sabia que nos dois sinais - auditivo e visual - podemos discernir a presença do Senhor, uma vez que seríamos incapazes, em nossa limitação, de contemplar a plenitude de sua majestade. Embora elementos materiais, eles garantem uma presença que os transcende, apontando, pela ação do Espírito Santo, para o mistério da encarnação.

No culto reformado, Palavra e sacramentos são os modos de Cristo se aproximar de nós. Pelos sacramentos temos preservado o lado misterioso e supra-racional de Cristo. A palavra lida e explicada esclarece os sacramentos, assim

como estes esclarecem a pregação. Ambos estão ligados e, sem o sacramento, a Palavra corre o risco de ser palavra humana. Com o sacramento, o ser humano pode ser alcançado de forma mais completa, no seu intelecto e em seus sentidos.

Outras ênfases têm sido lembradas, como faz John Leith no livro "A Tradição Reformada". Para ele o culto reformado possui uma integridade teológica que advém de sua integridade bíblica. Tudo na liturgia - sentimentos, estética, ordem - é submetido ao teste teológico. A criatividade, por exemplo, tem o seu lugar no preparo do culto e é muito importante, mas não devemos nos dar ao luxo de utilizá-la de forma aleatória ou como simples novidade, desconsiderando suas diretrizes bíblicas e teológicas.

Outro traço é a clareza de expressão, ou seja, o culto realizado de forma compreensível, na linguagem do povo. A pregação não deve ser feita para impressionar, mas para levar ao aprendizado para a vida cristã. Deve conduzir à edificação, não no sentido de um intelectualismo estéril, como veio a ocorrer muitas vezes (o sermão sendo transformado em aula), mas à vivência em comunidade do amor a Deus e ao próximo, da confiança e lealdade como expressões de verdadeira comunhão (koinonia).

Uma outra característica é a sua simplicidade. Pouca cerimônia, muita dignidade e clareza. Como diz Calvino, "Para que as cerimônias nos sirvam de exercício de piedade, é preciso que nos levem diretamente a Cristo" (Institutas, I,IV,29). No batismo ou na ceia, a pompa pode desviar a mente do povo. Os gestos ou movimentos devem ser poucos e apropriados. É preciso que haja uma congregação disciplinada, em condições de dialogar diretamente com

Deus, sem se perder em desvios. Também a arquitetura dos templos deve expressar esse pensamento e evitar a ostentação de certos estilos, como o gótico ou o rococó.

A Música

Outro traço significativo da liturgia calvinista é a música congregacional. A intenção inicial foi utilizá-la não como trabalho profissional pago, mas como ação de toda a congregação. Com esse objetivo, Calvino preparou, em 1539, um manual de culto com 17 salmos, o Credo e o Cântico de Simeão, que eram cantados regularmente na igreja. Mais tarde, passou a ter mais de uma centena de melodias, com grande qualidade musical.

Grandes poetas franceses, como Marot, e músicos, como Louis Bourgeois, foram chamados a colaborar e compuseram melodias famosas como a "Doxologia" ou "Ao Deus Supremo Benfeitor", que ainda temos em nossos hinários. Os visitantes em Genebra ficavam admirados de ver como o povo cantava os salmos. Para Calvino, os cânticos devem vir do coração que busca o entendimento. E é bom compreender a letra que se canta já que a inteligência deve seguir o coração e as emoções.

É certo que os reformadores tiveram reservas com relação à música até então usada na igreja. Acontece que seu interesse não estava simplesmente na música, mas na liturgia toda. Calvino não era contra a música, mas contra as apresentações corais ou de órgão, chamativas em si, ocupando o lugar do canto congregacional. A prioridade era que todos cantassem. Queria que as crianças, primeiro, aprendessem a melodia dos salmos, para então, em coro, ensiná-las à congregação.

Tinha restrições ao órgão e preferia o cântico em uníssono como forma mais apropriada de louvar a Deus. Também para Karl Barth, teólogo reformado do século XX, quem canta no culto é a comunidade e não uma sociedade coral. Para ele, os instrumentos que acompanham o cântico muitas vezes “só servem para suprir a fraqueza com que a comunidade desempenha o ministério da voz humana” e não para fortalecê-la. Para esse famoso teólogo, o que deve ser observado fundamentalmente no culto é sua base teológica e não considerações sociais, estéticas ou psicológicas.

A partir da Reforma imprimia-se manuais de culto contendo salmos metrificados e orações litúrgicas para serem usados pela congregação. Manuais só para pastores começaram a ser feitos após a Assembleia de Westminster, no século XVII, e não representam a prática dos reformadores. Hoje, os boletins com a liturgia do culto têm patrocinado essa volta à prática dos dias da Reforma.

Distorções

Contudo, o desenvolvimento histórico da Reforma apresentou um quadro diferente daquele almejado por Calvino. Rompeu-se o equilíbrio entre Palavra e sacramentos para, em seu lugar, surgir uma igreja quase que somente da Palavra pregada. A prática da ceia do Senhor praticamente desapareceu da maioria dos cultos nas igrejas hoje. Desenvolveu-se uma hipertrofia da pregação.

O propósito de Calvino foi restaurar a leitura da Bíblia (sem esquecer da original oração por iluminação que a precede) com a pregação e a celebração da comunhão semanal. Ele estava convicto de que os

meios de graça são dois, Palavra e sacramentos, e que o ministro não deve apenas pregar, mas também celebrar a ceia toda semana.

Suas palavras sobre isso são expressivas: “Em verdade, este costume que sustenta que os homens devem comungar uma só vez no ano, certamente é intervenção do diabo. A ceia do Senhor deveria celebrar-se na congregação cristã pelo menos uma vez por semana.” Quando voltou a Genebra em 1541, ele concordou em que a ceia fosse celebrada apenas trimestralmente “por enquanto” e “por amor à paz”. Alguns anos antes de sua morte, ele ainda escreveu: “Preocupei-me em deixar claro que o nosso costume é defeituoso, de modo que os que venham depois de mim possam corrigi-lo com maior liberdade e facilidade” (W.D. Maxwell, *El Culto Cristiano*).

A forma zuingliana de culto foi, em grande parte, responsável pela quebra do equilíbrio proposto por Calvino em Genebra. O pensamento de Zuínglio, que interpretava a ceia principalmente como memorial, tão reduzida em seu sentido bíblico e teológico, acabou predominando e levando ao abandono da teologia eucarística de Calvino. A prática levou à ênfase na pregação, sendo a ceia celebrada ocasionalmente ou então mensalmente.

Outros fatores provocaram distorções no culto calvinista. Temerosos com relação ao formalismo e buscando simplicidade, os puritanos, no século XVIII, nos Estados Unidos, desenvolveram idéias anti-litúrgicas contra os escoceses, abandonando o uso do Credo, a leitura da Bíblia, as orações litúrgicas e a comunhão. Também o evangelismo reavivalista americano, reduzindo tudo à busca da conversão, abandonou a celebração dos sacramentos, dando lugar

à preocupação subjetivista com o emocionalmente excitante e a uma pregação principalmene moralista.

Sempre se reformando

A liturgia de Calvino se espalhou por diversos países como a Holanda, Hungria, Itália (com os valdenses) e tem sido amplamente utilizada nas igrejas reformadas. Foi levada para a Escócia por John Knox e, na Inglaterra, foi utilizada no Livro de Oração Comum anglicano, pelo trabalho do arcebispo Cranmer.

Hoje, temos diante de nós, no mundo evangélico, a influência de um quadro histórico-religioso totalmente diferente, com práticas de adoração extremamente variadas. Elas têm influenciado o culto nas igrejas reformadas e provocado discussões ora sobre o louvor e os corinhos, ora sobre a renovação da música, conforme a cultura em que ela esteja inserida. Com tantas formas de culto existentes e o esforço em compreender a herança litúrgica que vem de Calvino, somos levados a refletir e pelo menos duas coisas importantes podem ser lembradas.

A primeira delas tem a ver com a forma do culto. Calvino pensava que as formas em si eram secundárias e que o cristianismo não se define por práticas cerimoniais. E nesse ponto a tolerância era importante para que a comunhão entre os crentes não ficasse prejudicada. No convívio dos reformados com os luteranos, ele era de opinião que questões como sinos, altares ou velas,

deviam ser “acomodadas”, tendo em vista o espírito de união que devia prevalecer.

O fato de muitas coisas não estarem prescritas nas Escrituras mostrava justamente que elas não eram necessárias para a nossa salvação e também que muitas delas “devem ser adaptadas para a edificação da Igreja conforme os costumes de cada nação, convindo, de acordo com a necessidade, mudar e abolir o que é passado e regulamentar outras novas.”

A segunda refere-se ao cuidado de Calvino em trabalhar as questões litúrgicas para que estivessem fundamentadas nas Escrituras. Embora esteja clara a preocupação em também regulamentar coisas novas conforme a necessidade da igreja, sem dúvida o critério da integridade teológica para elas era imprescindível. Ou seja, a criatividade e as mudanças tão necessárias se pautam pela análise bíblica consistente e a reflexão teológica dela decorrente. Nada se deve fazer sem que haja razões notórias, sejam elas bíblicas, teológicas ou de conformidade histórica.

Finalmente, temos de ter consciência do caráter reformável do culto e de seus vários elementos. Karl Barth escreve que “embora enfatizando o caráter único do culto, ele é ação humana como resposta à livre e soberana Palavra de Deus.” Como tal, não existe uma ordem divinamente estabelecida para suas partes. Quanto ao mais, como disse Calvino, “A caridade decidirá perfeitamente o que prejudica e o que edifica; se permitirmos que ela governe, tudo irá bem” (Institutas, IV, X, 30).



Lição 12

UM NOVO ESTILO DE VIDA

O Novo Testamento fala como Cristo habita em nós e como, a partir dessa experiência, podemos sentir a realidade de um novo viver através daquilo que chamamos de regeneração e santificação. Nesse processo, ocorre em nós a mortificação do velho ser humano e o surgimento de uma nova criatura. Será que essa experiência pessoal marcante pode se tornar uma experiência partilhada pela comunidade em que vivemos? Será que ela pode alcançar uma expressão coletiva com características visíveis próprias, facilmente identificáveis?

O nosso assunto tem a ver com a resposta a essas perguntas e também com a expressão histórica que, através dos tempos e em diferentes lugares, os cristãos reformados/presbiterianos assumiram, testemunhando perante as pessoas que os cercavam um modo de viver diferente, uma forma de vida própria, derivada dos ensinamentos das Escrituras. A essa maneira de ser, que incorpora o fundamental na fé cristã e que consegue muitas vezes se expressar, inclusive culturalmente, damos o nome de estilo de vida cristão próprio.

Muitas vezes esse estilo de vida pode existir como costume de uma determinada cultura ou raça. Em nosso caso, pensamos em uma forma de viver que resulta da ação de Deus através do Espírito Santo na vida da igreja e que entre os calvinistas - sejam reformados, puritanos (Inglaterra)

ou huguenotes (França) - se expressou de maneira bastante visível em sua história. Vamos delinear aquilo que seria, conforme diversos estudiosos da tradição reformada, as características do estilo de vida presbiteriano/reformado.

Fundamentos

Mais importante que as idéias, tradição, instituições, doutrinas e ensinamentos confessionais de uma tradição religiosa são os seus fundamentos básicos para o seguimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Em nosso caso, isso tem a ver primeiramente com o encontro pessoal e insubstituível que o ser humano tem com Deus. Na sua pequenez, o ser humano responde àquele que é, nada mais nada menos, que o Senhor todo-poderoso, que nos alcança com sua graça e misericórdia e nos chama para que a Ele respondamos em fé.

Esse encontro está acima de qualquer compromisso com uma igreja ou credo e nada pode substituí-lo. O nosso Deus é aquele que, em sua majestade, quer se relacionar com o ser humano, mas não está sujeito a ele nem às suas manipulações. Sua definição é "Eu sou o que sou". Misterioso, só podemos contemplá-lo de maneira imperfeita. Com isso, torna-se inútil a tentativa tantas vezes feita pelos seres humanos de quererem se assenhorear dele, seja pela sua "piedade", seja de alguma

outra forma.

Nenhuma igreja pode querer ser a única representante desse Deus, nem querer falar com exclusividade em seu nome. O mesmo é verdade para qualquer instituição respeitável ou teologia. A esse Deus magnificente e único, devemos lealdade e submissão.

Um segundo fundamento está relacionado com uma doutrina que tem caracterizado os presbiterianos em todo o mundo: a doutrina da eleição. Falar de calvinismo é, pois, lembrar o ensino, tantas vezes prejudicado, como já vimos, sobre a predestinação. Muito do que Calvino ensinou sobre a vida do cristão está relacionado com o seu ensino sobre a eleição ou predestinação.

Para o nosso reformador, isso quer dizer principalmente que Deus, pela sua atuação amorosa, nos alcançou e cuidou da nossa salvação mediante Cristo mesmo antes da fundação do mundo, como diz o apóstolo Paulo na carta aos Efésios. Não precisamos nos preocupar com a nossa salvação porque o Senhor cuida disso.

Podemos confiar de tal forma em sua graça misericordiosa que não precisamos colecionar méritos ou ir à igreja ansiosos em busca de uma religiosidade que acalme o nosso coração ou com a qual busquemos uma troca interesseira com Deus. A glória de Deus e seus propósitos no mundo são mais importantes que a nossa salvação.

Tal fato é por demais significativo e marca a vida do cristão. Sendo Deus o senhor absoluto da minha vida pessoal e da minha salvação, posso estar livre de preocupações, ansiedades e da conseqüente insegurança com relação ao meu futuro. Deus cuida de mim e já não pertenço a mim mesmo, como diz Calvino. Por isso, posso ser agradecido e me dedicar ao seu serviço.

Assim sendo, a eleição não tem tanto

a ver com discussões abstratas sobre o destino humano ou sobre os que serão ou não serão salvos. Ela nos leva diretamente à busca de uma vida santa em meio aos acontecimentos com que me acho envolvido. Estamos a serviço do Deus todo-poderoso que nos escolhe em Cristo e nos convoca para o seu trabalho no mundo em busca do seu reino. Para Calvino, uma vida santificada no mundo era o atestado da eleição. E, nesse programa, somos sustentados pelo Espírito Santo que nos habilita à luta contra o pecado e nos dá o dom da perseverança.

Salvos para obedecer

Em conseqüência desse chamado e confiança, somos levados a nos dedicar de forma irrestrita somente a Deus e aceitar responsabilidades “aparentemente” desagradáveis e antes inaceitáveis. Podemos lembrar o que aconteceu com Calvino, ao se deparar com a insistência de Guilherme Farel para que abandonasse seus projetos particulares e permanecesse em Genebra, a fim de realizar a obra de Deus.

Os planos para sua vida eram bem outros: queria se tornar um dedicado escritor, freqüentar os meios literários da Europa renascentista e publicar os seus livros. Desejava ser um intelectual que, em sossego, dedicasse o seu tempo aos estudos apenas. No entanto, sua pretensão de se tornar um “scholar” foi transformada no árduo trabalho de organizar uma igreja, se dedicar à política civil e eclesiástica.

Vejamos o que ele próprio disse: “De minha parte, afirmo que não tenho outro desejo senão o de que, abandonando qualquer consideração pessoal, buscar somente o que é mais importante para a glória de

Deus e o progresso da Igreja. Estou bem consciente, contudo, que tenho de me de-
frontar com Deus, diante do qual astuciosas
justificativas não podem ser sustentadas...
Mas, quando me lembro de que não per-
tenço a mim mesmo, eu ofereço meu co-
ração apresentando-o como em sacrifício
ao Senhor. ... submeto a minha vontade e
meus sentimentos, vencido e subjugado, à
obediência de Deus.”

Tal postura dá condições de perseguir-
mos os objetivos que temos sem vacilar ou
nos perder em desvios secundários. Em
meio à caminhada, podemos estar firmes
sem que atalhos oportunistas e atrativos
do momento ou de interesses menores
nos façam perder o alvo maior. Pode ser
até que, por isso, sejamos considerados
esquisitos ou “loucos” e tenhamos de
renunciar, por algum tempo, ao conforto
de ser compreendidos.

Aqui já estamos falando de uma outra
característica desse estilo de vida, que é
uma vida pessoal disciplinada pela Pa-
lavra de Deus. O conceito reformado de
disciplina tem a ver com o “uso deliberado
e econômico das energias para a busca
da lealdade a Deus e ao avanço de seus
propósitos no mundo.”

É bom esclarecer, no entanto, que, com
relação à disciplina, sempre aparecem os
mal-entendidos. Os reformados puritanos,
exagerando muitas vezes, acabaram con-
tribuindo para uma visão negativa acerca
da vida e de seus prazeres. Em verdade,
não estamos proibidos de participar do
mundo que Deus criou, distanciando-nos
das diversões e tudo que é bom e saudá-
vel ao nosso redor. Não somos ascetas.
Pelo contrário, partilhamos com gratidão
da grande alegria da vida, mas também
aceitamos que existem coisas que não nos

convêm, bem como desejos imediatos que
podem ser postergados, para conseguirmos
um bem maior mais tarde. Por isso, a disci-
plina não deve ser uma carga pesada que
carregamos, mas deve uma escolha livre.

Uma vida de simplicidade, como já vi-
mos, também faz parte desse estilo vivido
por Calvino e muitos dos seus seguidores.
Quando um ilustre prelado católico o visitou
em sua casa em Genebra, pareceu-lhe ina-
creditável que aquela casa simples, onde
funcionava o correio da cidade, fosse a
de Calvino. Enquanto os bispos católicos
viviam em palácios, o homem que estava
entre os mais famosos da igreja protestante,
de quem se esperava que tivesse servos ao
seu dispor, foi quem atendeu o visitante à
porta. Na verdade, Calvino era um homem
sem recursos, pobre.

Calvino achava que o cristão devia ser
simples e direto, sem rodeios ou redun-
dâncias, que podem constituir uma forma
de ocultar a verdade ou dissimulá-la. Sua
palavra devia ser, como disse Jesus, sim,
sim e não, não. Devia ser autêntico e sin-
cero e tudo que escondia a verdade devia
ser evitado. Como escritor, ele sentiu a
importância dessa qualidade e procurou
valorizá-la.

Em seu comentário à Epístola aos Ro-
manos, preocupado com a forma melhor
de interpretar as Escrituras, considerou que
seu colega “Bucer é por demais prolixo para
ser lido com rapidez” e que seu desejo era
ser compreendido “pelos leitores de inte-
ligência mediana”. Para ele, a “brevidade
lúcida constituía a peculiar virtude de um
bom intérprete.”

O próprio Paulo tinha um estilo simples,
rude e direto que utilizou contra ministros
de Corinto, preocupados em demonstrar
sabedoria humana. A única restrição é

que ser simples não é ser ingênuo, pois devemos ser simples como as pombas, mas prudentes como as serpentes, no dizer de Jesus.

Transformando o mundo

Podemos naturalmente ver nesse estilo de vida também uma preocupação com a transformação do mundo em que vivemos. Ou seja, o cristão é um “ser responsável” pelo seu mundo. A idéia de missão que prioriza a “salvação da alma” pode ser uma distorção de um propósito muito bem definido que quase sempre existiu na comunidade reformada. A espiritualidade calvinista não se reduz a um evangelismo centrado na piedade individual.

O próprio Calvino tinha muita consciência da necessidade de transformar as estruturas de sua cidade e assim conduziu a sua prática ali. Procurou resolver os problemas da cidade e viver um espírito de solidariedade, especialmente com os mais necessitados. Por isso atuou como legislador e organizador das suas instituições eclesiásticas, com profundos reflexos na sociedade civil. Da mesma forma atuou John Knox na Escócia, abalando o poderio da rainha a quem enfrentou com a sua palavra pro-fética.

Com isso, o calvinismo na Europa se mostrou pioneiro na luta pela implantação da democracia contra os setores mais rea-

cionistas, preocupados com a legitimação do direito dos reis. Também aqui aparece a diferença dos reformados diante de uma certa negligência luterana justificada pela idéia de uma separação entre o reino de Deus e o reino deste mundo.

A preocupação dos puritanos perseguidos que chegaram à Nova Inglaterra (hoje EUA) no século XVII era a de estabelecer o reino de Cristo na nova terra. O mesmo ocorreu com os puritanos na Inglaterra que, liderados por Oliver Cromwell, enfrentaram um rei despótico e o destituíram

Conclusão

Hoje, como em outros tempos, somos desafiados a tornar realidade para nós, onde quer que nos encontremos, as possibilidades de um estilo de vida firmado nos ensinamentos do Novo Testamento e que alcance o mundo ao nosso redor. É uma construção a longo prazo, uma herança em parte esquecida mas que, pelo seu valor, costuma ressuscitar como possibilidade sanadora em um mundo tantas vezes perdido e sem rumo face aos inúmeros problemas que o corroem.

É claro que não podemos simplesmente repetir o estilo de vida dos puritanos. Porém, o ideal que os inspirava pode servir como nosso sonho utópico de transformação do mundo em que vivemos.



A UNIÃO COM CRISTO

O tema que trata da nossa união com Cristo e que foi muito enfatizado no ensino de João Calvino está intimamente relacionado com a espiritualidade cristã, ou seja, com a participação que o crente tem, pela fé, nos benefícios da obra de redenção realizada por Jesus Cristo em nosso favor. Ele está também amplamente sustentado pelo ensino da Escritura.

Tal união de Cristo com o pecador é efetuada de modo misterioso, pela ação do Espírito Santo em nós, e é também chamada de “união mística”. É por ela que passamos a receber bênçãos espirituais como a regeneração e a santificação, para podermos ser uma nova criatura e vivermos a vida cristã plena.

Calvino diz que fomos escolhidos para estar unidos a Jesus e o laço dessa nossa união com Deus é a santidade (Institutas, III,VI,2). Pela graça que nos alcança através do Espírito Santo, somos incorporados em Cristo e dele passamos a receber os frutos dessa contínua dependência.

Assim como Cristo participou da vida da humanidade, sofrendo com ela e por ela, do mesmo modo nós passamos a participar da sua vida, ter comunhão com ele e dele receber bênçãos. O selo que autentica essa união é o batismo, pelo qual passamos a levar o nome de Jesus, e é por meio da ceia do Senhor que ela é sustentada em nós (Jo 6.56).

É por meio de nossa união com Cristo, efetuada continuamente pela ação do Espírito Santo, que recebemos os benefícios que nos vêm do Pai. Somos alcançados pela obra de Cristo quando ele habita em nós (Institutas, III,I,1) e é pela fé que somos unidos a Cristo.

Quando nos afastamos dele, deixamos de receber os benefícios da obra da redenção. Ao mesmo tempo que sentimos a força pessoal dessa união de cada um com Deus, é preciso saber que ela é uma experiência que nos alcança no relacionamento com o próximo, sendo pois vivida em comunidade.

No mundo, marcado pela separação e desentendimento, testemunhamos o poder da reconciliação que Deus opera em nós. Por isso, não se trata de uma experiência ou exercício de comunhão mística individual isolada. Assim esse tema foi tratado e vivido principalmente no período medieval.

Sabemos também que os benefícios dessa união não são endereçados exclusivamente a nós como igreja, a não ser como primícias da obra de Deus para com a humanidade, objetivo da missão.

Também nós, como velhas criaturas, vivíamos separados de Deus para sermos, depois, alcançados pela ação renovadora de Cristo, pois “aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por

meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus" (Cl 1.19-20).

Sem mim, nada podeis fazer

Sendo assim, falar da união com Cristo é tratar de uma verdade que se relaciona com a nossa vivência cristã da salvação, como servos dependentes do nosso Senhor. Ou seja, nossa salvação está em relação direta com Deus, por meio de Cristo: "somos salvos por estar em união com Cristo e só permanecemos salvos porque estamos em união com Ele". É o que temos nas Escrituras.

O evangelista S. João diz: "permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 15.4-5).

Por sua vez, Paulo declara: "assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5.17). Ou ainda mais: "logo, não sou quem vive, mas Cristo vive em mim; e este viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.20).

Também está claro que essa união é a base da salvação e não resulta de qualquer mérito da nossa parte. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21).

Pensando na permanência dessa união com Cristo, Paulo orava pelos efésios: "e,

assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor" (Ef 3.17). Ou: "Rogo-vos... que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef.4.1-3).

No entanto, a perseverança dos eleitos nessa união e a sua sustentação dependem de Jesus: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão" (Jo 10.27-28).

No ensino de Paulo aparece ainda, com força, a idéia de que nós somos um com Cristo e, pelo poder do Espírito, ele nos comunica sua vida e todas as bênçãos que recebeu do Pai. Dessa forma, a união com Cristo leva-nos também à união com o Pai. E ela existe no poder do Espírito, ou seja, de forma trinitária.

Uma outra figura usada por Paulo para falar dessa união é a referência à relação de Cristo com a igreja, à semelhança do relacionamento do homem com a mulher no casamento. A união com Cristo envolve o corpo em uma só carne (Ef 5.31). Na verdade, a nossa união com Cristo é maior do que a do esposo com a esposa. Por isso, Paulo refere-se a ela como sendo um mistério. E essa união intensa, que esperamos ver sempre ampliada em nós, é a base para a certeza da fé. Uma fé que devemos muito mais viver do que procurar compreender.

Estar fora de Cristo

Uma outra forma de se analisar esse

fundamento da espiritualidade enfatizada por Calvino é observar o que o apóstolo Paulo fala sobre o “estar em Cristo.” Podemos acompanhar Lewis B. Smedes (Grandes Temas da Tradição Reformada), observando, em primeiro lugar, o que Paulo descreve como sendo a nossa situação “fora de Cristo”.

Para o apóstolo, estar fora de Cristo é estar “na carne”, no sentido negativo de se possuir uma “identificação fatal com o mal”, ou ter a mente controlada por ele, de tal forma que os frutos produzidos são o oposto dos frutos do Espírito, pois “O pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz” (Rm 8.6).

A lei também pode ser o outro inimigo do estar em Cristo, já que com ela optamos pela força das coisas velhas que se passaram, enquanto tudo se fez novo nele. O cumprimento da lei, que pode ser muito importante para o viver como cristão, também pode ter a função perniciosa de nos distanciar da confiança na graça de Cristo para confiarmos em nossos próprios méritos.

O apego a ela como forma de nos justificar gera o orgulho e a justiça própria que nos distanciam do irmão, especialmente para querer julgá-lo. Pode ser fonte de hipocrisia e desumanidade. É a letra que mata, quando o Espírito vivifica (2 Co 3.6). Estar fora de Cristo significa também viver voltado para o pecado, em rebelião contra Deus. Em tal situação, somos dominados por uma força que é estranha a Deus e que impede a nossa comunhão com ele.

Estar em Cristo

“Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura” (2 Co 5.17) - aí está a chave para

comprendermos a nossa salvação. Aí temos o outro lado da moeda. Nós, que estávamos “fora”, em rebeldia, passamos a viver nele, reconciliados com Deus. Ele morreu por nós, para que possamos viver para ele. A separação foi vencida em nós e “o mundo todo que Deus criou, o mundo que as pessoas afastam do amor de Deus, o mundo que Deus continua a amar...” - é o objetivo da reconciliação efetuada através de Jesus Cristo.

Essa nova criatura a que Paulo se refere é muito mais do que uma situação a que se pode chegar algum dia no futuro, progressivamente, com esforço pessoal. Paulo fala de uma nova criação que Deus opera e que aparece “onde quer que Cristo é conhecido, confessado e servido como o Senhor da vida.” Foi “a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus”, que te livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2).

Isso acontece na igreja e pode ocorrer individualmente, mas “não é, primariamente, uma experiência moral subjetiva nem uma experiência mística, mas uma existência dentro de uma situação radicalmente nova, na contínua confusão da história humana.” Ocorre principalmente “na comunidade em que a reconciliação de Cristo é pregada e vivida”, mas ocorre também na história humana, onde Deus atua para a salvação, trazendo a nova criação como o elemento conciliador e aglutinador, do qual somos chamados a participar.

Conclusão

O problema é que, ao nos depararmos com a realidade que nos cerca, sentimos pouco a presença desse novo ambiente e da nova criação de que Paulo fala. As velhas coisas estão muito presentes diante de

nós e nos chocam. Alguns podem até querer fugir em busca uma experiência mística individualista, entre quatro paredes, numa “ilha da fantasia”. Paulo, no entanto, tem uma outra forma de encarar essas coisas.

Primeiro, reconhece essa realidade e fala com clareza que a história humana está debaixo dos poderes das trevas: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado... pois não faço o que prefiro e sim o que detesto” (Rm 7.14-15). Depois, sente que essa situação em que vivemos, marcada pelo conflito entre o velho e o novo - “vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado” - gera frustração e desânimo a que ele próprio estava sujeito: “desventurado homem que sou!”.

De nossa parte, também sentimos isso. Face a tanta separação, violência, injustiça e sofrimento, somos levados a indagar: onde estão as coisas novas e a nova criatura? Como podemos partilhar dos benefícios da união com Cristo? E isso nos angustia e nos faz sentir frustrados.

Como resposta, precisamos, em primeiro lugar, reconhecer a inevitabilidade dessa condição ansiosa e de agonia, mesmo participando dessa nova realidade do estar em Cristo. Como disse Paulo, “sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22).

Vivemos os sinais da nova criação e da reconciliação em meio à lei do pecado e do mal, uma ambiguidade que muitas vezes nos desespera! Nem sempre sabemos o que fazer.

Em segundo lugar, é preciso ter consciência de que, se ainda não alcançamos o novo dia, nem superamos nossa condição pecaminosa, podemos enxergar com os olhos da fé, que o fundamental já ocorreu na cruz e, depois, na ressurreição, com a vitória de Jesus Cristo sobre a inimizade, a separação, a morte e a destruição. Isso significa, acima de tudo, que os poderes das trevas estão subjugados. Portanto, podemos viver a esperança de um novo dia e uma nova criação no Espírito. Essa esperança tem a ver com a nova criatura que está em Cristo, para a qual “as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.”

Concluamos com a certeza que Paulo pode nos inspirar: “Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as cousas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra a criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39). Se esse conforto por vezes pode induzir alguns à acomodação, por outro nos conduz para a frente, como temos em Gl 5.5: “Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé.”



Lição 14

O ESPÍRITO SANTO

Se há algo que no mundo todo tem chamado a atenção e de maneira especial a atenção da igreja, é a manifestação surpreendente do Espírito Santo na vida de muitas pessoas em nosso tempo. Acontecimentos sucessivos, desde o início do século XX em muitos países, levaram a igreja a presenciar o crescimento espontâneo dos adeptos do movimento pentecostal que, em ondas sucessivas, foi se ampliando de maneira geométrica em todo o mundo.

Pessoas secularizadas, às vezes indiferentes ou então avessas à religião, passaram a ter, de forma inexplicável e quase desconhecida, uma experiência com Deus. Para muitos, isso foi suficiente para transformar as suas vidas e mudar o seu ponto de referência com relação aos valores religiosos que antes cultivavam.

Muitos confessam o domínio e o poder de Deus em sua existência. Tornaram-se leitores da Bíblia, que passou a falar aos seus corações. Experimentaram a prática da oração e falam do batismo do Espírito Santo. Passaram a freqüentar reuniões de culto e testemunhar, com fervor, o poder do Espírito em seu viver.

Essa experiência, que faz parte das igrejas pentecostais, carismáticas e neo-pentecostais, tem sido estendida também, de alguma forma, às igrejas protestantes históricas - luteranas, presbiterianas, episcopais, metodistas - e até mesmo católicas, há já bastante tempo. Não é difícil ouvir

um testemunho semelhante a esse por perto de nós.

Nas igrejas tradicionais, muitas vezes evita-se tratar do Espírito Santo e de sua obra. Fala-se muito de Deus, Jesus Cristo e a igreja, mas não do Espírito, que parece ficar reduzido ao âmbito individual, como algo escondido. Os excessos e problemas do movimento pentecostal fizeram com o que o assunto fosse visto sempre a partir de uma posição de retaguarda.

Na teologia, que procura uma reflexão mais intensa sobre a Palavra Deus em relação com essa situação, muitos têm percebido também uma certa ausência. Embora tenham surgido muitos estudos de caráter sociológico para analisar o fenômeno pentecostal, a teologia sistemática tradicional tem dado pouca atenção à doutrina do Espírito Santo (pneumatologia).

O teólogo Antonio Carlos Melo Magalhães, do curso de Ciências da Religião da UMEP, diz que esta é a "principal lacuna" da teologia cristã ocidental e que as experiências religiosas atuais com o Espírito Santo nos desafiam "à reformulação de nossa teologia... É preciso superar o papel marginal do Espírito na construção do método teológico". Para ele, não é possível deixar de se perceber "como estes movimentos têm o seu alcance social, sua repercussão na vida concreta das pessoas", renovando vidas, reconstruindo caminhos e criando novas relações.

Também o teólogo reformado holandês Hendrikus Berkhof diz que “as igrejas históricas não estão dispostas a colocar no centro a obra do Espírito Santo e, com isso, a fé corre o perigo de se transformar em algo intelectual, tradicional e institucional” (La Doctrina del Espíritu Santo, p. 9).

Essas novas afirmativas com relação ao Espírito Santo e seu lugar na igreja e na teologia nos questionam e nos levam a indagar como ficamos. Na situação de igreja reformada, o que temos a dizer? É certo que o relacionamento fido no passado com os movimentos pentecostais e o que se sabe deles deixou muitos setores da igreja prevenidos e em alerta.

Hoje, diante da reconsideração desse assunto pela igreja em diversas partes do mundo, a pergunta talvez seja se não se faz necessário uma nova abordagem dessa questão, mesmo sabendo que muitos problemas continuam.

Em primeiro lugar, devemos estar cientes de que essa discussão não é nova entre nós. Por mais de uma vez, em sua história, as igrejas tradicionais têm se deparado em suas fileiras com problemas relacionados com o movimento pentecostal e seus desdobramentos. Em algumas vezes, o tratamento dado chegou a soluções satisfatórias, mas, em outras ocasiões, presenciou-se lutas desleais entre irmãos e até divisões. Isso, entretanto, não deve impedir que retomemos um assunto que, na verdade, jamais deixou de permanecer em pauta.

Muitos estudiosos da Bíblia vêm lutando com essa problemática em busca de uma palavra atual para a igreja. Vamos acompanhá-los na abordagem que faremos do assunto nesse estudo. Também a Igreja Reformada mundial, preocupada com a questão e tentando quebrar barreiras, tem

promovido vários encontros em busca de diálogo com representantes do movimento pentecostal. Suas conclusões ainda que provisórias, também poderão nos ajudar, como veremos.

Ênfases diferentes

O teólogo reformado norte-americano John Hesselink, fazendo uma análise comparativa das ênfases dos reformados/presbiterianos e dos pentecostais/carismáticos (Grandes Temas da Tradição Reformada, p.337), observa suas semelhanças e diferenças: enquanto uns se orgulham da teologia, confissões, catecismos e da pura doutrina, outros gabam-se das curas e experiências de êxtase; uns tendem a ser cerebrais, frios e analíticos, os outros estão cheios de entusiasmo e sentimentos calorosos; uns pensam na igreja como o lugar em que a palavra é corretamente pregada, os sacramentos ministrados adequadamente e a disciplina é exercida, enquanto os outros se preocupam mais com o batismo do que com a ceia e pensam na igreja como “comunidade informal, com limites fluídos e exigências doutrinárias mínimas”, sem distinção entre clérigos e leigos, com líderes auto-indicados, sem responsabilidade para com concílios superiores.

Enquanto os reformados exaltam a pregação e querem fazer tudo com “decência e ordem”, para os carismáticos “o estudo informal da Bíblia e a exortação não estruturada tomam o lugar da pregação mais formal e a informalidade e a espontaneidade são premiadas.” Para os reformados, os milagres, falar línguas, curas dramáticas e profecias praticamente deixaram de ser considerados na prática.

Se, por um lado, os reformados/

presbiterianos correm o risco de se tornar intelectualizados, com uma visão de igreja mais institucionalizada, por outro, os pentecostais/carismáticos e neopentecostais estão ligados quase que somente a uma busca mais emocional, individualista e extravagante do Espírito.

Enquanto para uns, na vidas cristã só há regeneração e santificação, para outros há um terceiro elemento que seria o batismo ou a plenitude do Espírito Santo. Se os reformados se sentem fortes na ordem, enfatizando “manifestações contínuas” do Espírito, os carismáticos se sentem fortes na liberdade, destacando os aspectos individuais e espontâneos da obra do Espírito.

Posições Incompatíveis?

Diante de tais divergências e ênfases, vem a pergunta: seriam, de fato, incompatíveis essas duas tradições de fé? Berkhof diz que “cada uma das partes vive das faltas e dos erros da outra, o que lhes dá um bom pretexto para não verem o que lhes falta e no que erraram ou a verdade bíblica representada pela outra parte.”

Na verdade, tanto os pentecostais como os reformados querem enfatizar a pessoa e o poder do Espírito Santo e pode ser até que os reformados tenham possibilidade de alcançar uma compreensão mais profunda do ensino sobre o Espírito Santo. No século XVI, tanto Lutero como Calvino tiveram suas teologias marcadas pelo poder do Espírito.

A Calvino tem sido dado o título de “o teólogo do Espírito Santo” e, para muitos, saber disso é uma surpresa! O fato é que, na obra mais conhecida de Calvino, *A Instituição da Religião Cristã* (Institutas), é mais do que evidente o lugar dado ao Espírito como o poder que cria e sustenta a

verdadeira vida cristã. Todos os benefícios da obra de Cristo em nossa vida resultam da ação do Espírito. Não só a regeneração como a santificação resultam da união mística do crente com Cristo. E mais. Sem a obra do Espírito, “o mundo logo se transformaria num caos e a espécie humana degeneraria para a bestialidade. Tudo o que é bom, verdadeiro e belo - mesmo entre os pagãos e ateus - é devido ao Espírito de Deus (Institutas, II.2.12-20).”

Ninguém pode falar realmente sobre a autoridade da Escritura sem falar do testemunho interno do Espírito Santo, que Calvino tão apropriadamente enfatiza. Tanto a palavra escrita (Escrituras) como a falada (pregação) dependem, em sua eficácia, desse testemunho do Espírito.

Esses ensinamentos e muito mais demonstram a posição equilibrada de Calvino que, depois do século XVI, ficou esquecida, principalmente entre os reformados, com algumas marcantes exceções. H. Berkhof, que pronunciou suas palestras sobre a doutrina do Espírito Santo no Seminário Presbiteriano de Princeton (EUA) em 1964, diz que o ensino de Calvino constitui uma riqueza ainda não descoberta pelas igrejas reformadas.

Diálogo com os Pentecostais

John Hesselink, referido acima, afirma que entre os teólogos reformados jamais deixou de haver interesse pelo estudo e a obra do Espírito Santo, mas que os pentecostais clássicos, que vieram mais tarde, “merecem o crédito pela introdução de uma nova consciência a respeito dos dons (“charismata”). A tradição reformada, diriam os pentecostais, “tem mostrado pouco conhecimento prático ou experiência

do poder do Espírito, especialmente como se manifesta nos dons espirituais extraordinários” (p. 342).

Assim, “é provável que aos pentecostais esteja faltando uma compreensão bíblica adequada da obra do Espírito” e, por isso, “a coexistência e não uma guerra quente - ou mesmo fria - parece-nos ser uma resposta lógica e feliz à nossa situação”.

Nessa difícil questão do relacionamento com os pentecostais, são significativas as palavras do rev. Alfredo Borges Teixeira que, por certo, têm muito a nos ensinar: “Podemos discordar deles (os pentecostais) como discordam entre si, em muitos pontos secundários... mas não podemos deixar de reconhecer que são nossos irmãos em Cristo. Mais do que isso, a sua presença e o seu maravilhoso progresso, sob a bandeira do Paráclito são um sinal de que o Espírito não está contente com o estado ou vida de nossas Igrejas históricas e nos incita a um sério despertamento” (“Protestantismo Místico” em Caderno de O Estandarte, dez. 1954).

Outros teólogos como o Dr. João Mackay, que trabalhou como missionário presbiteriano na América Latina por muitos anos, se interessou pelo pentecostalismo como uma força em expansão em todo o mundo, com dimensões de pensamento e vida que as igrejas protestantes deviam redescobrir.

Por outro lado, a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR), que fala em nome das igrejas reformadas/presbiterianas em todo o mundo, em 1989, tomou a iniciativa de realizar um primeiro encontro de diálogo com os pentecostais. Desde então, diversas outras reuniões têm sido realizadas, inclusive com a participação de presbiterianos brasileiros.

Em 1999, a reunião que se realizou na Coréia teve boa participação dos presbiterianos independentes e foi presidida pelo rev. Abival Pires da Silveira. Em maio de 2000, a IPI do Brasil e a Ia. IPI de São Paulo hospedaram mais um desses encontros.

Tais reuniões têm possibilitado a comunicação entre as igrejas históricas e as pentecostais e, embora as tensões sejam visíveis, os resultados parecem compensadores. O objetivo tem sido a busca do diálogo internacional entre representantes dessas tradições religiosas diferentes, a fim de que se estabeleça compreensão mútua e respeito de uma para com a outra.

Partindo do diálogo em torno de diversos pontos teológicos, esses grupos procuram levar às suas comunidades a preocupação de desenvolver um testemunho evangélico em comum. De todos esses encontros procurou-se coletar o material discutido e, em São Paulo, foi elaborado um relatório apresentando diversas conclusões sobre os temas mais importantes. Abaixo apresentamos alguns trechos desse relatório comum que procura orientar as igrejas dessas duas tradições:

1. Se, por um lado, se nota que a ênfase da família reformada é colocada na Palavra, enquanto a ênfase da família pentecostal está no Espírito, por outro, se observa a necessidade de uma correção, uma vez que ambas consideram Jesus Cristo como o critério para se compreender a obra do Espírito Santo.

2. Confessar que “A obra do Espírito Santo é muito mais ampla do que imaginamos,” como foi feito, implica em reconhecer que o Espírito Santo está presente e ativo na história humana e em várias culturas.

3. Enquanto os reformados afirmam

a centralidade da Bíblia e da pregação, os pentecostais sustentam, junto com a proclamação do evangelho, as profecias, a cura de enfermos e o enfrentamento dos poderes demoníacos como parte da manifestação do poder de Deus. Por seu turno, os reformados lembram, em sua tradição, a importância de viver em obediência à Palavra, sendo capacitados como igreja a dar seu testemunho profético, opondo-se em qualquer lugar, “em nome de Deus, a todas as situações de opressão.” Embora o Espírito fale na Bíblia, é bom lembrar que “ele não está restrito ao texto bíblico.”

4. Quanto à manifestação dos dons e maravilhas do Espírito na igreja, reconhece-se que, nos primeiros tempos da Reforma, eles foram considerados restritos aos tempos apostólicos, mas que, hoje, tal posição não é mais sustentável. No entanto, com Paulo, não se pode privilegiar os dons sobrenaturais como a cura e o falar em línguas (glossolália).

Muita coisa vista como natural, como a busca da igualdade entre homens e mulheres e a luta contra as armas que fazem a destruição em massa, deve ser vista como milagre. Nesses esforços pode ser vista a

atuação do Espírito Santo para a cura do nosso mundo.

5. Embora os dons sejam associados com os pentecostais, os reformados reconhecem que “a igreja é estabelecida e mantida pela graciosa presença do Espírito, que concede dons ao povo de Deus.” Afirmando enfaticamente que os dons são concedidos por Deus, reconhecem uma lista mais ampla que a de 1 Co 12.8-10 e que o importante é que “os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo.” Não deixam de confessar entretanto, que as igrejas “algumas vezes são bastante superficiais em sua busca e recepção dos dons do Espírito.”

Como pode ser observado, os pontos ressaltados mostram áreas de atrito, afirmação de posições, sinceridade ao tratar delas, desejo de reconhecer os elementos bíblicos e positivos de cada compreensão, confissão de erros e a busca da unidade acima de tudo. Dessa experiência de encontro para diálogo e compreensão mútua com vistas ao testemunho do evangelho, em humildade e amor, também podemos, além de refletir, participar e orar: VEM, ESPÍRITO CRIADOR!

TESTEMUNHANDO NA POLÍTICA



Lição 15

Sempre que tocamos na palavra política e principalmente quando a relacionamos com fé, precisamos nos explicar. É que o seu sentido pejorativo, associado ao mau uso que dela se faz, ligado quase sempre à corrupção, logo aflora. Tanto o dinheiro como a política corrompem e, por isso, os cristãos muitas vezes se viram na necessidade de fugir dos perigos que eles representam. Para alguns, existe até uma incompatibilidade entre a política e a fé.

Na verdade, a política tem a ver com a boa organização, seja no governo de uma casa, seja no governo da sociedade. Os que lidam com a política realizam a importante tarefa de articular os meios pelos quais a sociedade pode funcionar adequadamente para atender às necessidades e aprimoramento da vida dos cidadãos. De uma forma mais ampla, a política pode ser compreendida como “a forma de realizar uma tarefa com precaução, sagacidade e tática, visando alcançar determinado objetivo.”

Por se preocupar e se organizar com vistas ao bem comum, a política pode ser um importante campo de atuação para o cristão e não são poucos os que a têm levado a sério, certos de que com ela estão servindo ao próximo e ao próprio Deus. Entendem-na como uma vocação que lhes foi dada por Deus.

Muitos podem sentir a igreja como uma área de vivência da fé que está muito distante do âmbito das questões econômicas, sociais e políticas. Por esse raciocínio, parece até que ela não tem o direito de ultrapassar o que se chama de “seus limites” para penetrar em um outro domínio, muito mais adequado aos economistas talvez, como se essa fosse uma área independente, fora da ação soberana de Deus. À igreja caberia apenas sustentar a ordem política e social existente, cuidando da piedade individual e da evangelização, que busca a conversão individual e a moral pessoal.

Em nossa tradição reformada, temos uma longa história de relacionamento positivo com a política como mais um lugar onde testemunhar o nome de Jesus Cristo. John Leith (*A Tradição Reformada*) diz que, pelo fato de Deus atuar na história, pode-se dizer que ele é político (Paul Lehmann) e que o objetivo de Deus “não é simplesmente a salvação de almas, mas também o estabelecimento de uma comunidade santa e a glorificação do seu nome em toda a terra” (p. 116). Ou seja, Deus atua na história e convoca o seu povo para tornar real a proposta do seu reino aqui na terra.

Alguns historiadores têm notado que o calvinismo e não o luteranismo tem sido o responsável, dentro do protestantismo, pelo desenvolvimento de uma perspectiva política e social que está por detrás da de-

mocracia ocidental. Calvino e não Lutero foi o inspirador para que o protestantismo fosse um elemento de transformação da sociedade e da cultura. Apesar de insistir na maldade da vontade humana, Calvino mostrou que o cristão é chamado para realizar o propósito divino no mundo.

Todos são responsáveis diante de Deus, que não faz acepção de pessoas. Com esse pensamento, Calvino lutou por reformar a cidade de Genebra conforme a Palavra de Deus. Também os puritanos, que já mencionamos, saíram perseguidos da Europa para criar na Nova Inglaterra (hoje Estados Unidos) uma sociedade que tivesse como fundamento a fé cristã.

Michael Walzer, um estudioso da política e do calvinismo, observou pessoas que, sentindo-se como instrumentos nas mãos de Deus, desempenharam “um papel criativo no mundo político, destruindo a ordem vigente e reconstruindo a sociedade segundo a Palavra de Deus”. Ao inspirar esse tipo de atuação, Calvino não pensava como um político simplesmente, mas como um servo de Deus. O que ele buscava também não era a realização de um ideal humanitário apenas, mas a glória de Deus em meio aos seres humanos.

Bases bíblicas

Em primeiro lugar, é preciso tenhamos claro o ensino bíblico sobre a plena soberania de Deus sobre o mundo criado e não apenas sobre a igreja. Assim é. Não existe setor de atividade humana que não esteja, de alguma forma, sujeito à ação de Deus. É o que Paulo mostra, por exemplo, em Colossenses 1.15-17, com referência a Cristo: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele,

foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.”

O que temos nesse trecho do apóstolo Paulo é que Deus cuida e zela pelas coisas do mundo que ele criou. Ou seja, Deus não abdica de qualquer área de sua criação para que seja dominada por qualquer outro poder. Tudo tem a ver com a sua Palavra e qualquer setor de atividades, seja econômico, social ou político, está e estará sob a sua ação redentora, não se limitando esta à vida ou à devoção pessoal. Esta é a mensagem que a igreja tem a proclamar a partir das Escrituras.

Por outro lado, sabemos como os profetas se empenharam em mostrar como todos os aspectos da vida do povo de Israel deviam estar relacionados com a obediência a Deus, mas que, na verdade, estavam ameaçados pela prática da iniquidade. É o que diz o profeta Isaías (1.10-18): “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? - diz o Senhor. Estou farto de holocaustos... não continueis a trazer ofertas vãs... não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. ... lavai-vos, purificai-vos, ... cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa da justiça.” O que o profeta, falando em nome de Deus, especialmente condena é o pecado social e a imoralidade política, que contaminavam a verdadeira adoração.

Mais à frente, o profeta fala com dureza aos governantes do povo: “Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno e

corre atrás de recompensas. Não defendem o direito do órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas” (v. 23). Outros profetas, como Amós, têm mensagem semelhante e falam da necessidade de se buscar o bem e não o mal, “para que vivais”.

No entanto, apesar de todas as mazelas e infidelidades do povo, o profeta Jeremias fala de uma Nova Aliança firmada entre Deus e Israel: “Eis aí vêm dias, diz o Senhor, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; ... Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (31.31-34).

João Calvino

O que vimos acima mostra que no Antigo Testamento havia uma interação entre a casa de Israel e o Estado. E o mesmo podemos dizer de João Calvino em Genebra, que tentou muitas vezes um relacionamento positivo entre a igreja e o governo da cidade em busca do bem comum. Calvino entendia que o Estado podia auxiliar a igreja a conduzir as pessoas para viverem a vida cristã. Ao contrário dos anabatistas, que contestavam a legitimidade do poder civil, ele considerava que a igreja e o Estado, cada um em seu papel, haviam sido estabelecidos por Deus para o bem do gênero humano. O Estado é necessário para manter a ordem no mundo marcado pelo pecado. Com isso ele pode ser até um instrumento da providência.

Para Calvino, a restauração da sociedade ocorre em parte pela comunidade dos crentes, a igreja, que testemunha a obra renovadora de Cristo. Mas mesmo a igreja ainda é prisioneira da realidade do pecado e incapaz de barrar as forças malignas que estão presentes no ser humano e na sociedade. Por esse motivo e para evitar a desordem e o caos, Deus estabelece uma ordem provisória que é a ordem política. É provisória porque no final, ao ser estabelecida a ordem de Deus, ela será desnecessária.

Para alcançar o objetivo para o qual Deus a criou, essa ordem deve representar ao máximo a ordem de Deus. Por seu turno, a igreja é indispensável como elemento regenerador da sociedade, da política e da economia, na medida em que ela se submete à Palavra de Deus. Como o Estado não está submisso à Palavra, ele só atingirá o objetivo que Deus lhe determinou pela ação da igreja como uma espécie de consciência sua.

Assim sendo, os cristãos devem contribuir de alguma forma para a regeneração da sociedade e da ordem política. E deve ser mantido entre Estado e igreja um relacionamento crítico e criativo. Nada da igreja se identificar com o Estado ou perder a sua independência - ela tem, diante de Deus um papel a desempenhar, ou seja, quanto mais fiel ao evangelho mais ela estará em condições de prestar um serviço verdadeiro à sociedade.

Ação Política e Testemunho

Em muitas ocasiões, os cristãos reformados se viram em situações que clamavam por um pronunciamento político claro, em nome de Jesus Cristo. Foi assim com

Zuinglio em Zurique, protestando contra o comércio de mercenários. O mesmo aconteceu com Calvino em Genebra, enfrentando ora o Conselho da cidade ora os banqueiros com sua prática de juros abusiva. E o mesmo se deu com João Knox enfrentando a rainha Maria, da Escócia. E algo semelhante veio a acontecer em outras situações e locais, em outros tempos.

Em muitos momentos, os calvinistas sentiram a sua participação na política como o chamado do próprio Deus para um testemunho corajoso. Em Genebra, isso aconteceu de forma muito concreta. Mas Calvino procurou alcançar outros rincões também. Quando, em 1555, os franceses estabeleceram uma colônia no Rio de Janeiro, a preocupação dos pastores huguenotes era de que naquela comunidade “todos os membros deviam viver em pé de igualdade, no espírito do Evangelho”.

Ali, a questão que estava em jogo era a escravização do indígena, que foi denunciada pelo cristianismo reformado. As palavras de Calvino quando à escravidão foram muito claras: “Subtrair a liberdade a um homem, equivale a matá-lo.” Assim, não podia partilhar as idéias existentes em seu tempo sobre a colonização e a escravização dos que eram dominados (Biéler, 1999, p. 101).

No Brasil, muito mais tarde, em 1886, durante o movimento abolicionista, o rev. Eduardo Carlos Pereira sentiu-se no dever de se manifestar sobre questão semelhante, ou seja, a escravização do negro. Escreveu um livreto sobre A Religião Cristã em suas Relações com a Escravidão. Nele dizia: “Pode o cristão, sem perder o direito a esse nome sagrado, conservar conscientemente em sua casa, sob qualquer pretexto, uma cousa pecaminosa, desagradável a seu

Deus?... Se a religião, portanto, que professa, condena o cativo, escolhe entre ela e os escravos que possuiis.”

Na Holanda, um pastor-estadista que foi primeiro ministro, Abraham Kuyper (1837-1920), fundou um partido de projeção nacional e uma Universidade Livre, entre outras coisas. Seu objetivo era o de levar os cristãos reformados a abrirem os olhos e atuarem contra o secularismo liberal pernicioso a fim de se voltarem para a justiça social em seu país.

Lutou em favor dos direitos dos trabalhadores e imigrantes, atuando decisivamente em um ambiente pluralista. Dizia que não existe sequer uma polegada de nossa vida humana que não seja reclamada por Cristo, Senhor soberano, como sendo sua.

Na Alemanha nazista, os cristãos da Igreja Confessante alemã, liderados por Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer, que depois foi enforcado por Hitler, elaboraram a Confissão de Barmen (1934). Por ela, eles proclamavam a soberania única de nosso Senhor Jesus Cristo em uma situação histórica marcada pelos abusos de poder daquele que se tornou, mais tarde, o grande ditador alemão.

A mocidade presbiteriana

No Brasil, algumas vezes, a mocidade presbiteriana se sentiu no dever de se levantar em nome do evangelho pela busca da justiça social e de uma ordem política mais conforme com as exigências da Palavra de Deus. Na década de 1930-40, o rev. Eduardo Pereira de Magalhães, neto do rev. Eduardo Carlos Pereira, dedicou grande parte de seus esforços ao fortalecimento do trabalho da mocidade evangélica e à

busca de um testemunho cristão frente aos problemas do nosso país.

Um dos resultados desse despertar dos moços foi a presença de Loide Bonfim, que atuou como missionária durante toda a sua vida, juntamente com seu esposo, rev. Orlando de Andrade, entre os índios na Missão Caiuá (IPB/IPI), no Mato Grosso.

Em 1939, este líder da mocidade falava sobre os “princípios bíblicos que poderiam transformar a sociedade de seu tempo” (Hélerson Silva, p. 27). Seu ideal havia surgido de “um coração angustiado com os sofrimentos das massas”. Sentia que o maior mal de seu tempo era, por um lado, a pobreza e, por outro, a riqueza exagerada.

Analisando as propostas de solução apresentadas pelo comunismo e o fascismo (integralismo), apontava para uma outra alternativa: “A mocidade evangélica deveria, se quisesse uma nova sociedade, estudar nos evangelhos os princípios sociais de Jesus.” Para ele, constava do programa de evangelização a salvação da “sociedade em que vivemos proclamando o evangelho social e renovando-a de modo que ela se transforme no reino de Deus e de seu Cristo”. Para tal missão, conclamava as demais juventudes evangélicas.

Na década de 50 e 60, o nosso país vivia novamente um período de muita agitação política e incoformismos diante da injustiça social reinante. A inflação deslocava a mão-de-obra do nordeste para as grandes cidades, aumentando a pobreza. A terra estava nas mãos de uns poucos e era intocável. Com o governo JK, aumentara a inflação e a distância entre ricos e pobres. Havia muita fome, miséria e exploração. Alguns setores do país buscavam o caminho do desenvolvimento.

A juventude universitária começava a

questionar os valores tradicionais e a mocidade presbiteriana partilhou esse momento, vivendo uma fase de intensa atividade e amadurecimento. O jornal presbiteriano Mocidade exercia grande influência sobre os jovens das igrejas em todo o Brasil. Nesse momento a IPB passa a contar em seus quadros com a presença do missionário presbiteriano Richard Shaull, que atuou no Brasil entre os anos 1952-1965. Ele vinha de uma experiência de perseguição religiosa na Colômbia e passou a lecionar no Seminário de Campinas.

Entre os jovens, ele passou a colaborar escrevendo no jornal Mocidade e atuando como conferencista em seus congressos. Ao sentir a desorientação dos moços diante da situação do país, ele escreveu em 1953: “A Bíblia nos orienta para uma vida interessante, dinâmica e positiva, que deve ser dedicada inteiramente à obra de Jesus Cristo no mundo e na igreja.” Os problemas do Brasil com a terra ou a concentração do poder na mão de poucos podiam ser atacados por uma ação política consciente. “Nós, como cristãos, temos de agir dinamicamente na política para garantir a existência de governos com certa orientação e influência cristãs.”

Revolução para ele não era uma palavra para ser utilizada apenas pelos comunistas e da qual se devia ter medo. Para ele, “cada mocidade podia abrir um centro de evangelização num bairro de operários e dirigi-lo”, incluindo “um programa de serviço social, assistência médica, escolas de alfabetização, etc.”

Foi a partir daí que Shaull preparou, a pedido da Confederação da Mocidade Presbiteriana (CMP), um livreto que serviu para o IV Congresso Nacional da Mocidade Evangélica do Brasil realizado em fevereiro

de 1956, em Salvador. Seu título é sugestivo: Somos uma Comunidade Missionária - oito estudos de preparação para o testemunho.

Ali escrevia como líder da mocidade: "para cumprir a sua missão, a igreja tem de fazer o que Cristo fez: entrar na vida do homem e do mundo". Como união da mocidade, "somos chamados para dar testemunho de Cristo entre os homens." Caminhando nessa linha de ação profética, em 1962, a Confederação Evangélica do Brasil, através do seu Departamento de Igreja e Sociedade, realizou em Recife, uma das regiões mais sofridas do continente, a Conferência do Nordeste, quando as igrejas evangélicas se reuniram para discutir o tema "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro".

Conclusão

A situação para a qual o nosso país caminhou no período da ditadura militar e o desenrolar dos acontecimentos nos anos que se seguiram mostrou também o lado difícil que o testemunho frente à política enfrenta sempre. Incompreensões e perseguições surgiram.

O mesmo se deu com os profetas, falando em nome de Deus e denunciando os descaminhos do povo diante da sua vontade santa. Por isso, o desafio da ação política como testemunho de fé permanecerá sempre. A política é um campo de ação importante para o qual Deus nos chama, a fim de testemunhar a boa nova do seu reino como comunidade verdadeira em meio à sociedade humana.

EMBUSCADA UNIDADE



Lição 16

Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos! (Sl 133.1)

Quem dentre nós ainda não sentiu o encanto e o refrigério que nos transmitem essas palavras do salmista? Pois bem, falar da unidade cristã não é tratar apenas de uma doutrina importante. Mais do que isso, é anunciar a imprescindível verdade evangélica da união que Jesus cria entre as pessoas e pela qual sempre devemos orar junto ao Pai.

São inúmeros os textos que, nas Escrituras, mostram o anseio de Jesus e dos apóstolos para que a verdade da reconciliação e da comunhão tenham expressão real entre nós. Eu sou o bom pastor - diz Jesus - conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem a mim, ... elas ouvirão a minha voz : então, haverá um rebanho e um pastor (Jo 10.11,16).

Na oração sacerdotal, ele intercede por nós: "Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós." "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17.11,20-21).

Essas palavras fortes do Senhor Jesus foram vivenciadas pela igreja logo após a experiência do Pentecostes: "E perseveravam

na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações... Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum" (At 2.42,44).

Quando os problemas começaram a ameaçar a igreja - em Corinto surgiram contendas em torno da liderança de Apolo e Paulo - o apóstolo mostrou o risco que os seus membros corriam: "Acaso Cristo está dividido?". Fala, então, o pastor que exorta em amor: "Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes sejais inteiramente unidos... (1 Co 1.13,10).

Em Efésios, Paulo fala da importância de conservar essa unidade para que o grande alvo seja alcançado: "Rogo-vos, pois, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados... esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; ... há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; ... até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.1-3,5,13).

Palavras tão expressivas acerca da unidade, no entanto, só nos fazem lembrar enfaticamente como nos distanciamos da vontade de Deus para a sua igreja. Sim, a cada passo, olhando ao nosso redor, vemos essa vontade contrariada pelas con-

sequências do nosso pecado e egoísmo. Precisamos reconhecer: as dificuldades são enormes.

Dificuldades

De uma certa forma, por causa do denominacionalismo, entre outros fatores, já nos acostumamos com a presença da desunião e do desentendimento, seja em nossa vida pessoal, no convívio com os demais ou na vida da igreja. Muitas vezes, “naturalmente,” passamos a enxergar benefícios na separação e até a justificá-la. As denominações seriam benéficas por trazerem a competição entre os grupos religiosos e, conseqüentemente, o crescimento do número de membros nas igrejas, pensam alguns.

Em conseqüência, cada grupo passa a viver a sua vida, despreocupado com a unidade e sem pensar nos demais. Ou, então, passa a considerá-la como algo para a igreja invisível, como se existisse a possibilidade de separar igreja visível de invisível.

Acontece que os efeitos dessa postura têm constituído uma pedra de tropeço para o testemunho cristão e a evangelização. As pessoas, ao redor, percebem que a mensagem cristã está debilitada. Como podemos falar do amor de Cristo que nos reconcilia uns com os outros, se somos incapazes de praticar essa verdade no convívio com os “irmãos”?

Como falar de Cristo como o príncipe da paz ou como a base do ministério da reconciliação para o mundo? (2 Co 5.18-19) Por esse motivo, a mensagem evangélica tem sido vista, infelizmente, como uma entre as outras apenas. Provavelmente aí esteja uma das razões porque, desde o

século passado, as grandes religiões como o budismo e o islamismo vêm crescendo continuamente no mundo.

Para Paulo, embora o espírito de divisão e rivalidade fosse uma realidade na igreja de Corinto, ele não poderia ser aceito como natural, nem tolerado. Por isso, exortava: “Havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem? ... Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo ... tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo, de Deus” (1 Co 3.3, 21-22).

Outras vezes, a dificuldade aparece quando se menciona a palavra ecumenismo. Para muitos, o ecumenismo implicaria em abandonar pontos fundamentais da doutrina cristã ou esconder as divergências ou ainda ter que aceitar uma super-igreja. Ou que deveremos ter obrigatoriamente uma mesma e única confissão de fé, como se a unidade exigisse o abandono da liberdade e da diversidade.

Na verdade, o ecumenismo tem a ver com um estado de ânimo criado pelo Espírito Santo e manifesto quando as pessoas vivem a comunhão com Cristo e com os irmãos, gerando o amor ao próximo. Ele pode muito bem estar expresso na maneira como Jesus viu e tratou as pessoas “de fora”, como a mulher samaritana, com quem um judeu não devia conversar (Jo 4), ou a mulher que sofria de uma hemorragia e era considerada impura e que foi curada por ele (Mc 5.25), ou, ainda, quando atendeu ao centurião romano, elogiou a sua fé e curou seu empregado (Mt 8.5-13).

Faz parte do verdadeiro ecumenismo todo esforço para a construção de uma unidade fundamental que respeite a diver-

sidade e o direito de divergir, mas, acima de tudo, que permita crescer em amor, a fim de que seja testemunhada a natureza solidária existente no relacionamento entre Pai, Filho e Espírito Santo.

Assim, “o movimento ecumênico é uma expressão do crescente reconhecimento pela Igreja, de que Deus está pedindo que recebamos d’Ele o dom da unidade, a fim de que possamos ser servos mais fiéis à sua missão.” Mais ainda, o “movimento ecumênico, promovido pela ação do Espírito Santo, que leva igrejas a se renovarem e cristãos a converterem o coração, visa, através da oração e atividade concreta e organizada, restaurar a unidade da comunhão visível da igreja”.

Evidentemente que a busca da unidade implica em oração e diálogo, bem como no reconhecimento de que as divergências entre os cristãos existem e são várias. Em tal situação, será que devemos condicionar o primeiro passo a que tenhamos um consenso doutrinário para podermos nos encontrar e dialogar? Ou não seria o caso de nos deixarmos envolver pela presença de Cristo, que nos chama à unidade e, confiados na ação do Espírito, procurar compreender diferenças teóricas para chegar a uma posição que nos permita caminhar juntos e testemunhar o poder de Deus em nosso meio?

A Unidade e Calvino

Sabemos como foi difícil para os reformadores enfrentarem a problemática de uma separação na igreja. Não era intenção nem de Lutero nem de Calvino organizar uma outra igreja. Quando analisamos a Epístola ao Cardeal Sadoletto, pudemos sentir a angústia de Calvino face ao peca-

do da divisão. Lembremos o que ele disse: “Eu sempre testemunhei tanto por palavras como por atos o quanto desejei a unidade. Mas, para mim, a unidade da Igreja é aquela que se inicia e termina em Ti...”

No século XVI, o arcebispo anglicano Cranmer queria promover encontros com os demais reformadores para que as divisões que o corpo de Cristo sofria fossem superadas. A resposta de Calvino foi: “é preciso reconhecer como um dos maiores males do nosso século o fato de que as igrejas estejam assim separadas umas das outras... estando assim os membros dispersos, o corpo da Igreja sangra... Esse problema me importa tanto que, se alguém julgue de alguma utilidade a minha presença a esse encontro, estaria disposto a atravessar 10 mares para ir até lá...” (carta de 1552).

No livro IV das Institutas, quando o reformador de Genebra trata da eclesiologia, citando Filipenses 3.15 sobre o mesmo sentimento de perfeição que deve haver na igreja, diz: “Isto é o que importa. Se, porém, temos divergências sobre questões secundárias, (Deus) nos esclarecerá a seu tempo... não sendo assim necessárias, elas não devem ser matéria de separação...”

A unidade e os presbiterianos

John Leith (A Tradição Reformada, p. 61) diz que, desde o início, os reformados definiram a igreja não em termos de estruturas ou de doutrina correta, mas por sua ação no mundo e pelo sacramento, o que lhes permitiu aceitar outros membros e outros ministérios cristãos. Principalmente entre si, os reformados têm encontrado uma certa disposição para se unir, como aconteceu com os dois grandes ramos do presbiterianismo norte-americano (norte e

sul) que, em 1983, formaram uma só Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA).

Além disso, grandes personalidades presbiterianas têm se destacado na liderança dos esforços mundiais pela união das igrejas na evangelização e no testemunho social. É o caso do teólogo reformado holandês Willem A. Visser 't Hooft (1900-1985), que dedicou grande parte de sua vida a esse trabalho e esteve à frente do Conselho Mundial de Igrejas como seu secretário geral durante quase 20 anos (1948-66).

Uma outra personalidade dedicada à tarefa da reconciliação entre as igrejas, bastante conhecida entre nós pela sua atuação como missionário na América Latina, foi o Dr. João Mackay (1989-1983), um pastor presbiteriano escocês, que se tornou presidente do Seminário Presbiteriano de Princeton. Ele não só fundamentou em educação teológica o Ecumenismo como uma "ciência da Igreja Universal", como desempenhou um papel muito importante para que os presbiterianos dos E.U.A., afinal, concretizassem a sua união, o que ocorreu no ano de sua morte, em 1983. Outros presbiterianos de renome no mundo e em nosso país têm lembrado a necessidade de nos dedicarmos à unidade da Igreja pelo testemunho de Jesus Cristo.

No Brasil

No presbiterianismo brasileiro, tivemos também ilustres personalidades que dedicaram sua vida ao sonho com a união das igrejas cristãs. Mais de uma vez fomos lembrados da importância de nos dedicarmos à unidade da igreja para um verdadeiro testemunho de Jesus Cristo perante o mundo.

O erudito pastor presbiteriano Erasmo Braga (1877-1932) foi uma delas. Tendo participado do Congresso do Panamá (1916), ele foi um dos criadores da Comissão Brasileira de Cooperação, que buscava uma ação conjunta por parte das denominações evangélicas em nosso país. Por sua vida, dedicada à causa da união das igrejas, ele foi chamado pelo rev. Júlio Andrade Ferreira de "O Profeta da Unidade". Foi ele quem liderou a organização da Federação Evangélica do Brasil, mais tarde, Confederação Evangélica do Brasil (1934).

O rev. Epaminondas Melo do Amaral, pastor da IPI, foi também uma dessas ilustres personalidades. Atuou como secretário geral da Confederação Evangélica do Brasil e denominava o problema da divisão do protestantismo como O Magno Problema. Com esse título publicou um livro em 1934, chamando a atenção para a questão e conclamando os evangélicos a se unirem. Ele foi um seguidor das idéias do rev. Erasmo Braga.

Para o rev. Epaminondas, "bem poderíamos aplicar as palavras do Mestre à nossa atual situação - "não foi assim desde o princípio", e foi a dureza dos corações que causou os males do presente... Nem no princípio da Igreja Cristã, nem do da Reforma foi assim... mas causas diversas... chegaram à espantosa divisão de nossos dias."

E estes que mencionamos são apenas alguns dos que não se conformaram com as separações na igreja.

Afinal, vale a pena relembrar as palavras do rev. Alfredo Borges Teixeira, um dos fundadores da IPI do Brasil, sobre a questão da união dos presbiterianos no Brasil. Em 1953, por ocasião da comemoração dos 50 anos da separação da Igreja Presbite-

riana, falando como único sobrevivente daquele episódio histórico e olhando-o à distância, revelou uma profunda sinceridade e consciência da importância da unidade para a igreja de Cristo.

Sonhando com a reconciliação entre presbiterianos e independentes, suas palavras ainda hoje nos impressionam: “errou o Sínodo em não fazer justiça às idéias nacionalistas... e nós, os que nos consti-

tuímos em Igreja Independente erramos também em termos apresentado a questão de modo ameaçador... e em termos nos retirado... Aí vem o centenário do Presbiterianismo... Ambas as igrejas têm o direito de celebrá-lo e quão belo seria que fizessem unidas! Eu que sou o último representante do Sínodo de 1903... teria grande alegria de ver essa união antes da minha partida.”



Lição 17

SEMPRE SE REFORMANDO

Se há uma coisa que os cristãos reformados/presbiterianos não podem dispensar em sua prática de vida é a necessidade de renovação constante. Esse tem sido o lema sustentado desde os reformadores no século XVI: Igreja Reformada Sempre se Reformando. É, pois, uma bandeira a ser levada e sustentada como indicação de uma diretriz e de uma identidade.

Apesar disso, como acontece com os caminhos já conhecidos, percorridos sempre com muita facilidade, eles são os preferidos. As resistências sempre aparecem quando se trata de procurar um novo percurso. Em geral, os velhos caminhos oferecem segurança e passam a ser estimados pelos que neles caminham.

A caminhada da fé, entretanto, costuma ser marcada pelo desconhecido. Para alguns, ela é uma caminhada de aventura. Nela as pessoas são conduzidas não pelo seu próprio conhecimento nem por suas próprias seguranças, mas por aquilo que Deus estabelece e para que chama o seu povo.

Foi o que aconteceu com Abrão, quando chamado por Deus. "Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação..." (Gn 12.1-2). Partiu sem saber para onde ia, como diz o cap. 11.8 do livro de Hebreus,

onde aparecem muitos outros servos de Deus que viveram pela fé. E, assim, tem ocorrido com muitos cristãos através dos tempos.

Martinho Lutero por certo foi um deles quando, no século XVI, teve de iniciar uma jornada totalmente nova e provavelmente representando muitas incertezas para ele. Ao invés de se acomodar, face a tantos obstáculos impostos pelas autoridades da igreja, foi em frente sem saber exatamente o que haveria de acontecer. Passado muito tempo, ao pensar sobre as coisas prodigiosas que haviam acontecido por seu intermédio, dizia confiante: "Não fui eu quem fez. Enquanto eu dormia, a Palavra de Deus agiu".

Uma outra dificuldade no esforço para se levar a sério esse princípio reformado é o fato de que nem sempre as pessoas querem ver com olhos críticos aquilo que são ou fazem. Elas se sentem inseguras e desconfortáveis com isso, preferindo uma atitude mais condescendente que, no entanto, pode ser menos transparente.

Por certo, se faz necessário um espírito de bom senso ao tratarmos dessa questão. Renovação não significa acatar todas as "novidades" que aparecem. Pode significar, isto sim, uma abertura para práticas e caminhos novos que Deus nos indica e que podem exigir o abandono dos caminhos batidos. Mas isso deve ser feito com

convicção cristã e não de qualquer forma, sem uma razão clara para isso. Também podemos estar atentos para que essas “razões” e bom senso não constituam desculpas para nos mantermos na indecisão ou resistência.

No caso dos reformadores, houve a percepção de que a fé precisava ser renovada e que a tradição da igreja era um obstáculo para isso. Romperam então com ela e estabeleceram como princípio a Escritura somente (*Sola Scriptura*). Não era bem uma rejeição da tradição, como às vezes se pensa, mas o estabelecimento de um critério para utilizá-la.

Calvino sabia que existia uma verdadeira tradição e outra falsa, e que era preciso distinguir entre elas. Em sua Instituição da Religião Cristã (*Institutas*), ele mostra constantemente como teve que fazer isso, mas, ao mesmo tempo, estar voltado para uma nova maneira de compreender e interpretar a fé.

As Confissões

Em nosso caso, como reformados, ao contrário de outros grupos religiosos, temos uma tradição religiosa que, muitas vezes, sem sabermos direito, é responsável por muito daquilo que conhecemos sobre Jesus Cristo, a nossa salvação e missão no mundo. De certa forma, muito dessa tradição está incorporado nas inúmeras confissões de fé reformadas que existem e das quais a Confissão de Westminster é um exemplo.

Essas confissões foram elaboradas em muitos países e épocas diferentes, e prestaram o importante serviço de ser uma espécie de balize orientadora da igreja a fim de testemunharmos o nome de Jesus Cristo. Por isso, elas são apreciadas e valorizadas. Mesmo assim, é preciso ter

em mente sempre o seu caráter relativo e temporário.

Sem o traço absoluto que às vezes se pretende dar a essas confissões, fica claro que elas devem estar sempre sob juízo e sujeitas a reformas. O fato mesmo de existirem uma centena delas já indica o seu caráter localizado e provisório. Ou seja, elas foram elaboradas para que, em determinado contexto histórico, os cristãos reformados/presbiterianos pronunciassem com clareza, a partir da Palavra de Deus, o sentido da fé cristã para suas vidas e comunidades. Com esse espírito elas foram elaboradas em muitos lugares como a França (Confissão Galicana), Escócia (Confissão Escocesa), na Alemanha (Catecismo de Heidelberg), nos Estados Unidos (A Confissão de 1967).

Nenhuma dessas confissões pode inutilizar as outras ou ser considerada a única válida. Todas elas constituem tentativas feitas pelas igrejas e seus representantes nos concílios, a fim de interpretar as Escrituras novamente para a sua situação, uma tarefa que nunca estará terminada.

Esse trabalho de revisão constante e correção tem o seu lugar “porque todas as confissões são obras de seres humanos e igrejas limitados, falíveis e pecadores” como escreve o Dr. Guthrie, em capítulo dedicado ao Relativismo Religioso da Tradição Reformada (p. 43 ss.). Para ele, as confissões elaboradas pelos concílios são de extrema importância, mas não são regras fixas e sim “ajuda” tanto para compreender a fé como para viver prática dessa fé.

Esse relativismo tem a ver principalmente com o fato de que essas declarações de fé, como tudo o mais na vida, são condicionadas “histórica e culturalmente.” Esse reconhecimento da sua natureza relativa, no

entanto, em nada diminui o seu valor. Com elas se pretende que “a igreja testemunhe aquilo que as promessas e as exigências do evangelho significam para o nosso tempo, à luz do moderno conhecimento científico e filosófico, em resposta ao mundo pluralista multi-religioso e multi-cultural, no qual temos de aprender o que significa para nós ser cristão” (p. 55).

Essa compreensão da fé que constantemente se renova tem muito a ver com a sua contemporaneidade e relevância para cada época. Assim tem acontecido em muitos momentos da vida da igreja. Tomemos mais uma vez o caso dos reformadores. Se eles conseguiram expressar a fé de um novo modo, que alcançou grande reconhecimento por parte das pessoas, foi por causa de sua atualidade. Para eles, a mensagem bíblica devia poder responder às questões que as pessoas enfrentavam em seu tempo.

Fé contemporânea

Uma questão de fundo, que ampliou o alcance da obra de João Calvino na Europa no século XVI, foi a compreensão que este reformador teve das angústias e perplexidades que as pessoas estavam vivendo. Já vimos como, em meio às transformações que vinham ocorrendo e que geravam grande insegurança, o povo pôde sentir o conforto que o ensino bíblico sobre a soberania de Deus trazia. Calvino deixou claro como Deus em sua graça, cuidava da salvação das pessoas, do mundo e da história humana. E, acima de tudo, que as pessoas podiam confiar nesse cuidado amoroso da parte do criador e de sua providência.

Mas Calvino também tentou compreender problemas específicos vividos pela

sociedade de seu tempo, procurando responder a eles. Um deles foi a sua percepção acerca do lugar que os burgueses tinham na sociedade medieval e na sua economia, sendo muitas vezes incompreendidos e mal vistos. Esses comerciantes eram condenados pela igreja por uma atividade que gerava lucros e cobrava juros.

Os teólogos, firmados no ensino do filósofo Aristóteles, admitiam o lucro apenas no caso do trabalho que produzia algo. Para eles, dinheiro não poderia gerar dinheiro. E os juros eram condenados como sendo o pecado da “usura”. Como fazer?

O prof. Richard Shaull, na década de 60, mostrou a importância das pesquisas de André Biéler, sobre o papel que Calvino desempenhou na mudança desse quadro. Para ele, o reformador de Genebra demonstrou, através do estudo exegético de textos do Antigo Testamento e de sua releitura, que uma coisa eram os juros cobrados de um camponês que, por causa de uma tormenta, perdera os seus bens e necessitava de dinheiro. Bem outra, era emprestar um capital para que uma pessoa o utilizasse na produção e, por meio dela, obtivesse lucros. Neste último caso, os juros cobrados não só eram legítimos, como justos. Além disso, Calvino ressaltou como os empreendedores burgueses podiam ter o seu trabalho com uma vocação de Deus para o serviço aos demais e à construção do reino na terra.

Na atualidade, a igreja muitas vezes tem sido chamada a tomar posições pioneiras e renovadoras com relação a determinadas questões. Em 1999, a Assembléia Geral da IPI achou por bem, após anos de discussões e debates, com estudos de aprofundamento, aprovar o ministério feminino para o presbiterato e o pastorado.

Fez isso depois de várias igrejas reformadas em todo o mundo.

Sobre isso e a posição de Calvino sobre o assunto, é interessante a posição da profa. Jane Dempsey Douglas, do Seminário de Princeton. Para ela, "Calvino foi o único reformador do século XVI a perceber que a proibição de admissão de mulheres nos ministérios da igreja não se fundamenta nos decretos eternos de Deus, mas no costume social humano."

Conclusão

Ao chegar ao final desse nosso trabalho, não podemos deixar de mencionar as armadilhas a que ele está sujeito. Ao fazer um recenseamento de uma série de tópicos referentes ao estilo de vida reformado e suas idéias, acabamos chamando atenção para a nossa tradição. Se, por um lado, buscamos compreendê-la no sentido de revitalizá-la para que nos leve a servir melhor a Jesus Cristo, por outro, podemos ser levados pelo que é secundário, ou seja, o orgulho vão.

O que mencionamos acima e que se aplica muito bem aqui é que ele só pode nos valer se a utilizarmos de modo auto-crítico. É lembrando de suas fragilidades como as de um andaime, que é utilizado na construção de um prédio, que podemos nos

valer adequadamente dela. Os seres humanos, muitas vezes personagens ilustres, que nas mãos de Deus têm sido utilizados através da história e que nos servem de inspiração, são pessoas falhas marcadas pelo pecado em suas vidas, como acontece com todos. Só fazendo esse dimensionamento poderemos apreender adequadamente o que foi rememorado da tradição reformada e que nos serve de material para reflexão.

Em último lugar, é preciso deixar claro que nem mesmo o mais importante representante dessa tradição, nosso mestre João Calvino, está fora dessa avaliação. Ele também foi marcado pelas limitações que a condição humana impõe a todos e era muito consciente delas. Lembrá-lo, mais uma vez, nos faz pensar em como olhamos para ele e, pensando nisso, as palavras do teólogo mais importante do século XX, Karl Barth, seguidor de Calvino, vêm a propósito:

"Reconhecemos em Calvino um exemplo e um modelo na medida em que ele mostrou à Igreja de seu tempo, de maneira inesquecível, o caminho da obediência, obediência no pensamento e nos atos, obediência na vida social e política. Um verdadeiro discípulo de Calvino, pois, só pode fazer o seguinte: obedecer, não a Calvino, mas àquele que foi o mestre de Calvino."

BIBLIOGRAFIA

1. A Tradição Reformada - uma maneira de ser a comunidade cristã. John Leith. Publicações João Calvino. S. Paulo, Pendão Real, 1997.
2. Grandes Temas da Tradição Reformada. Donald K. McKim (ed.). Publicações João Calvino. S. Paulo, Pendão Real, 1999.
3. Sempre se Reformando - A Fé Reformada em um Mundo Pluralista. S. C. Guthrie. Publicações João Calvino, S. Paulo, Pendão real, 2000.
4. Teologia dos Reformadores. Timothy George. S. Paulo, Vida Nova, 1994.
5. O Pensamento Econômico e Social de Calvino. André Biéler. S. Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990.
6. A Força Oculta dos Protestantes. André Biéler. S. Paulo, Editora Cultura Cristã, 1999.
7. De Dentro do Furacão. Richard Shaull e os Primórdios da Teologia da Libertação. Cedi/Clai/C.da Religião, 1985
8. O Pensamento da Reforma. Henri Strohl. S. Paulo, Aste, 1963.
9. História da Igreja Cristã. W. Walker. S. Paulo, Aste, 1967.
10. Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental. W.S.Reid (ed.). S. Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990.
11. Mulheres, Liberdade e Calvino - o Ministério Feminino na Perspectiva Calvinista. Jane Dempsey Douglass. Manhumirim, Didaquê, 1995.
12. Calvino, sua Vida e sua Obra. Vicente Themudo Lessa. S. Paulo, CEP, s/data.
13. João Calvino Era Assim. Thea B. Van Halsema. S. Paulo, Editora Vida Evangélica, 1968
14. Calvino e sua Herança. Joãozinho Thomaz de Almeida. Vitória, 1996.
15. Dádiva e Louvor. Artigos Seleccionados. Karl Barth. S. Leopoldo, Editora Sinodal, 1986.
16. A Era dos Reformadores. Justo Gonzalez. S. Paulo, Vida Nova, 1980.
17. Eu Faço Parte desta História. Héleron Silva, nos Moura e Mônica Moraes. S. Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 2002.
18. As Institutas da Religião Cristã. João Calvino. S. Paulo. CEP, 1985,89.
19. Dogmática Evangélica. Alfredo Borges Teixeira. S. Paulo, 1986, 3a. edição.
20. O Culto Cristão - Teologia e Prática. J.J. von Allmen. S. Paulo, Aste, 1968.
21. O Livro de Confissões. S. Paulo, Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1969.
22. La Doctrina del Espiritu Santo. Hendrikus Berkhof. B. Aires, La Aurora, 1969.
23. «A Doutrina da Predestinação-Eleição segundo Karl Barth». Claude Labrunie. Em revista Simpósio, no. 37. S. Paulo, Aste, 1994.
24. John A. Mackay. Um escocês com alma latina. John H. Sinclair. Manumirim, MG, Didaquê, 1989.

Reformados pela Palavra

Editada pela Associação Evangélica Literária Pendão Real

Rev. José Carlos Volpato
Secretário de Educação Cristã
Fone/Fax: (014) 6823 5055
e-mail: secec@uol.com.br

Rev. Luiz Alexandre Solano Rossi
Coordenador das Revistas “A Semente” e “O Luzeiro” da Secretaria de Educação Cristã

Colaborador
Rev. Eduardo Galasso Faria

Revisão
Rev. Gerson Correia de Lacerda

Idealização da Capa
Rev. Mauro Roberto de Souza Castro

Foto da Capa
Rev. Enos Gomes da Silva

Projeto Gráfico e editoração eletrônica
Sheila Amorim Souza
(11) 2545-7555

Impressão
Art Gráfica Potyguara
(11) 2969-4077

Fotolito da Capa
Dubau Studio Gráfico e Fotolitos
(11) 2977-8672